

REVISTA DA SEMANA

N.º 41

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

11-10-47





DE GAROTA PRODIGIO A ENCANTADORA MULHER

A PESAR dos seus dezoito anos, Shirley Temple já pode ser considerada uma mulher, e que mulher encantadora, uma vez que já é Mrs. John Agar, e sua felicidade reside justamente nisso.

Shirley, que há anos passados ditava a moda para as meninas do mundo inteiro, mantém ainda o mesmo prestígio, como as nossas leitoras podem ver por estes deliciosos modelos que ela nos oferece para a próxima estação. O primeiro é um "duas-peças" estampado com enfeite em tecido unido, o segundo é também estampado, com gola esportiva e mangas japonesas. Shirley se apresenta nos jardins de sua casa com o seu cão favorito...



O PERADA pelos seus médicos assistentes, a senhora Carmela Dutra, esposa do general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, permaneceu durante vários dias entre a vida e a morte, melhorando, felizmente, no momento em que encerrávamos esta edição. Recolhida ao Hospital Central de Aeronáutica, a ilustre dama foi carinhosamente assistida pelo general Dutra e pessoas de sua família, nas horas críticas que se seguiram à operação a que fora submetida. Inúmeras pessoas foram ao referido hospital, fazer visitas à ilustre dama e exprimir seus votos de pronto restabelecimento. Segundo o "Diário Trabalhista", pessoa das relações da família Dutra, foi de avião, a Urucânia, ali gravando uma bênção especial do padre Antônio Pereira Pinto, que está com fama de milagroso, sendo essa gravação ouvida atentamente pela senhora Carmela Dutra, em presença de membros da família e de pessoas amigas. Tiveram lamentável repercussão na opinião pública os vergonhosos atestados que alguns máis elementos de Duque de Caxias passaram a si mesmos, atacando a tiros o local onde se achava instalada a junta apuradora das últimas eleições. Foram acusados como implicados nesses tristes acontecimentos um deputado estadual, o sr. Tenório Cavalcanti, da U. D. N. do Estado do Rio, e um primo do mesmo, que é contínuo da Câmara Federal. O governo fluminense declarou ter aberto inquérito e estar interessado na punição dos culpados. Não lhe cabia fazer outra coisa. E' preciso que as eleições sejam prestigiadas e as urnas respeitadas. Sem isso, não poderemos chegar a praticar a verdadeira democracia. Segundo os telegramas, a imprensa russa atacou desabridamente o presidente Truman, o secretário de Estado Marshall, o ministro do Exterior da Austrália, sr. Evatts, qualificado de "lacaio do dólar", e, ainda, o presidente Eurico Gaspar Dutra. Dessa vez, pelo menos, tem o chefe do governo brasileiro um consolo: foi atacado em muito boa companhia... O sr. Winston Churchill, na Inglaterra, atacou a orientação política do trabalhismo (ele não pode perdoar ao partido, hoje fortíssimo, que o apeou do poder), fazendo ainda a declaração de que se faz necessária uma ação imediata, nas ilhas britânicas, contra as atividades do comunismo e do fascismo. Enquanto isso, na Polónia, se reuniram delegados dos Partidos Comunistas de vários países europeus, para assentar medidas tendentes a favorecer a expansão do credo moscovita. Na Itália, houve uma tentativa para a derrubada do ministério chefiado por Alcides de Gasperi, mas o primeiro ministro republicano saiu vitorioso por grande maioria, que, assim, derrotou a mão de censura que lhe era dirigida. E os Estados Unidos, com o intuito de fortalecer a posição de Alcides de Gasperi contra os comunistas, abriram mão dos navios de guerra italianos, a quem deviam ter direito, de acordo com as cláusulas navais do Tratado de Paz imposto à Itália. O ministro do Exterior, sr. Carlo Sforza, foi muito aplaudido quando comunicou essa "vitória diplomática" à Assembléia Nacional, em Roma. Na ONU, a senhora Eleanor Roosevelt, viúva do grande presidente da Vitória, e delegada oficial norte-americana, falou sobre liberdade de imprensa, tal como deve ser entendida democraticamente, fazendo o elogio do sistema norte-americano, onde os jornais não sofrem o menor controle. Dizem os telegramas que foram fortes as alusões que fez ao discurso do sr. Vishinsky, delegado da Rússia, e a ausência de liberdade de imprensa em vários países, inclusive a União Soviética, a Argentina, a Espanha, etc. Os telegramas dizem que o sr. Oswaldo Aranha, presidente da assembléia geral da ONU, almocou em companhia dos srs. George Marshall, secretário de Estado norte-americano, e Georges Bidault, ministro do Exterior da França, tendo, ainda, conferenciado com o sr. Vishinsky, procurando reaproximar a Europa das Américas. Outros telegramas dizem que o embaixador brasileiro está apreensivo com o agravamento da tensão internacional. Entretanto, na mesma ocasião, o general Dwight D. Eisenhower deu uma entrevista, em que asseverou que "nenhuma grande potência ousaria provocar uma guerra deliberadamente e que os Estados Unidos não estão preparados para uma guerra, porque nenhuma nação democrática está presentemente preparada para lutar". Depois de tantas notícias internacionais, aqui vai mais uma, relativa ao horror dos horrores. — a mortandade em massa causada pela bomba atômica. O telegrama é da Reuters, datado de 4 do corrente, e diz: "Os cadáveres de mais de 600 vítimas da bomba atômica lançada em Hiroshima foram encontrados agora na ilha de Ninoshima, a 3 milhas ao sul daquela cidade — segundo acaba de ser revelado nesta capital. Os cadáveres são das últimas pessoas a perecerem dentre os vários milhares de vítimas que fugiram para a ilha de Ninoshima logo depois que a bomba atômica foi lançada em Hiroshima há mais de dois anos atrás. O grupo de socorro, composto de funcionários do governo japonês, que localizou os cadáveres, deparou com cenas dantescas na ilha onde se registava a maior putrefação em massa já observada até agora". Chega, porém, de tragédia... Vamos, agora, a um pouco de comédia, — de comédia que nos chega pelo telégrafo, neste despacho da Associated Press: "O jornal 'Il Momento', informa que a Igreja de Santa Maria, em Nápoles, esteve repleta de pessoas que assistiam ao casamento de Mario Licita, de 26 anos, com Maria Cioffi, de 25, quando o padre perguntou ao noivo ajoelhado — 'Aceita Maria Cioffi como sua esposa?'. Mario, em voz firme que ecoou através de toda a igreja, respondeu: 'Não', e atirou-se para fora do templo. A noiva desmaiou, seus pais e parentes saíram em perseguição de Mario. Dois 'carabinieri' que passavam pelo local, salvaram-no de um possível linchamento.". Em Montevidéu, líderes democráticos paraguaios, coronel Alfredo Galeano e major César Aguirre, afirmam o propósito de continuar lutando contra a ditadura de Morínigo. Outro ditador truculento, o de Santo Domingo, está muito contente, porque o governo de Cuba dissolveu a legião que ali estava se formando para combatê-lo. E ainda dizem que o crime não compensa! Há 17 anos, o governo de Trujillo não é senão um rosário de crimes. Causou sensação a demissão do sr. Themistocles Cavalcanti, do cargo de procurador geral da República. Declarou ele a "O Globo", que não se exonerou, — e sim que foi demitido! E demitido porque não queria agir automaticamente, sob as ordens do ministro da Justiça. O novo procurador geral é o sr. Luis Gallotti. A estas horas, Belo Horizonte está se preparando para receber as delegações ao II Congresso Brasileiro de Escritores, que ali vai se realizar, com a presença de figuras eminentes das nossas letras. E, por hoje, chega... Até sábado vindouro!

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade



nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na rólha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OPINCE-NEZ

OFICINA DE 1.º ORDEM AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

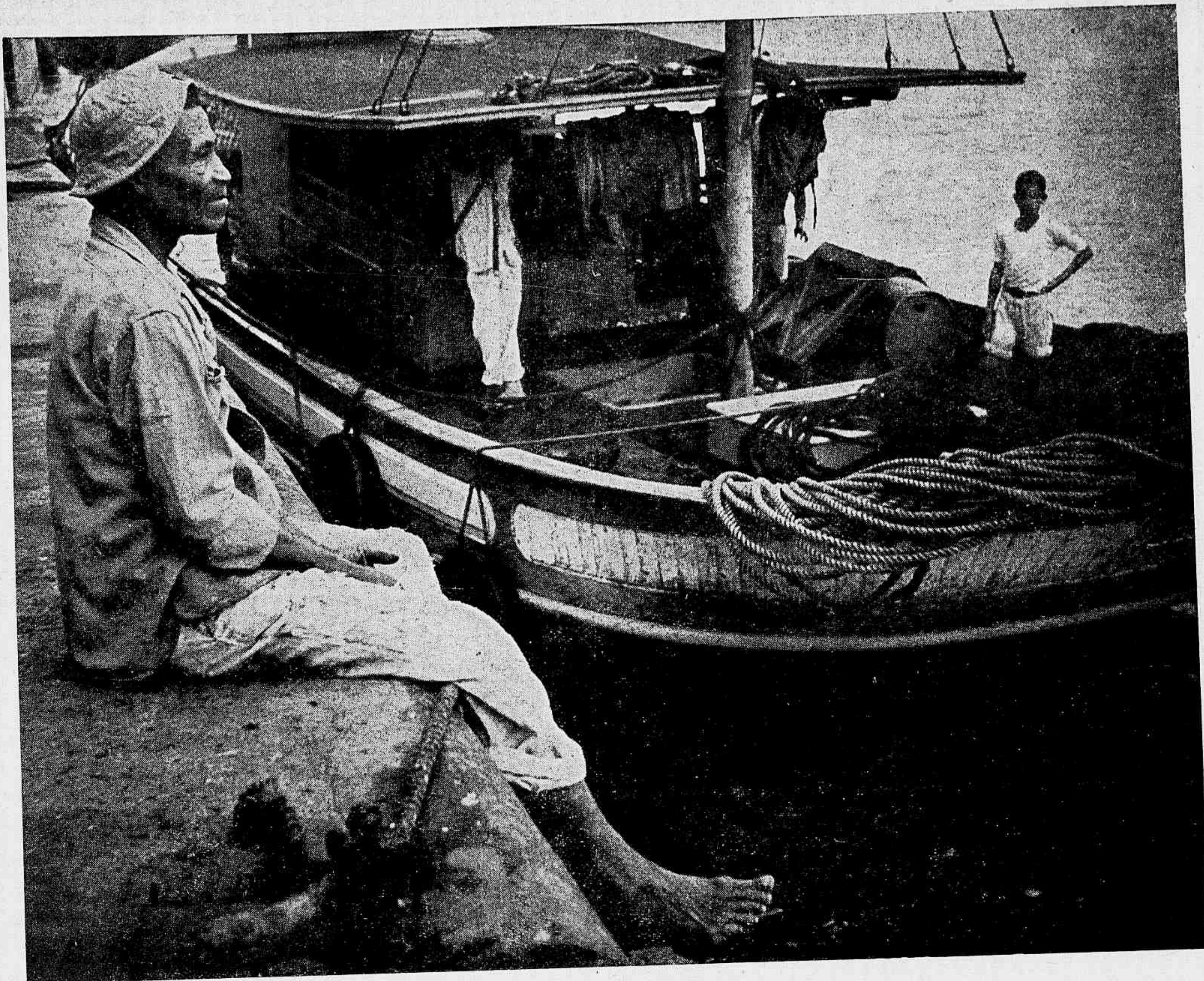
R. CARIOCA N.º 28

Foalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JÓIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES



O ex-marinheiro João Cândido, que durante cinco dias, comandou dois dos maiores encouraçados do mundo e dois mil marinheiros. A rebelião da marinhagem, em 22 de novembro de 1910, impôs a abolição dos castigos corporais em nossa Marinha de Guerra. A direita: um "close-up" de João Cândido, hoje com sessenta e sete anos de idade.

CINCO DIAS QUE ABALARAM O RIO

JOÃO CANDIDO, O HERÓI NEGRO DA REVOLTA DOS MARINHEIROS — COMO FORAM ABOLIDOS OS CASTIGOS CORPORAIS NA MARINHA DE GUERRA — O REGIME DA CHIBATA, PROIBIDO PELO PRIMEIRO GOVERNO REPUBLICANO, CONTINUAVA A PREVALECER ILEGALMENTE, COMO UMA TRADIÇÃO VINDA DO IMPÉRIO — RECORDANDO O SENSACIONAL EPISÓDIO DE 1910, EM CONVERSA COM O "ALMIRANTE", HOJE SIMPLES DESCARREGADOR DE PEIXE — AS 385 CHIBATADAS EM MARCELINO RODRIGUES — AINDA SE CONSIDERA "UM HOMEM DO MAR".

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

UM TESTEMUNHO INGLÊS SOBRE O CHEFE DA REVOLTA DA ESQUADRA

LORD BRYCE ESCREVEU SOBRE O MARINHEIRO JOÃO CANDIDO:
"A BIG MAN OF ENERGY AND RESOLUTION"

Em seu livro "South America" (Observations and Impressions), o autor inglês e diplomata Lord Bryce (nascido James Bryce), fixou o momento da revolta dos marinheiros, que testemunhou, pois se achava no Rio, nessa época, completando sua famosa excursão através dos países latino-americanos. A propósito desse acontecimento, escreveu Lord Bryce, à página 396 da edição do seu livro, lançado em Nova York em 1912:

"Todos os navios estavam nas mãos dos tripulantes, que, ao que constava, obedeciam a oficiais não-comissionados, de sua própria cor, e eram chefiados por um negro chamado João Cândido, um grande homem de energia e resolução, que mostrou seu pulso e seu domínio da situação, ordenando que todas as bebidas alcoólicas do 'Minas Gerais' fossem atiradas ao mar. As queixas formuladas pelos marinheiros eram excesso de trabalho, salários insuficientes e frequentes castigos corporais. Rumores ligaram os nomes de políticos proeminentes com a insurreição, mas tanto quanto se pôde apurar no momento e mais tarde, não tinham fundamento tais suposições. O motim parece ter sido um ato espontâneo das tripulações, que, como foi lembrado, regressavam de Lisboa, cenário de uma revolução recente e onde podiam ter contraído o germe da rebelião."

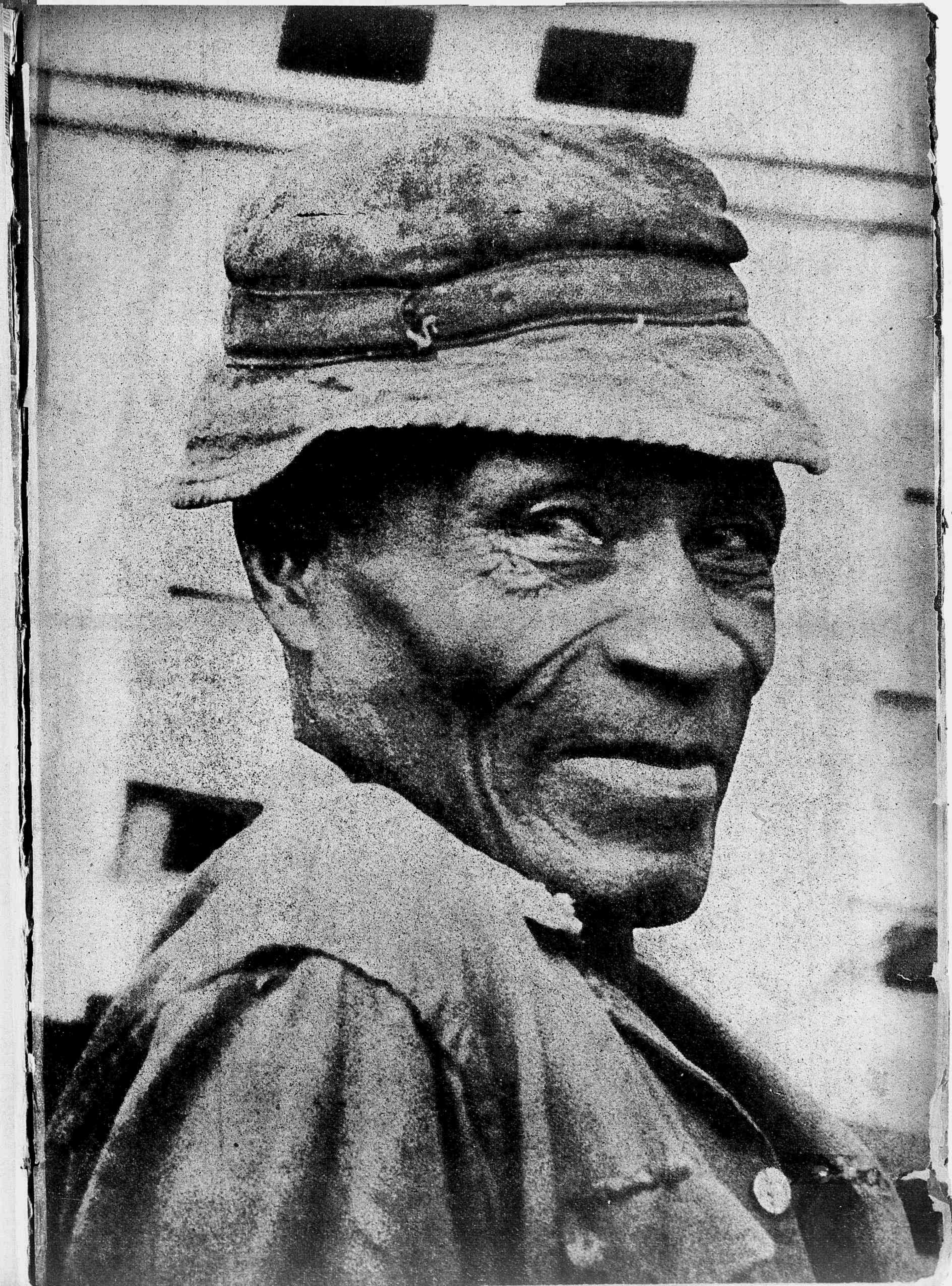
Nesse livro, Lord Bryce descreve o canhoneiro da Ilha das Cobras e acrescenta que, quando chegou a Pernambuco, soube que a paz havia sido restaurada, por ter a Câmara votado a anistia com eloquentes discursos e prometido atender às reivindicações dos marinheiros.

TODAS as noites aquele preto de sessenta e sete anos de idade desce de Vila Rosal, arrabalde de São João do Meriti, para o Rio de Janeiro. As três horas da madrugada já está contratando serviço de descarga do peixe no Entrepósito de Pesca da Praça Quinze. E trabalha "duro" das quatro às oito da manhã. Há vinte e nove anos consecutivos vem fazendo esse serviço de descarga dos barcos peixeiros ali no Entrepósito. É um negro trabalhador, honesto e simples. E ainda que não pareça, é um herói nacional. O povo e a marinhagem sabem disso. Num dos últimos carnavais, o seu busto aparecia no carro chefe do préstito organizado pelo Arsenal de Marinha. A seu respeito correm lendas. Dizem seus amigos humildes que a fama dele correu tão alto pelo estrangeiro que o Japão quis contratá-lo para a sua marinha de guerra. É o ex-marinheiro que chefiou a revolta da esquadra, em 1910.

QUEM É JOÃO CANDIDO?

Ao estalar a revolta comandada por esse marinheiro, um jornal fazia esta pergunta e informava aos seus leitores:

"João Cândido é um marinheiro de primeira classe e que em várias administrações navais mereceu certa proteção. É um marinheiro de relativa instrução e a isso deve-se-lhe o grande prestígio que goza entre os seus camaradas de armas, João Cândido, o orador oficial em todas as festas promovidas pela Marinha, conseguiu preparar a esquadra revoltosa de uma maneira admirável, não se esquecendo do menor detalhe. Rápido envergando a farda de capitão de mar e guerra, o marinheiro João Cândido mantém entre os seus comandados o maior respeito. Animou-os, dando as providências necessárias quanto ao encaminhamento da revolução. O capitão de mar e guerra, José Carlos de





Carvalho, que parlamentou com os revoltosos, elogiou o modo por que encontrou a esquadra rebelde”.

Essas são palavras textuais, de um jornal conservador Verdadeiras, portanto, quando elogiavam um revoltoso. A nossa Marinha foi transformada, por esse negro humilde, que pôs termo aos castigos corporais e, com isso, conquistou um lugar em nossa história naval.

O JOÃO CÂNDIDO DE HOJE

Agora, o retrato de João Cândido de hoje. É um trabalhador humilde, que madruga para ganhar a vida na descarga de peixe. Tem a sustentar sua mulher (é casado pela terceira vez) e três filhos menores, tendo a caçula apenas oito anos de idade. Não guarda ressentimentos, nem se lamenta por ter sido aliado da Marinha. Acha que cumpriu seu dever de homem de bem, batendo-se por uma vida decente para os marinheiros, sem as torturas dos tempos medievais. Sua paixão ainda é o mar. Fica para morrer de alegria quando um barco peixeiro do sul, desconhecedor da nossa baía, toma-o como “patrão” para ensinar ao timoneiro o rumo certo. Feve, porém, uma grande tristeza. Foi quando soube que o seu nome não consta mais dos arquivos oficiais da nossa Marinha de Guerra. Soube disso quando requereu ao ex-ditador Getúlio Vargas o seu aproveitamento na Marinha de Guerra, pedindo re-inclusão no quadro de marinheiros. A resposta dada pelo Ministério — segundo nos diz João Cândido — foi curiosa. Não foi alegada a inconstitucionalidade do pedido. Responderam apenas que João Cândido, o requerente, nunca havia servido na Marinha de Guerra Nacional.

— Sentí a mesma coisa — diz-nos o ex-marinheiro — que sentiria Napoleão, em Santa Helena, se lhe tivessem dito que nunca fora um general de França.

Os jornais de novembro de 1910 estão repletos de manchetes sobre a revolta dos marinheiros. A Câmara e o Senado trataram durante dias seguidas do caso. Ruy Barbosa, como senador, bateu-se veemente pelos rebelados. Vamos nós, trinta e sete anos depois, recordar a rebelião.

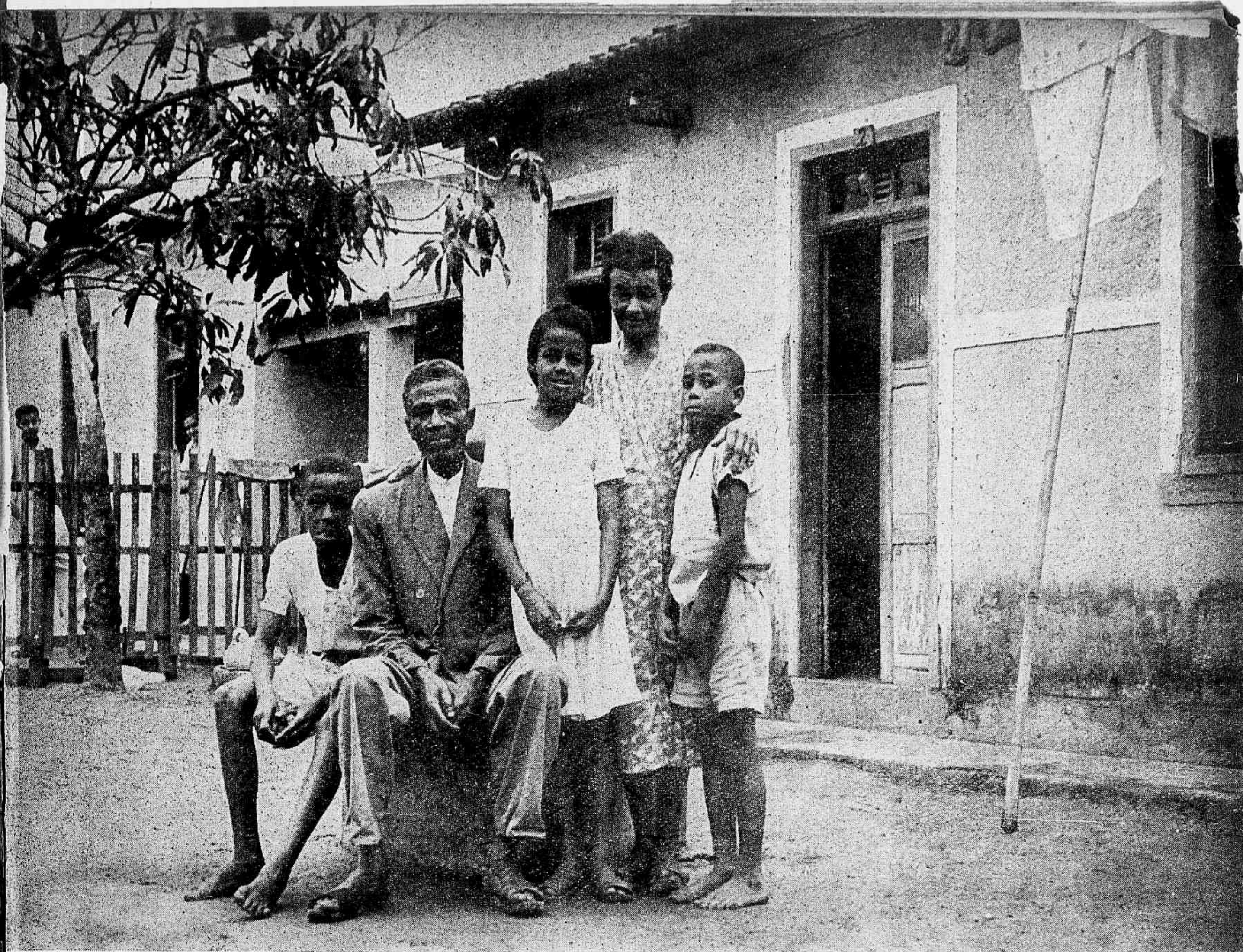
O REGIME DA CHIBATA

Ruy Barbosa teve a audácia de gritar no Senado que o decreto do nosso primeiro governo republicano, em 1889, proibindo nas forças armadas o uso de castigo corporal, o “regime do pau e da chibata”, não tivera nenhum valor prático na Marinha de então, que era um foco de reação monarquista. Continuavam os nossos marinheiros a sofrer as mesmas torturas e humilhações, como se ainda estivessemos nos tempos dos corsários. Foi preciso que uma rebelião armada pusesse fim àquelas vergonhas. Foi este o mérito histórico e o proveito moral da revolta dos marinheiros de 1910, — mérito e proveito que ninguém poderá contestar.

A NOITE DE 22 DE NOVEMBRO

Fazia uma semana que o novo presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, fora empossado. Nessa noite de 22, o Marechal assistia a um baile no Clube da Tijuca, oferecido pelo seu irmão doutor Fonseca Hermes. Pouco depois da meia-noite ouviram-se os primeiros tiros, vindos do mar. O doutor Belisário Távora, chefe de Polícia, há pouco falecido, foi saber o que havia. Somente na manhã de 23 a opinião pública se inteirou do que estava acontecendo. Os nossos navios de guerra, os encouraçados “Minas Gerais” e “São Paulo”, secundados depois por outras unidades, tinham iniciado a rebelião. Foi uma surpresa geral. Nenhuma das autoridades policiais previra a revolta. Foi um corre-corre tremendo. Guarnições militares desciam às pressas para

Nesta casa, à rua Tobias Barreto, 65 — hoje rua Gonçalves Ledo, foi instalado, de 1906 a 1910, o comitê revolucionário, chefiado por João Cândido. Todos os planos de ação, comandos e chefias foram resolvidos ali, na própria residência do futuro comandante da revolta.

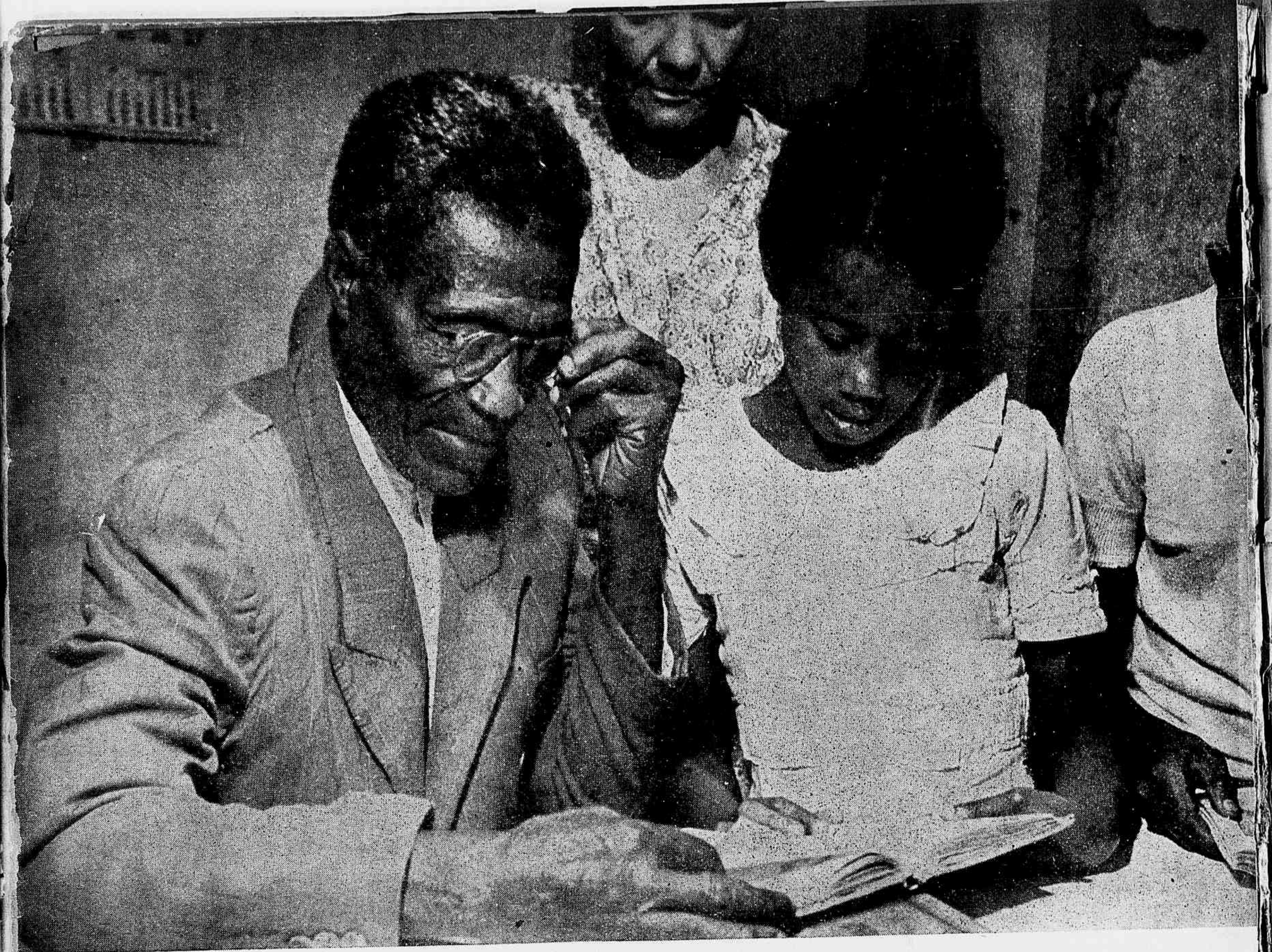


Como vive hoje o chefe da revolta de 1910. Reside nesta humilde casa, perdida além de São João do Meriti, em companhia de sua terceira esposa, dona Ana, e seus três filhos menores: Adalberto, Almerinda e Arnaldo. Não se queixa da vida. Acha que agiu como um homem de bem, tornando-se o porta-voz da revolta de milhares de companheiros. Materialmente nada lucrou com o seu gesto, mas a marinhagem que veio depois — garante-nos ele — encontrou melhores condições de vida na Marinha.

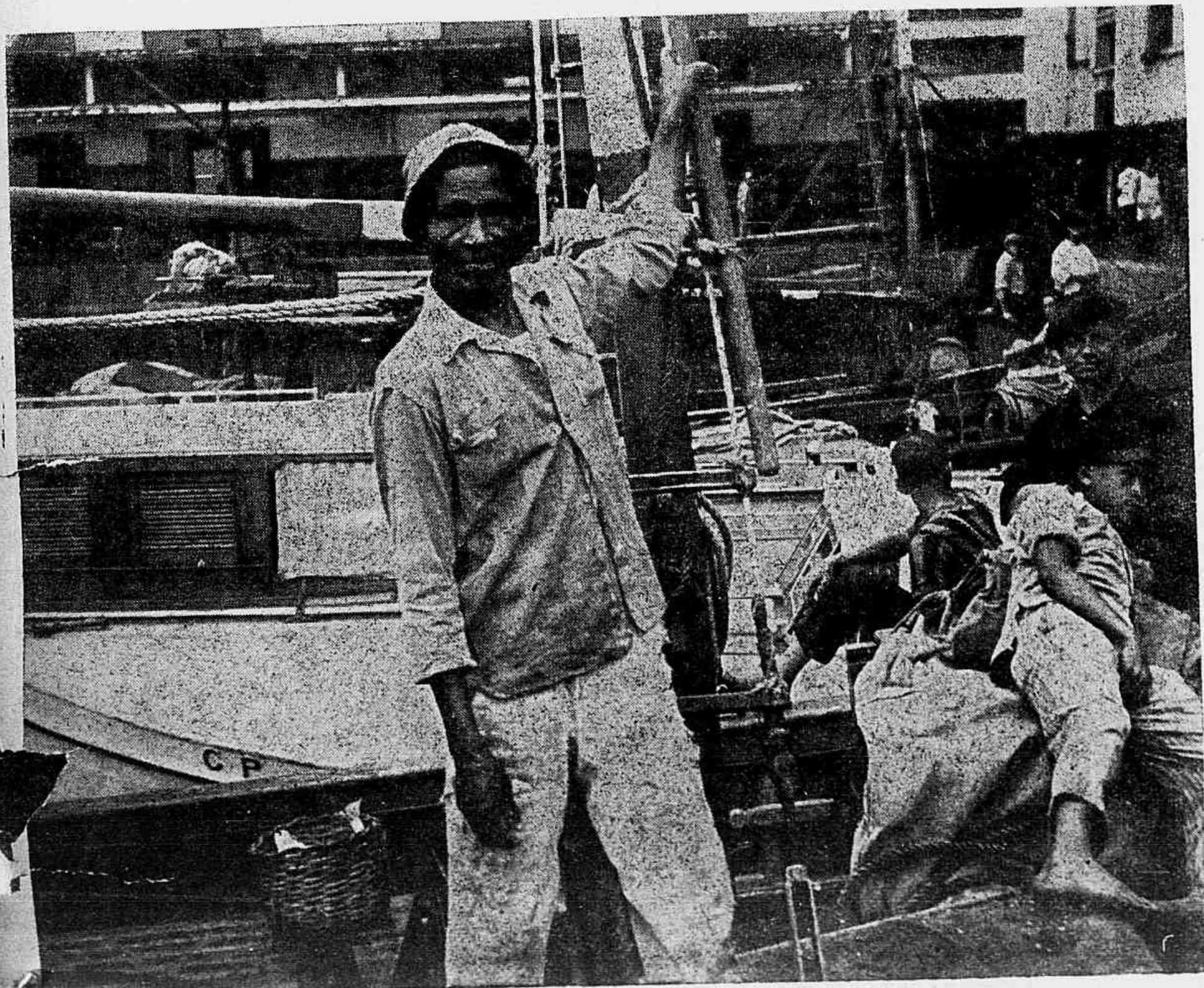
a orla do mar e se entrincheiravam junto aos cáis. As belonaves "Minas Gerais", "São Paulo", "Bahia", "Rio Grande do Sul", "Floriano", "Deodoro", "Tamoyo", "Tiradentes" e mais oito "destroyers" estavam sob o poder dos rebeldes. Acontece que o chefe da rebelião era esperto e viu que havia vasos de guerra em excesso para os dois mil marinheiros que passou a comandar. Por isso, abandonou os restantes navios ficando apenas com quatro: o "Minas Gerais", que passou a capitanear a esquadra rebelada, o "São Paulo", o "Bahia" e o "Deodoro". Houve tiros, mais para assustar do que para causar vítimas entre a população. Por azar, duas meninas moradoras no morro do Castelo, morreram devido a uma granada que arrebentou na casa onde moravam. Uma das características importantes desse movimento foi a de ter sido levado a efeito apenas por marinheiros. Os poucos oficiais que permaneceram nas belonaves revoltosas foram alguns sub-oficiais das máquinas, sendo imposto a esses que continuassem o seu trabalho. Já no dia seguinte o chefe da marinhagem, fazia saber ao governo, por intermédio de cabogramas, os fins da revolta. Não tinham nenhum interesse político. Nada tinham contra o governo legitimamente empossado. Queriam apenas a abolição do regime da chibata. Os marinheiros estavam cansados de serem chibateados pe-



Esta é a vida atual do ex-chefe da revolta. Depois de expulso da Marinha, em 1912, passou para a Marinha Mercante, e, depois, para o serviço de descarga de peixe, no Entrepasto, onde já trabalha há vinte e nove anos. De qualquer maneira continua sendo "um homem do mar".



João Cândido tem oito filhos, o mais velho com 34 anos e o caçula com oito anos de idade. Conheceu a Europa e as Américas durante os seus quinze anos de marinheiro e gosta de contar aos filhos coisas do mar e de terras estranhas. Não tem nenhum filho marinheiro. "Nenhum dos filhos quis seguir carreira militar", diz ele.



la menor falta cometida. Este castigo, embora inconstitucional, era ainda empregado usualmente na Marinha.

Já no dia seguinte ao da rebelião, com a divulgação dos primeiros cabogramas que os navios revoltosos trocavam entre si, a população ficou sabendo quem era o chefe do movimento. Não era nenhum oficial, como se pensara a princípio. Era o marinheiro de primeira classe João Cândido, conhecido nas nossas forças de mar. E em breve, deputados, senadores, jornalistas e o povo reconheciam, unanimemente, as qualidades do chefe negro. O oficial de Marinha, José Carlos de Carvalho, que foi conferenciar com o chefe rebelde no "Minas Gerais", declarou na sua volta: "Não há de parte da marinhagem o instinto destruidor contra a população, tanto que, dispondo de excelente armamento e canhões de grosso calibre, não procuram alvejar a cidade, ou os seus ministérios militares". Nos cabogramas trocados entre as tripulações dos navios revoltosos, João Cândido era chamado de "almirante" e, realmente, mostrou qualidades excepcionais. Mandou izar no mastro do navio capitânea uma bandeira com os dizeres: "Pátria e liberdade". Mandou jogar ao mar todas as bebidas alcoólicas, citando que os seus subordinados se embriagassem. Mandou

João Cândido, apesar do seu passado, quase lendário, é um homem simples, trabalhador. Nunca pôs bebida alcoólica na boca. Seus colegas têm pelo velho homem do mar verdadeira adoração, e todos os seus chefes o elogiam. Conserveu as mesmas virtudes pessoais da época em que comandou a revolta.

guardar os camarotes dos oficiais, proibindo que os mesmos fossem violados e proibiu, igualmente, o avanço na dispensa. Nunca se viu tantos homens rústicos agirem de um modo tão correto em uma revolução. O mesmo deputado José Carlos de Carvalho, teve ocasião de dizer, após sua segunda visita ao "Minas Gerais", que "esse marinheiro se mostrara perfeito conhecedor dos segredos náuticos, um admirável disciplinador dos marinheiros revoltados."

Houve, não há dúvida, acontecimentos chocantes. Foram assassinados quando tentavam entrar no "Minas Gerais", já em estado de rebelião, o comandante do navio, capitão de mar e guerra Batista das Neves, e seu ajudante, capitão-tenente José Cláudio Junior. Morreram combatendo bravamente, como homens de coragem e valor, quando em vão, tentavam serenar a tripulação exaltada. A oficialidade dos navios foi embarcada à força e obrigada a voltar para terra. Durante alguns dias, quase uma semana, o marinheiro João Cândido foi o chefe absoluto de dois mil homens e de dois dos encouraçados mais poderosos do mundo, completamente armados e equipados. Apesar da sua real força, o seu ultimatum foi patético: "Não queremos apanhar mais", era apenas o que ele exigia.

FIM DA REVOLTA

— Você acha que depois da revolta as coisas melhoraram?

João Cândido nos responde:

— Para nós que fizemos a revolta, não. Ao contrário. Fomos traídos, humilhados e perseguidos. Mas para os que ficaram e os que vieram depois, as coisas melhoraram muito. Isso para mim compensou tudo o que sofri depois.

— Vocês todos não foram anistiados antes de se entregarem?

— Essa foi uma coisa que ficou bem clara. Nós só desembarcamos depois que a anistia foi aprovada pelo Congresso Nacional. Assim mesmo, quando desembarquei, fui imediatamente preso. Acusaram-me, não da revolta que fizéramos contra os máis tratos da Marinha, mas de estar promovendo uma nova revolução visando destruir o regime. Fui mandado para a Ilha das Cobras e naquele presidio passei o diabo. Era ainda no tempo em que os presos confinavam os banhos de ácido fênico e de criolina. Quando saí de lá, respondi processo durante dois anos e, no final desses processos, fui excluído da Marinha. Sempre pela tal revolução contra o governo Hermes, da qual não participei, mesmo porque ela nunca existiu.

— E seus companheiros?

— A maioria também passou mal. Foram mandados servir na Amazônia. Servir lá durante muitos anos era, naquele tempo, morte certa. Pinheiro Machado, meu compadre e amigo me auxiliou muito para que eu não fosse também mandado para lá.

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA — QUATRO ANOS DE INCUBAÇÃO DO GERME DA REVOLTA

Durante esta reportagem, passamos quase dois dias com o velho marujo. No seu trabalho e na sua humilde morada. Ouvimos muita coisa de João Cândido que servia para completar a história da revolta de 1910. O gaúcho do Rio Pardo tem uma memória privilegiada e se lembra de detalhes pitorescos e interessantes. O movimento não surgiu de repente. Como os castigos na marinhagem datavam de longa data, vinha de longe, também, o sentimento de revolta da marujada. Exatamente em

Os jornais da manhã de 23 e dos dias seguintes de Novembro de 1910 surpreenderam o povo com as notícias da revolta dos marinheiros. Alguns publicavam o retrato do marinheiro João Cândido, chefe da sublevação, e outros o do malogrado capitão de mar e guerra Batista das Neves, comandante do encouraçado "Minas Gerais", morto quando, com coragem e valor, tentava dominar a tripulação rebelde.

RIO DE JANEIRO
Quarta-feira, 23 de Novembro de 1910
JORNAL DO COMMERCIO
Fundado em 18 de Setembro de 1890
RIO DE JANEIRO
Quarta-feira, 23 de Novembro de 1910
PRECOS: 100

EDICÃO DA TARDE

A SUBLEVAÇÃO DA ESQUADRA

guarnição do «Minas Gerais», sublevada, mata o Commandante Baptista das Neves e levanta o pendão de Revolta.—O «São Paulo» e o «Bahia» aderem ao movimento.—Noite tragica.—Os sublevados reclamam abolição da chibata, augmento de soldo e diminuição de trabalho.—Uma esquadra moderna commandada por um marinheiro do 1.º classe.—A generalização do movimento.—Espectativa ansiosa.—Os radiogrammas.—Providencias do Governo.—Notas e informações.—Carvalho segue para o «Minas» a fim de parlamentar com os revoltos.

NATURAS PARA O INTERIOR
JORNAL DO COMMERCIO
EDICÃO DA TARDE

IVERSÕES

o «Correio da Manhã» a bordo, antes dos vasos de guerra serem restituídos ao

EDITAL AO POVO

O Chefe de Policia do Districto Federal aconselha ao sublevar a maior calma em face da situação actual, creada contra os navios revoltados e alguns navios da Armada Nacional em boletins, distribuidos esta manhã e pela qual estaria disposto a fazer o bem assim, aconselharia aos habitantes desta Capital a ro-
Esse seu modo de ver tanto mais se justifica quanto é certo que aguarda a solução que ao caso procurar o Congresso Nacional. Não existe, portanto, razão para o desusado pânico que se evidencia de acontecimentos graves. Tudo faz crer que será evitado o bombardeio da cidade e se normalizar, dentro de curto prazo, a situação creada pelas guarnições navas revoltadas.
Secretaria da Policia do Districto Federal, 23 de Novembro de 1910.
Belisario Fernandes da Silva Tavora.
O Chefe de Policia.

Correio da Manhã

A ESQUADRA REVOLTADA

durante o dia de hontem os navios revoltosos fizeram diversos disparos sobre a cidade

AS PROVIDENCIAS TOMADAS PELO GOVERNO

O DEPUTADO JOSÉ CARLOS DE CARVALHO A BORDO DO «S. PAULO»

Suas conferencias com os revoltos

AS NOTAS DA NOSSA REPORTAGEM SOBRE O MOVIMENTO

marcehal Hermes
esta acceder ás exigências dos rebeldes

navios da esquadra revoltam-se
Niteroy são atingidos por bala de canhão e fuzilaria
AS PROVIDENCIAS DO GOVERNO



Outro flagrante do ex-marinheiro João Cândido na sua casinha de Vila Rosali. "Minha maior tristeza — diz-nos ele — foi saber que o meu nome não consta dos arquivos da Marinha. Soube disso quando, no governo do ditador Getúlio Vargas, requeri minha reversão à Marinha de Guerra."



O marinheiro de hoje, recebendo nos navios e estabelecimentos navais um tratamento humano e decente, respeitando seus superiores hierárquicos e sendo por estes estimado, pela sua colaboração leal e como um valor humano, uma parcela do nosso povo, dos quarenta e cinco milhões de brasileiros que se orgulham de suas forças armadas e nelas confiam, mal pode imaginar que, há trinta e sete anos, outros marinheiros se sublevavam, no Rio de Janeiro, em um movimento que se tornou memorável, para erradicar a prática dos castigos a chibata, em que insistiam alguns superiores, que encaravam a disciplina como um resultado da coação e do medo, em vez de preferirem a persuasão e o consentimento.

Esse tempo passou. Já vai longe e não mais voltará, por força da modificação daqueles velhos conceitos, da humanização dos regimes militares no mundo inteiro e da valorização da personalidade humana, do civil como do soldado. Mas o episódio histórico daquela rebelião ainda não foi contado contemporaneamente com todos os detalhes e sem a paixão do primeiro instante. Ao lado de violências reprováveis contra oficiais, violências que poderiam e deveriam ter sido evitadas, esse movimento teve uma consequência benéfica para os marinheiros em geral e foi útil à própria Marinha de Guerra, como instituição que se colocou dentro do espírito do nosso tempo, cultivando, a par do heroísmo e da fé patriótica, jamais desmentidos, os sentimentos de solidariedade humana que engrandecem os indivíduos como os povos.

Marcelino Rodrigues, o homem que precipitou a eclosão da revolta dos marinheiros em 1910. No dia 16 de Novembro recebeu como castigo 385 chibatadas. Foi o estopim que fez explodir o movimento já pacientemente preparado. A direita: um "close-up" do ex-marinheiro Marcelino Rodrigues, que relembra: — "Meu amigo João Cândido não quis esperar mais quando viu as minhas costas em chaga viva".

1908 João Cândido começou a se articular com outros marinheiros seus amigos. Tinham que por fim àqueles maus tratos. A coisa foi se avolumando com a adesão de centenas de marinheiros. Mas tudo sob rigoroso sigilo. Abriam, não só vários comitês que procuravam obter a certeza da adesão de novos membros, como também elaboravam cuidadosamente o plano para quando airescentasse a revolta. Tratando-se de marinheiros, na sua grande maioria analfabetos, na proporção talvez de noventa por cento, tornava-se mais valiosa a liderança do movimento, entregue desde o princípio a João Cândido. Ele já era experimentado. Estivera em Canudos, dera fogo no levante da Escola Militar do Ceará e no Acre, sob o comando de Plácido de Castro, durante o incidente brasileiro-boliviano. Conhecia toda a Europa, durante os seus quinze anos bem vividos em nossa Marinha de guerra. Um dos comitês funcionava na própria residência do futuro chefe, à rua Tobias Barreto, 65. Outro funcionava na Vila Ruy Barbosa, bem defronte ao quartel da Polícia Central. O dia marcado para a rebelião fora o de 15 de Novembro de 1910, precisamente o da posse do novo presidente, Marechal Hermes da Fonseca. Incidentes de última hora fizeram com que João Cândido adiasse a data. Ficaria para alguns meses depois. Entretanto, novo imprevisto aconteceu. O marinheiro Marcelino, do encouraçado "Minas Gerais", fôra barbaramente chibateado. Foi essa a gota que provocou o transbordamento. As cicatrizes ainda sangravam nas costas do marinheiro Marcelino, quando João Cândido deu as ordens para o início da rebelião. Esse marinheiro Marcelino, apesar do que sofreu, está vivo ainda, e trabalha como cafeteiro em um botiquim, à rua do Ouvidor número 2.

FALA O HOMEM QUE PRECIPITOU O LEVANTE

O balano do Mundo Novo. Marcelino Rodrigues de Menezes, não tem consciência de que a famosa revolta já passou à história do Brasil. Recebeu-nos de tamanca e com um blusão azul cheio de remendos. Lembra-se muito bem do que

aconteceu naquele ano. Pertencia à tripulação do encouraçado "Minas Gerais", e era grande amigo do chefe insurreto. Conta-nos Marcelino:

— A rebelião que deveria estourar no dia 15 de Novembro ficara adlada. Mas acontece que no dia seguinte, dia 16, eu tive uma briga com um cabo que vivia me atazanando há muito tempo. Na hora da raiva, agi impulsivamente. Puxei da navalha e feri-o um pouco. Não foi coisa grave. Ele está vivo ainda hoje. Mas o homem era protegido e eu peguei como castigo, trezentas e oitenta e cinco chibatadas. No fim daquilo eu estava com as costas que era só sangue pisado e carne viva. Ainda por cima fui acorrentado e fiquei no porão do "Minas". A coisa começou a piorar. João Cândido disse que não era contra punições justas e legais, mas que não iria permitir mais nenhum espancamento como o que eu havia sofrido. E na noite de 22, como o senhor já sabe, a guarnição do "Minas" iniciou a revolta. Foram lá em baixo e me soltaram e eu entrei logo na luta.

— E o cabo que você navalhou?

— Subiu muito. Era protegido do almirante Anfilóquio Reis de Souza.

— Que fez você no fim do levante?

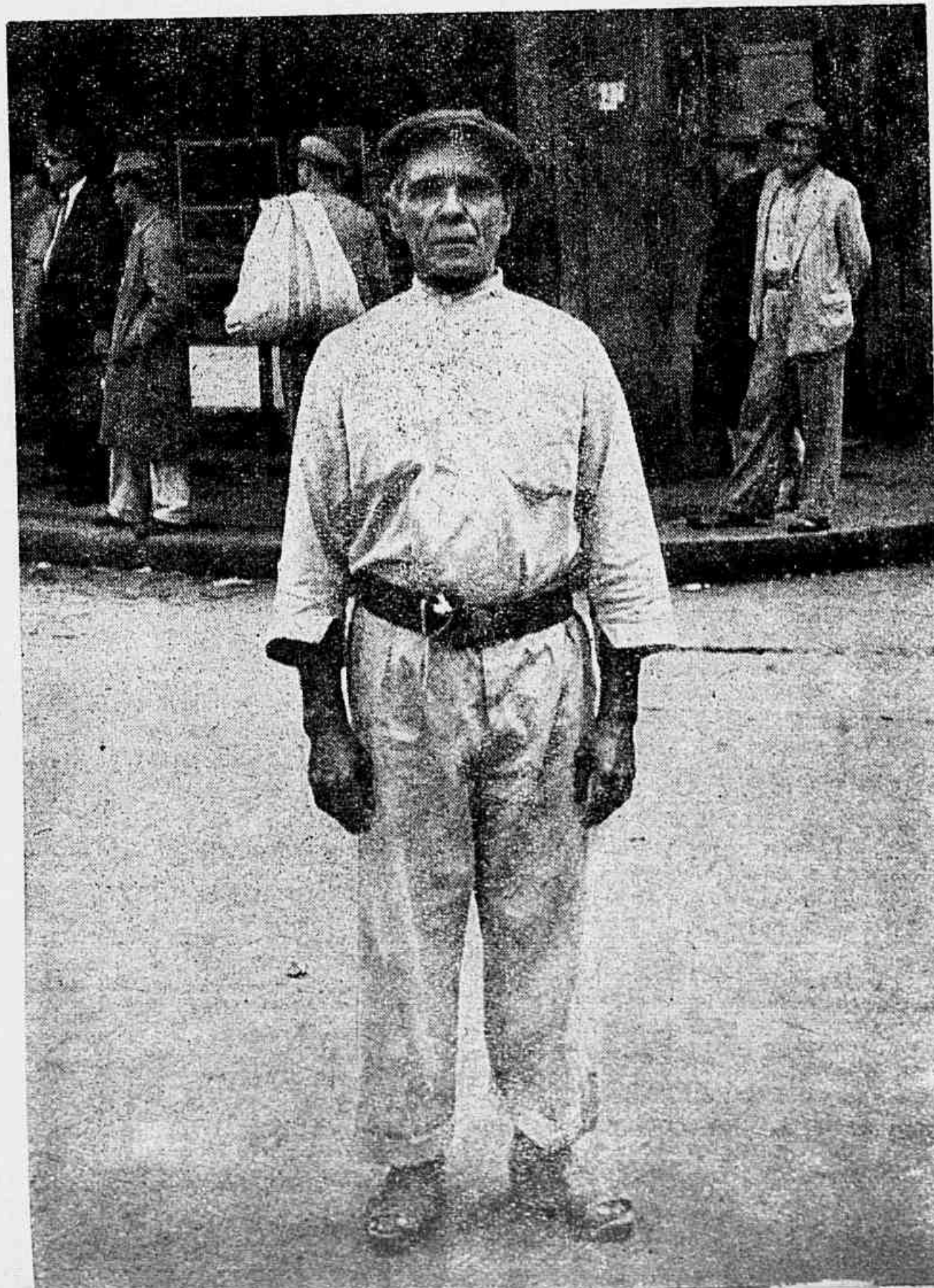
— O capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, que era deputado, quando subiu ao "Minas", para saber de nós o que queríamos, trouxe-me a bordo da lancha e fui para o hospital do presídio da Ilha das Cobras. Consegui sair de lá e botei o pé no mundo para Mato Grosso, que eu não era besta de ficar por aqui!

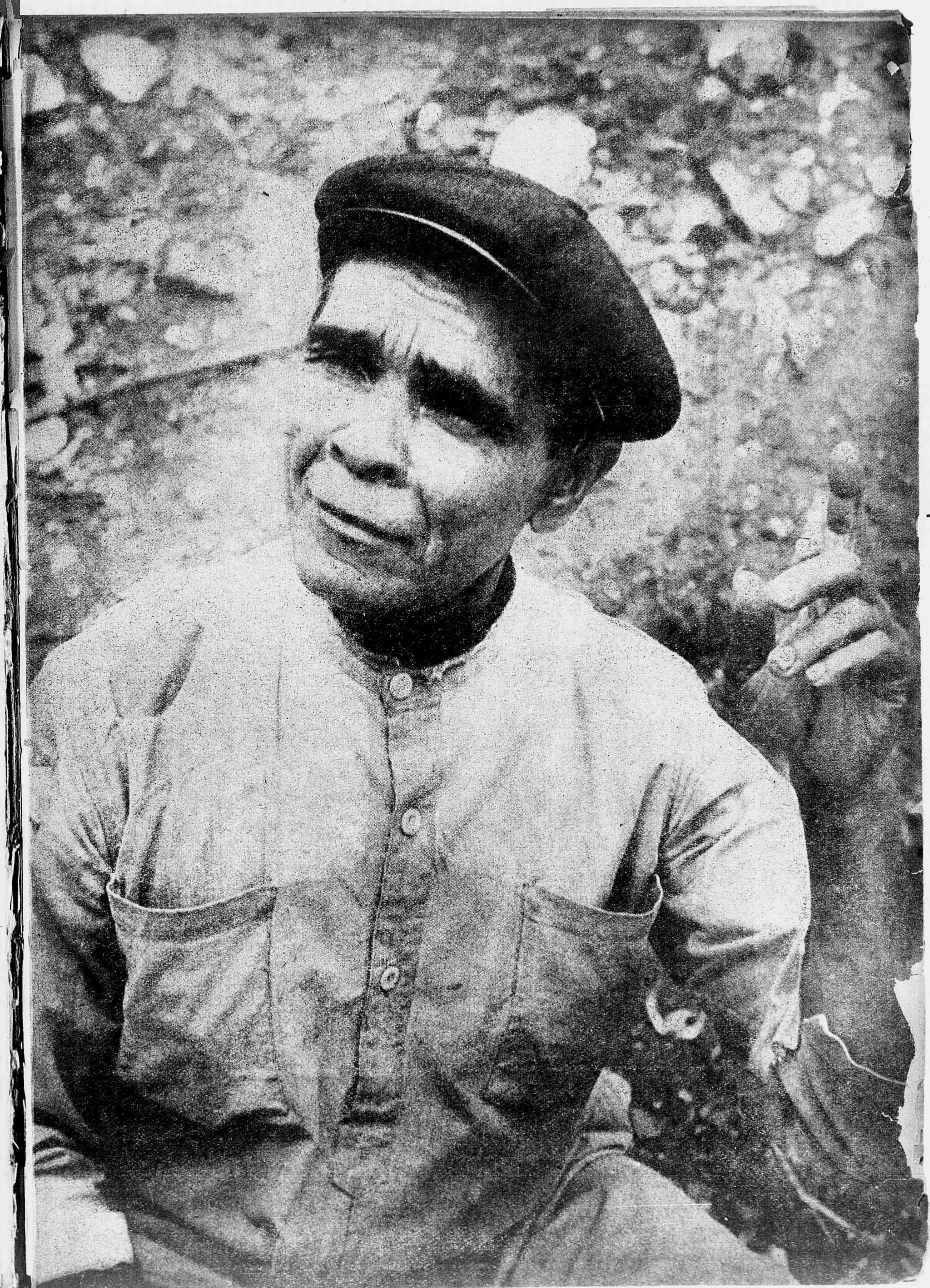
E Marcelino Rodrigues explica-nos porque:

— Estavam pegando todos os revoltosos e mandando para o Amazonas. Seguiram no navio "Guajará", do Lloyd, em número de oitocentos. Em Vitória subiu um piquete de soldados. Não sei, não. Mas me disseram que dos oitocentos, a metade ficou no caminho, servindo de comida "p'ros" peixes. Só voltei de Mato Grosso, quando mudou o presidente e o ministro da Marinha.

Marcelino Rodrigues despediu-se para continuar o seu trabalho. Foi fazer café

(Cont. na pág. 52)





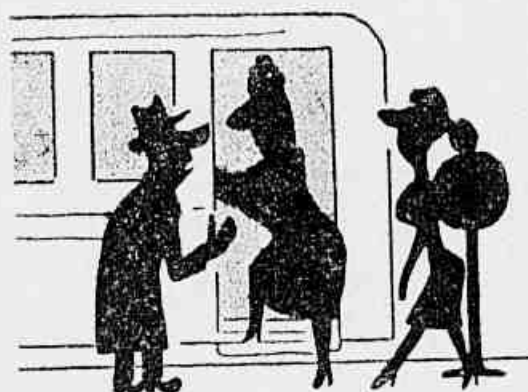
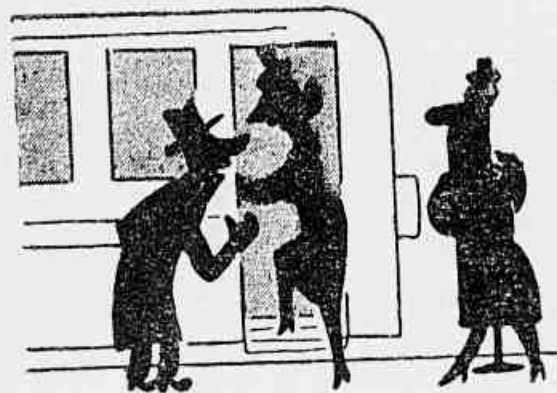
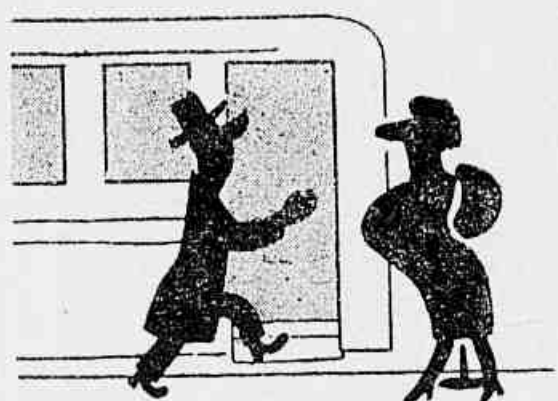
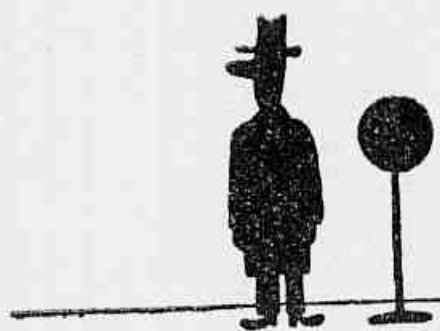


— Oh! Lirios do brejo... Onde vocês os encontrou?

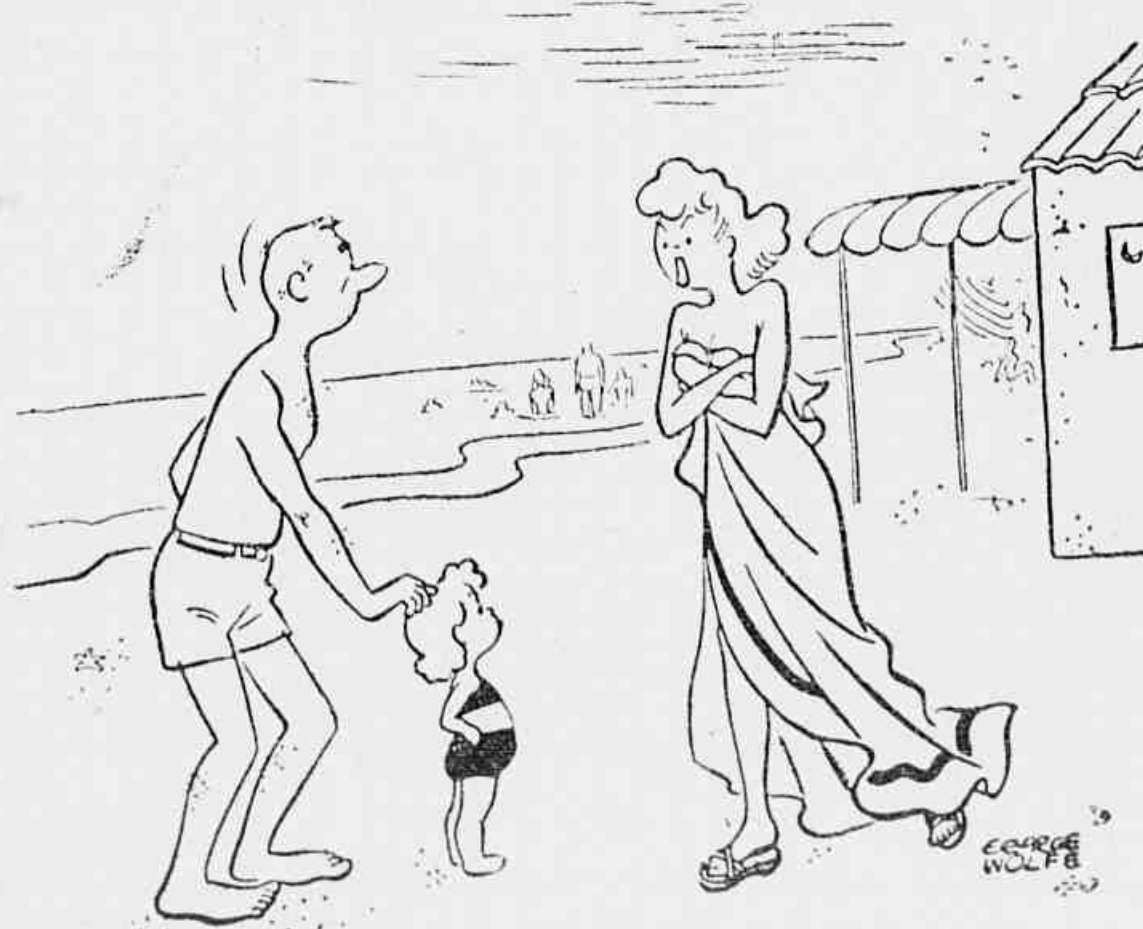
BOM HUMOR



— E eu, que estava certo de ter trazido o dinheiro, quando saí de casa!?



— Eu explico... É que meu marido é muito alto e teve soluços dentro de uma cabine telefônica...



— Mas, sim, senhor! Que pilhéria! Ter coragem de vestir na criança minha roupa de banho!

Diracção de
LUIZ DE BARROS

Produccao de
CLAUDIO LUIZ
e
ARAÚJO FILHO



com
LAURA ☆
SUAREZ
CLAUDIO ○
NONELLI
SILVA ○
FILHO

Em
O MALANDRO
E A GRAN-FINA

Partitura e Direcção Musical:
MAESTRO GUERRA PEIXE

Musicas de **CLAUDIO LUIS**

JULIA LOPES
MARIA DO CÉU
WOLFGANG HARNISCH JK.
JOÃO DE DEUS
PEDRO DIAS
HAMILTON LAGO
ALVARENGA E RANCHINHO
OS MILIONARIOS DO RISO

E
JULINHA DIAS
IRIS DEL MAR
VICENTE MARCHELI
ZÉ TRINDADE
APOLLO CORRÊA
JOÃO MARTINS

Som gravado em
aparelhos Nacionais de fabricacão
de

VICTOR DE BARROS
Gravacão em discos dos Studios W.L.A

★ ★ ★
Breve nos cinemas da
EMPRESA SEVERIANO RIBEIRO



O MORADOR DO APARTAMENTO 14

Conto de
GITA DE BARROS

★

EU sou um general reformado. Moro num apartamento que comprei por insistência de meus queridos sobrinhos. O apartamento é agradável; a rua sossegada, não passando nem bondes nem ônibus. Enfim, o lugar ideal para um velho que não pensa em folias nem tem ilusões, como tantos que andam por aí, contando anedotas picantes às jovens para se tornarem interessantes. Uns idiotas. Poderá parecer uma pontinha de inveja. Mas, eu não sou desses.

Penho-me na conta do homem

de bom-senso e, como soldado, amante da disciplina. Isso, porém, é outra história. Como ia dizendo, vivia eu sossegado, passando meus dias a ler. Orgulho-me de ter uma biblioteca de bons e escolhidos livros. Uma boa poltrona, um bom cachimbo, um bom autor me satisfazem.

Ora, de uns tempos para cá, não andar de cima de onde moro,

habitualmente tranquilo, sucede algo anormal. As 9 horas da noite, pontualmente, há ritmados ruídos de passos no teto de minha biblioteca. São três passos e uma parada; em seguida, 10 passos em círculo e outra parada e, novamente, 3 passos e outra parada e mais 10 passos... e assim por diante...

Nos primeiros dias atribuí esse andar compassado a uma forte dor de dente, atormentando o morador do apartamento. Depois, como os passos não paravam, a máus negócios ou a um infeliz caso de amor... apesar

de o morador ser um velho fazendeiro de São Paulo

Lamentei esse caminhar pela noite a dentro, pois, como é natural, lá se ia o meu sossego e, conseqüentemente, minhas boas leituras.

Como não podia ler, adquiri o hábito de contar os passos; de fazer cálculos. Em média, 5.000 passos por hora, considerando que o passo do homem mede 0,30 cms., o meu vizinho fazia 4 quilômetros horários, podendo, pelas horas que andava, ir à cidade e até mesmo a São Cristóvão e voltar, tôdas as noites, sem sair da sala!!! Sim senhor, esse homem tinha uma resistência incrível para sua idade — pensei comigo.

Os dias foram passando e a minha capacidade de suportar, diminuindo. De dia pensava nos passos que à noite retumbariam em minha pobre cabeça... As 9 horas em ponto lá estava o homem caminhando. Fiz mil conjecturas. "Meu Deus, que desejaria esse desgraçado?! Terá feito uma promessa?". Uma noite, não aguentando mais, fui ao andar superior. Alguns momentos escutei atrás da porta, não ouvi conversa. Toquei a campainha. A senhora que me atendeu, perguntei pelo sr. Monteiro. Disse-me que estava em São Paulo, onde iria demorar.

Ah! então é a senhora!, gritei, é a senhora quem gosta de fazer exercícios? Tem medo de engordar? Pois olhe, ao ar livre é muito melhor! Andar na sala até altas horas da noite faz mal!

A senhora, espantadíssima, retrucou-me não costumar fazer exercícios, muito menos andando, pois sofria de varizes, fechando-me a porta na cara.

Voltei à biblioteca desanimado e lá continuavam os passos, os malditos passos...

Bom, bam, bam... Que inferno!

Sofrerei eu de qualquer desarranjo cerebral? — Será que só eu ouço esses passos? — E' verdade que ultimamente tenho lido demais. Talvez seja cansaço. Vou consultar um especialista, disse a mim mesmo. No dia seguinte, na sala de espera do médico, aguardei minha vez.

— Dr. o que sinto... — e contei-lhe a história.

— Abusa do álcool?

— Não bebo.

— E mulher? Na sua idade é perigoso.

— O' doutor, por quem me toma? Tenho lá o tipo de homem de aventuras? — perguntei-lhe formalizado.

Depois de um ligeiro exame, declarou-me ter eu um desarranjo no "grande simpático".

Receitou-me umas pílulas, garantindo-me melhoras. Sai e após um frugal jantar, fui para casa. Tenho apenas uma empregada, na parte da manhã, que faz a arrumação do apartamento e vai embora. Nessa noite lamentei isso. Uma mulher com

mais facilidade poderia obter informações do andar superior, mostrando-me se sou ou não, um desequilibrado.

Bem, ao chegar em casa, tomei a droga receitada, instalei-me em minha poltrona, acendi o cachimbo, peguei um livro, mas não consegui lê... Meus ouvidos estavam como que pregados no teto da sala. Estava à espera.

Nisso desceu sobre mim suave sonolência. Efeitos da droga, talvez. Estava contente elogiando o médico que acertara com o tal simpático, quando, quebrando o silêncio, escuto o bater de uma porta e uns passos para cá... uns para lá... E eu, segui os passos, como se estivesse vendo o homem andar! Três para cá; três para lá; dez em círculo...

Oh! que mal terei eu feito a Deus para merecer tal castigo?

Para sair da torturante incerteza, fui à rua convidar alguém para ouvir os passos.

Passou por mim um cidadão que não tinha cara de malandro. Pedi-lhe fogo. Convidei-o a subir ao meu apartamento para ouvir uns passos.

— Conheço essa "tapeação", meu velho. Dê o fora antes que eu chame um guarda --- respondeu-me.

— O senhor está enganado, eu sou o general X...

— Pois sim, e eu o Presidente da República, disse afastando-se.

Indignei-me com a grosseria desse indivíduo. Mas, não tinha tempo a perder. Precisava liquidar o assunto. Sózinho não subiria e, na rua, não poderia passar a noite.

Nisto, salu de meu edifício um moço. Parou. Acendeu um cigarro. Vendo-me com o cigarro por acender, ofereceu-me fogo. Apresentamo-nos.

Contou-me que estava provisoriamente no edifício, morando no apartamento de um tio.

Como sei que toda pessoa com noções de literatura gosta de conversar sobre ela, citando autores e livros, entrei no assunto e fui feliz. Ele era dos tais. Ganhiei a confiança do jovem. Indaguei onde ia. Tomar um café, pois a tia não estava em casa para fazê-lo.

Fomos juntos. Convidei-o a visitar minha biblioteca. Contou-me estar escrevendo um livro de versos. Um poeta gostará de minha biblioteca, insisti.

Ao chegarmos em casa fiquei logo de orelha em pé: nada de ruídos. Pensei comigo --- deve ter ido ao banheiro.

Mostrei ao jovem meus livros e minha coleção de armas. Elogiou meu gosto. Convidei-o a sentar.

Falamos um pouco de tudo. Em certo momento ele olhou o teto e disse: "A biblioteca de meu tio é justamente em cima

da sua. Aliás, é o quarto adequado para isso". Meu tio, continuou, "passou a melhor parte da vida na fazenda, trabalhando, juntando dinheiro. Como é homem inculto, quer que eu escreva um livro de versos, para honrar a família."

Ora, isso não é para qualquer um. E eu não tenho jeito para escrever. Tenho tentado, porém inutilmente. E o pior é que tenho de escrever de qualquer jeito, senão fico sem mesada e sem herança. Não imagina o senhor o meu martírio.

De dia trabalho num banco; de noite versifico.

Fiz alguns versos horrorosos!! Não conheço métrica. Ensina-ram-me um processo; dando três passos para cá, três..."

Já sei, berrei... três para cá, dez em círculo... Então é o senhor, continuei, o morador do andar de cima?

— Sim senhor, disse o moço.

— E quem foi o desgraçado — perguntei — que o ensinou a metrificar com os pés? Um jornalista, hein? E pretende o senhor escrever o livro todo usando esse sistema?

— Sim. Não posso perder nem a mesada nem a herança, respondeu-me.

— Quanto já escreveu, indaguei com a esperança dele já ter terminado o livro.

— Cinco páginas, apenas! Fiquei gelado!!

Ocorreu-me que necessitava acabar com aquilo de qualquer maneira. Foi uma alucinação. Aproximei-me do moço, interrogando:

— Essa é sua última palavra? Não quer desistir?

— Não!

— Nesse caso, sinto muita pena do senhor! Tão moço! Mas eu estou esgotado! há muito não durmo, por causa de sua métrica.

Aproximei-me da janela, convidando-o a vir comigo. Ele relutou. Agarrei-o. Pediu-me, amedrontado, que o largasse; que eu estava nervoso. Tranquilei-o. Queria somente mostrar-lhe algo curioso. Debrucei-o na janela, indagando — então não vê? Não? Pois então vai ver de perto. Com essas palavras empurrei-o no espaço. Depois, calmamente, me sentei na minha boa poltrona. Achei o "simpático" um tanto anormal. Tomei de uma só vez toda a droga receitada pelo médico. Apanhei algumas folhas de papel, uma caneta... Um bem estar extraordinário tomou conta de mim.

No dia seguinte, os jornais noticiaram o suicídio de um jovem poeta.

E noutra secção. Faleceu o general X, vitimado por um insulto cardíaco.

Debaixo de uma pesada poltrona do apartamento que adquiri mobiliado, encontrei a história acima, que liguei às duas notícias publicadas nos jornais.



HAYDN, como Handel, foi uma demonstração viva do desprezo da natureza às classificações artificiais dos valores humanos. O pai de Haydn era um construtor de carros e a mãe, uma cozinheira; não obstante, traziam no sangue o germe da nobreza do gênio.

Nascido no dia 1 de abril de 1732, Franz Joseph enganou o mundo inteiro elevando o nome obscuro dos Haydn ao sol da fama imorredoura. Era um sujeitinho engraçado, travesso, com cara de gnomo. Havia, aliás, grande necessidade de senso de humor no lar dos Haydn, batido da pobreza, pois a tristeza e a morte eram visitantes frequentes naquela choça camponesa de um andar só em Rohrau na Áustria. Dos doze filhos que trouxe ao pai de Haydn o primeiro casamento, seis morreram durante a infância, ao passo que dos cinco filhos do segundo casamento, nenhum sobreviveu. A natureza, em seus displicentes experimentos, quebra muitos pedacinhos de barro para produzir uma obra-prima.

Sepperl, como lhe chamavam familiarmente os pais, evidenciou desde cedo o seu talento musical, e graças a um primo, mestre-escola, que lhe reconheceu esse talento, ingressou no coro da Igreja católica de Hainburg, cidade situada a umas doze milhas de Rohrau.

Para o menininho do coro, com seis anos de idade, a vida na "cidade grande" foi um misto de música, travessuras e fome. Aprendeu a cantar a sua parte nas missas; divertia-se a cortar com uma tesoura os rabichos dos chinês dos meninos que ficavam na sua frente — o que lhe valeu não poucas surras memoráveis; e aprendeu principalmente a manter uma política de boa vizinhança entre os dois vizinhos menos harmoniosos do mundo — um coração alegre e um estômago vazio.

Realizou-se, um belo dia, uma procissão nas ruas de Hainburg. Como o tambor oficial da cidade estivesse doente, Haydn decidiu substituí-lo. Infelizmente, porém, era tão pequeno que não podia carregar o instrumento. Além do mais, nunca tocara tambor em sua vida. Essas circunstâncias, todavia, não constituíram impecilhos. O instrumento foi transportado diante dele nas costas de um menino maior — que para cumu-

lo do ridículo, era corcunda — e o pequenino Haydn marchou durante toda a parada seguindo perfeitamente o compasso da música.

A sua precocidade musical despertou a atenção de Johann Georg Reutter, o chantre da Catedral de Santo Estevão, em Viena. Herr Reutter, que visitava Hainburg à cata de talento, submeteu Haydn a um exame de canto. "Bravo!" bradou, encantado com a voz fraca mas agradável da criança. Mas como é que você, meu homenzinho, não sabe cantar um trino?"

"E como é que o senhor quer que eu cante um trino", replicou Joseph, "se nem o meu professor sabe cantá-lo?"

Reutter levou para Viena o engraçado sujeitinho, ensinou-o a fazer as necessárias vibrações da garganta para obter o efeito ornamental dos trinos e incluiu-o no coro da "igreja mais importante do Império". Aos meninos desse coro, abrigados, alimentados e vestidos — mesquinamente — a expensas da congregação, ensinava-se-lhes não só música, como ainda a ler e a escrever, e mais aritmética e religião. Eram, de tempos a tempos, mandados a certas casas ricas de Viena, onde cantavam para os hóspedes e ajudavam na cozinha, em troca de um prato de comida.

A voz de Haydn, à medida que ele crescia, assumia a tessitura de um soprano rico, e isso foi, indiretamente, a causa da sua despedida do coro. Herr Reutter, almejando reter, por espaço indefinido, o uso dessa voz de soprano, sugeriu a castração do menino. E quando o pai de Haydn se recusou peremptoriamente a permiti-lo, o mestre do coro, furioso, soltou o jovem discípulo à ventura nas ruas de Viena.

Principiou então um período de vagabundagem para o rapazote de dezessete anos, sem vintem e sem amigos. Aproximava-se o inverno — corria o mês de novembro de 1749 — e Haydn não tinha onde reclinar a cabeça. Durante algum tempo pensou em voltar para Rohrau. O pai, entretanto, já estava sobrecarregado com os encargos da família sempre crescente. Haydn decidiu permanecer e morrer de fome em Viena.

Teve sorte e foi capaz de livrar-se da fome. Encontrou-se, por acaso, com um conhecido, certo tenor chamado Span-

A VIDA DE HAYDN

FRANZ JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

gler. Esse bom samaritano, posto que pobre também, carregou com Haydn para a sua água-furtada, e lá lhe deu casa e comida, até que Franz Joseph gajeasse forças suficientes para viver à própria custa.

Não tardou muito esse momento. Era Viena, àquele tempo, uma cidade louca por música. "No instante em que cessava o trabalho", escreveu um viajante, "as casas, as ruas e parques se convertiam em imenso cenário de danças e alegria". Haydn transformou-se numa íntima unidade desse cenário. Juntou-se a um grupo de seresteiros e, violino em punho, deambulava pelas ruas nas noites de verão, ganhando o seu pão como um cigano e seduzindo as raparigas com sua música, se bem não pudesse seduzi-las com a figurinha desengonçada e o nariz abatatado. Durante o inverno provia ao próprio sustento tocando nas tabernas e compondo minuetos para as danças dos ricos.

Dir-se-ia, de feito, que tivesse nascido com uma boa estrela, a qual parecia orientá-lo sempre na direção das pessoas que lhe convinha conhecer. Aos seis anos de idade encontrara o mestre-escola que lhe iniciara a carreira musical. Aos oito, vira-se debaixo da orientação de Reutter, que lhe favorecera os exercícios de canto, execução e composição. Aos dezessete, topara com Spangler, que o livrara de morrer à fome. E agora, aos vinte e dois, encontrara-se com Niccolò Porpora, o famoso professor e ditador musical de Viena. Até então fora irregular a educação musical de Haydn, uma vez que os seus primeiros mestres não tinham tido nem habilidade nem disposição para submetê-lo a metódico treinamento de harmonia. Eis, porém, que se deparava a Haydn ensino de aprofundar-se, sob a direção de autêntico mestre, "nos verdadeiros alicerces da composição musical".

Não podendo pagar as aulas que recebia desse "patriarca da melodia", transformou-se Haydn no criado de Porpora. Escovava-lhe as roupas, penteava-lhe a peruca, sujeitava-se-lhe aos acessos de mau humor. Engolia-lhe em seco os insultos grosseiros e absorvia-lhe os conhecimentos musicais.

Foi, provavelmente, por meio de Porpora que Haydn travou mais uma de suas afortunadas relações. Desta feita com um nobre austríaco, Karl Joseph von Furnberg. O barão von Furnberg, que morria por música de câmara, contratou o jovem virtuoso como violinista e compositor. Debaixo da proteção desse nobre, Haydn compôs perto de dezolito quartetos de corda — forma experimental de composição de que nasceu, mais tarde, a estrutura das suas famosas sinfonias.

Conduzido ainda pela sua boa estrela, passou Haydn do barão von Furnberg ao conde Maximilian von Morzin, e do conde Maximilian ao príncipe Esterhazy. Depois dessa promoção final, em 1760, viu-se o jovem compositor seguramente lançado numa carreira feliz.

II

O ano de 1760 assinalou-lhe o princípio da felicidade musical — e o da infelicidade matrimonial, pois foi justamente nesse ano que conseguiu, ao mesmo passo, um benfeitor e uma esposa.

A esposa foi-lhe, por assim dizer, empurrada. Ele cortejava, durante algum tempo, a filha moça e atraente de Johann Peter Keller, fabricante de perucas em Viena. Ao propor-lhe, entretanto, casamento, declarara a jovem haver decidido entrar para um convento.

O pai, todavia, dissera a Haydn que não deseperasse. Tinha outra filha, velha e sem graça, é verdade, mas, não obstante, excelente companheira para um músico. Numa hora de despeito pela indiferença da filha mais moça, Haydn aceitou a mais velha — e disso se arrependeu durante o resto da vida. Ana Maria Keller teria preferido, como marido, um sapateiro a um músico. Ser-lhe-ia, porventura, possível compreender o valor do couro de um sapateiro, mas não fazia a mínima idéia do valor das páginas de música de um compositor. Cortava, com efeito, frequentemente, as composições musicais do marido para fazer papéis ou formas de pastéis, por tal sorte que a imortalidade da obra de Haydn passou a depender dos caprichos de uma esgançada e turbulenta esposa.

Haydn suportou o péssimo gênio da mulher com indiferente resignação. Sem embargo sonhou, por algum tempo, em libertar-se. Conheceu uma jovem cantora italiana, Luigia Polzelli, que, como ele, fizera um casamento infeliz. Haydn e Luigia apaixonaram-se um pelo outro, e esperaram ambos que um duplo acidente lhes permitisse sancionar o seu amor por meio de um casamento legal. O marido de Luigia Polzelli morreu pouco tempo depois, e Haydn sentiu aumentar a sua esperança. "Querida Polzelli", escreveu ele, "é possível que chegue ainda o momento, que tanto desejamos, em que se fechem dois pares de olhos. Um deles já se fechou. Mas, e o outro? Seja tudo como Deus quiser!"

Mas Deus não quis. Os olhos de Ana Maria continuaram abertos por muitos anos ainda. E quando, afinal, ela morreu, Haydn orçava pelos sessenta e oito anos e Luigia Polzelli pelos quarenta — difícil combinação para um caso romântico de amor. Madame Polzelli casou-se com outro homem, e Haydn viveu sozinho os seus últimos dias. Perdera o amor, mas encontrara a paz.

III

Tornemos, contudo, ao palácio de Esterhazy. Quando Haydn chegou para habitá-lo fê-lo como criado glorificado. De acordo com o seu contrato, havia de "conhecer o seu lugar, mostrar-se acomodado, sóbrio e modesto diante dos superiores, andar sempre de uniforme (como quadrava a um criado, compor todas as músicas necessárias ao entretenimento de Sua Alteza, não escrever nada para quem quer que fosse sem permissão de Sua Alteza, obedecer com a máxima pontualidade todas as ordens que viesse a receber de Sua Alteza e tomar as suas refeições em companhia dos outros domésticos".

Em troca de toda essa servidão recebeu um dom supremo — a tranquilidade. Permaneceu no emprego dos Esterhazy durante trinta anos — o período mais momentoso e mais inspirado de toda a sua vida. O príncipe Esterhazy morreu no primeiro ano da residência de Haydn em seu palácio; e o irmão do príncipe, Nicolaus o Magnífico, levou o compositor consigo, aumentou-lhe a orquestra e acrescentou-lhe o salário. Tendo os músicos sempre à mão, podia Haydn experimentar a sua música à medida que a compunha, acaalando-a, revendo-a, acetando-a, rejeitando-a, adaptando um trecho para este ou aquele instrumento e equilibrando por tal maneira o conjunto que o tornava uma unidade perfeita e harmoniosa. Foi essa uma oportunidade de que se valeu de todo o ponto. "Eu não recebia ape-

Cont. na pág. 53)



HAYDN



PAULO Fortes, hoje radicado no "broadcasting" carioca, é uma dessas figuras que se impõem à admiração popular. Ainda garoto, teve sua primeira oportunidade artística, aparecendo como galã do filme "O meu primeiro amor", rodado no decorrer de 1930. A seguir, apresentou-se como cantor no programa infantil da Rádio Guanabara, então dirigida por Alberto Manes, e ingressou na escola de canto do professor João Rocha. Tomou parte na temporada lírica de 1946, cantando a "Traviata", ao lado de figuras de enorme projeção na cena lírica mundial. Também emprestou seu concurso ao teatro, trabalhando em "Os irmãos das armas", "Dirceu e Marília", "Week-end" e "O fantasma de Canterville", todas encenadas pelo Teatro Universitário. Participou do programa "Artistas novos do Brasil", cantou em "Momentos musicais" e abrihantou o espetáculo de "Brasil musical", interpretando a "Canção do aventureiro", do "Guarani", de Carlos Gomes. No "broadcasting" carioca, ingressou na Mauá e mais tarde passou para a Mayrink Veiga, sua atual estação. Com vinte e quatro anos de idade, Paulo Fortes é um nome conhecido além fronteiras e sua presença no "cast" da PRA-9 serviu para aumentar-lhe a popularidade. Além de cantor é excelente caricaturista, deformando quantos lhe caem no lapso. A seu respeito, Bezanson Lage asseverou ser "um jovem com um tesouro na garganta". Sem ter preferência por qualquer gênero de música, ele gosta de música, realmente música. Estuda muito e não despreza a leitura de boas biografias, principalmente as dos grandes músicos. Admira os passeios ao ar livre e uma sessão de cinema. É "habitué" das temporadas líricas e frequentador dos concertos musicais.



LOURDINHA Maia, iniciou sua carreira radiofônica participando da "Hora do pato", ao tempo em que Heber de Boscoli pertencia à PRE-8. Interpretando a marcha "Veneno", de João Ribeiro, ela conseguiu ser rainha, abiscoitando o prêmio de cem cruzeiros e alcançando o trono das cantoras, que a levaria ao estrelato. Filha de Goiás, conhecia de sobra o "folclore" de sua terra natal, motivo que a levou a explorar esse gênero, tão pouco divulgado no "broadcasting" carioca. E, na qualidade de folclorista, assinou contrato com a Rádio Educadora, aí permanecendo até o ingresso de Gomes Filho na Transmissora, quando veio a integrar o "cast" dessa estação, participando do programa "Melodias do meu Brasil", "Poeira de estrelas" e outros mais. Já então, Lourdinha Maia mostrava-se exímia violonista, acompanhando-se nos diversos números que interpretava. Deixando a PRE-3, levou a efeito uma viagem a Goiás, apresentando-se à sociedade local em vários recitais de canto, merecendo os mais calorosos aplausos. Ao regressar ao Rio, ingressou na Rádio Club do Brasil e mais tarde pertenceu à PRG-3. Tomou parte em programas da PRA-2, participou de recitais da PRD-5 e realizou alguns espetáculos. Com o fito de aprimorar seus dotes vocais, fez-se aluna do Conservatório de Música, tendo como professora a conhecida mestra Roxy King Shaw, que a vem preparando para a cena lírica. Folclorista das mais apreciadas, é ainda autora de algumas composições. Fora do rádio emprega seu tempo como funcionária de uma repartição pública, sendo perfeita taquígrafa. Aprecia o cinema, gosta de ouvir novelas e não perde as aventuras do Brucutu.



NILTON Paz é um audível intérprete da música popular. Sua projeção no cenário artístico deve-a, em grande parte, ao rádio. Foi por intermédio deste que se tornou conhecido em todas as camadas, cantando sambas, marchas e canções. A melodia dolente do morro, ganha em sua voz um quê de nostalgia, tornando-se mais bonita e menos enfática. Nilton Paz já cantou em todos os microfones cariocas e encheu de sons as principais "boites" do Rio. Exibiu-se em São Paulo, trabalhou em Minas e fez bonito nas festas de Nazareth. Tomou parte em diversos espetáculos teatrais e pôs em cena muitas composições de sucesso. Na Rádio Mayrink Veiga, animou os programas de estúdio e teve seu quarto de hora exclusivo. Na antiga Transmissora, atuou ao lado dos "medalhões", conseguindo impôr-se à admiração dos ouvintes. Pois este Nilton Paz, acaba de rumar para os Estados Unidos, contratado para uma temporada na "Broadway", devendo cantar, ainda, ao microfone da famosa CBS. Seu contacto com o público norte-americano, terá como cartão de visitas, a música popular, da qual ele se fez um apreciável intérprete. O ex-contratado da PRA-9, não alimenta ambições nem pretende desbancar ninguém. Apreciador do cinema, espera conhecer Hollywood e abraçar Carmen Miranda. Não sendo supersticioso, carrega, porém, no bolso do paletó, uma fita do Senhor do Bonfim. É admirador de Ingrid Bergman e de Bette Davis. Prima na elegância, vestindo-se com apuro. Possui uma valiosa coleção de discos e admira as corridas de cavalos, embora viaje sempre de automóvel...



DALBERTA Nauerth é um nome pouco radiofônico, por isso sua possuidora escolheu o de Maria Clara, para estrelar como rádio-atriz. E o fez aos vinte e seis anos de idade, através dos programas femininos de Sagamor Scuvero. Ao lado de Miguel Gustavo, anima a secção "Românticos", vivendo a figura de Maria, enquanto aquele interpreta o João. Colabora ainda nas novelas irradiadas pela PRE-3, uma vez que sua vocação para o rádio-teatro, é das mais promissoras. Antes de ingressar no "broadcasting", exerceu funções de escriturária em importante empresa, cargo que veio a trocar pelo de secretária de Jorge Amaral, quando este se encontrava à testa da direcção-artística da Globo. Carioca de nascimento, conta presentemente vinte e oito anos, pois nasceu a vinte e oito de março de 1919. Sua grande emoção ocorreu ao enfrentar o microfone pela primeira vez, para dizer uns versos de amor. Maria Clara é francamente dos livros, preferindo os de poesia. Também gosta dos esportes, nadando regularmente e andando de bicicleta sem fazer "barbeiragens". É exímia datilógrafa e tem o encargo de atender à correspondência de Sagamor de Scuvero, além de auxiliá-la na apresentação dos programas femininos. Sua grande ambição é ser uma estrela de bastante projeção no rádio-teatro, podendo viver figura de primeiro plano. Não acredita no azar do treze, nem no gato preto, mas recusa passar em baixo de uma escada. Admira os fans e atende-os na medida do possível, porque luta com a falta de tempo.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

BURT LANCASTER,

CELEBRIDADE QUASE INSTANTÂNEA

DE "ASSASSINOS" A "BRUTE FORCE"
— O JOVEM GALÃ DECLARA À "REVISTA DA SEMANA" QUE AINDA SE CONSIDERA UM PERSONAGEM DE CONTOS DE FADAS...

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "A CFNA" e de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood).

HOLLYWOOD, Setembro — Acabo de me entrevistar com Burt Lancaster, no estúdio da Universal, onde ele vem de terminar seu novo filme, "Brute Force". Descoberto e lançado no cinema por Mark Hellinger, o produtor de "Assassinos" (The Killers), Burt Lancaster se converteu, da noite para o dia, em um verdadeiro ídolo do público feminino. Na história de Hollywood, são poucos os casos iguais. Só Clark Gable, Tyrone Power, Robert Taylor e Errol Flynn se impuseram como favoritos, em uma única película. Quando lhe apertei a mão, no estúdio da Universal, ele me declarou, antes de mais nada, que ainda está atordoado. Não acredita que seja real tudo quanto lhe tem acontecido. Acha que não merece tanta sorte.

— Tenho a impressão de que estou sob um encantamento... Creio que sou um personagem de contos de fadas, que estou sonhando acordado...

E não é para menos, temos de convir. Há um ano, Burt Lancaster era um desconhecido. Hoje, é uma celebridade em todos os continentes. Fez já quatro filmes, — além de "Assassinos", as películas de Hal B. Wallis, "Estranha fascinação" (I walk alone) e "A filha da Pecadora" (Desert Fury) e, agora, "Brute Force", película de grande violência e intensa dramaticidade, na Universal.

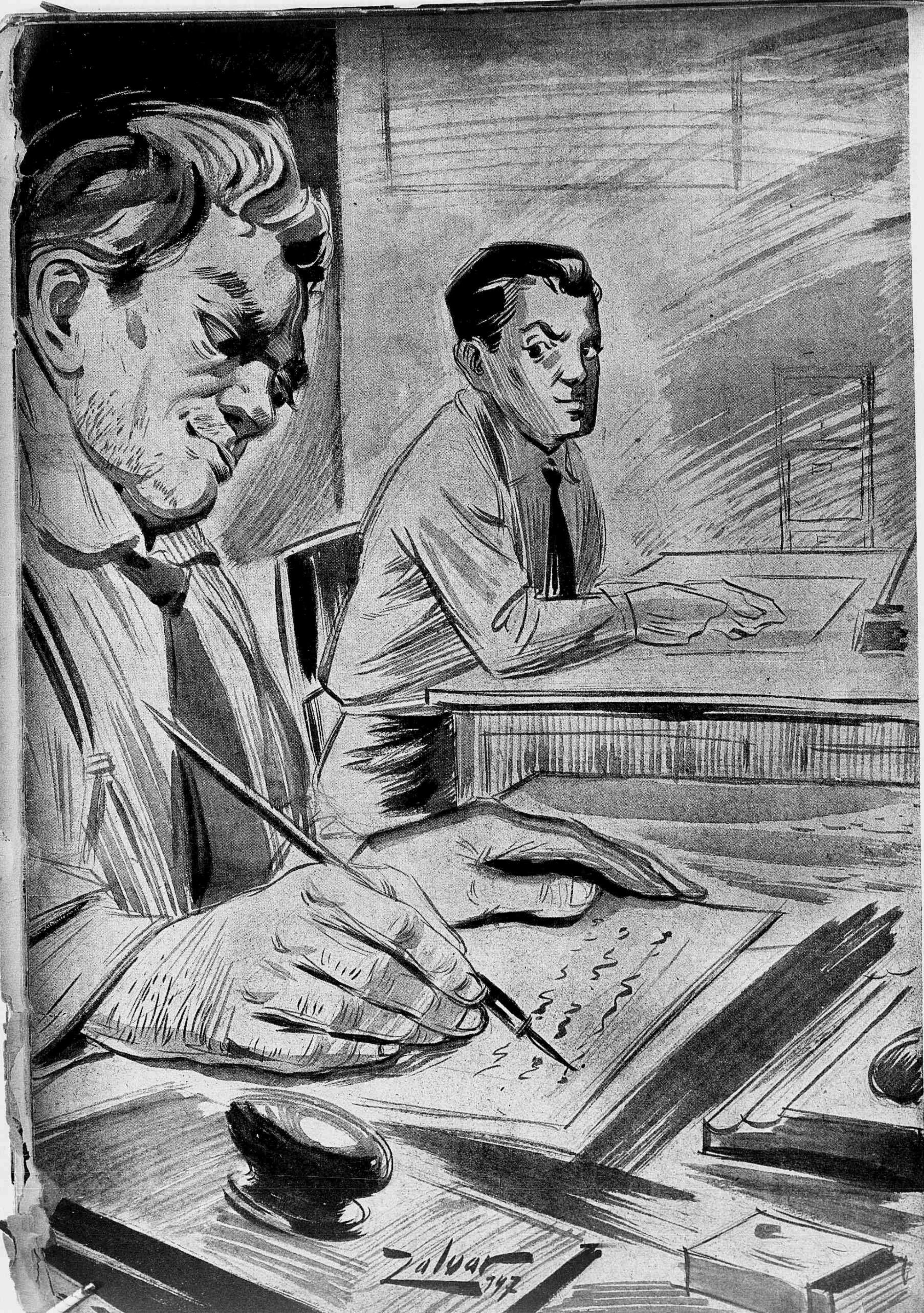
Em conversa, Burt Lancaster, com uma simplicidade encantadora, vai desfilando o rosário de suas reminiscências, contando sua vida cheia de pitoresco e de aventura, coroada, agora, pela glória, em Hollywood. Não esconde sua origem humilde. Veio de um circo. Foi em um picadeiro que teve o seu começo, tal e qual Carv Grant, hoje considerado um dos primeiros atores da cinematografia. Tinha apenas dezoito anos quando, cedendo a um impulso do seu espírito aventureiro, interrompeu os estudos, numa universidade de Nova York, para trabalhar em um circo, ganhando apenas seis dólares por semana, além de comida e alojamento. Durante cinco anos trabalhou com essa companhia ambulante. Deixando-a, passou-se para uma precária companhia teatral subvencionada pelo governo. Ao ser a mesma dissolvida, foi trabalhar em teatros de variedades, night clubs e hotéis. Por esse tempo foi que compreendeu que poderia seguir com sucesso os passos de Joe Lewis, Lou Nova e outros na prática de box. Depois foi ser garçom de uma taberna, onde cantava para os fregueses as canções que andavam em moda. Mas não demorou muito em voltar a trabalhar como acrobata de circo. Em 1910 viu que essa história de circo não tinha futuro e empregou-se na famosa loja de Marshall Field, em Chicago. A vida de comerciante lhe pareceu muito monótona, ainda que financeiramente lhe fosse vantajosa. Passou depois a ser bombeiro, fixando-se em seguida no Estado de Illinois, como funcionário público. Transferindo-se mais tarde para Nova York, empregou-se na Columbia Community Concerts e, depois de algum tempo, foi incorporado às forças armadas dos Estados Unidos. Isso em 1942. No Exército foi escolhido para a divisão do serviço de recreação dos combatentes, devido à sua ampla experiência em todos os setores de atividades teatrais. Foi diretor e ator de "shows" organizados para os soldados. Serviu nesse ramo de atividades no famoso 5.º Exército, ficando estacionado na África do Norte e na Itália durante 26 meses. Em Setembro de 1945 voltou para os Estados Unidos. Foi então que aconteceu um fato curioso na sua vida, o qual viria decidir o seu futuro. Burt Lancaster foi um dia ao Hotel Royalton, em

Burt Lancaster, o antigo empregado de circo, que é hoje, depois de "Assassinos", "Estranha Fascinação", "A Filha da Pecadora" e "Brute Force", uma das celebridades do mundo cinematográfico, rivalizando com Clark Gable, Errol Flynn, Robert Taylor e Tyrone Power na admiração dos "fans".



Em cima: Burt Lancaster fala ao correspondente especial de "A CENA" e de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood, estando presente à entrevista a senhora Luis Serrano. Em baixo: Burt Lancaster, entre Ava Gardner e Virginia Christine, duas das atrizes que participaram da filmagem de "Assassinos", a segunda película do novo ator da Universal, — e que lhe deu fama imediata.





Zalvar 747

SAUDADES DE UMA RAIVA

NA minha secção trabalha muita gente boa, camarada, muita gente interessante, sob o ponto de vista humano. É lógico que a turma feminina seja a mais interessante... Existe lá, entretanto, um tipo bigodudo que me aborrece imensamente. Esse sujeito passa o dia inteiro chupando os dentes e fazendo, é claro, o ruído característico de quem não sabe chupá-los polidamente. Isso me irrita de tal maneira que, às vezes, tenho vontade de me levantar de minha mesa e dizer uns desaforos a esse animal. O pior é que ele é grandalhão e forte e o meu físico não é lá dos melhores. De maneira que, a única coisa que posso fazer é xingá-lo, intimamente. Algumas vezes me imagino em sua frente, disposto a tudo, os olhos alucinados, a fisionomia carrancuda:

— Então, seu animal! Porque você não experimenta escovar os dentes em vez de vir chupá-los aqui na Secção, incomodando os que têm nervos delicados e se aporriñham imensamente com esses estálidos contínuos? Seu porco, seu imundo, você não recebeu educação em criança?

Esse chupador de dentes é um canalha, um cretino, o maior idiota que existe no mundo. Eu gostaria que esse indivíduo fosse atropelado por um automóvel, tivesse uma indigestão ou uma síncope cardíaca, fosse assassinado brutalmente com um belíssimo punhal ou uma daquelas magníficas espadas dos espadachins da Idade Média.

Eu fico maluco na Secção, não sei o que fazer para não ouvir o ruído do seu chupar de dentes, procuro me distrair ou me preocupar com uma coisa qualquer, mas a atenção continua sempre voltada para esse estálido ininterrupto, atenta, estoicamente atenta, marcando com uma exatidão matemática o momento maldito da nova chupada...

É uma desgraça. Percebo que estou emagrecendo, os sulcos da minha fronte estão-se acentuando cada vez mais, cada vez me torno mais neurastênico, tudo isso por causa desse miserável chupador de dentes. O chefe da Secção já chamou a minha atenção várias vezes para erros e cochilos encontrados nos meus trabalhos. Também, qual é o cristão que consegue fazer um balancete bem feito com um miserável desse chupando o dente atrás dele, pertinho dos seus ouvidos?

Eu ainda mato esse canalha!

★

O chupador de dentes chama-se Bento. Bento da Conceição Castilho, mais conhecido na Secção por Bentinho. Bentinho! Esta é muito boa! Tamanho cavalo daquele, ser chamado de Bentinho, Bentiozinho...

Bento da Conceição tem uma cara de carrasco nazista, enrugada e geralmente empecada por uma barba que nunca está bem feita. Tem mais ou menos uns dois metros de altura, é espadado e nadegado (digo nadegado para não usar o termo bundudo, palavra pouco elegante, sem dúvida), possui um nariz amarrotado e chelo de cravos, que lhe dá juntamente com os demais sinais característicos, uma expressão fisionômica de matador profissional.

Quando o brutamontes vem de manhã, para assinar o ponto, de longe já se anuncia pelo ruído rangir dos seus sapatos. Entra na Secção fazendo um barulho do inferno, como se fosse um furacão. Depois vai para a sua mesa, puxa a cadeira, estupidamente, e abre as gavetas com estrondo. E aí começa o meu martírio. O canalha, que já vinha chupando os dentes desde sua casa, incomodando, naturalmente, os seus vizinhos de bonde, ou de ônibus, mal se acomoda, e já solta o irritadíssimo estálido.

Aqui para mim, esse sujeito é pior que Hitler, mais canalha que os maiores assassinos japoneses, é um cão hidrófobo. Eu tenho medo de vir armado à Repartição

e acabar atirando nesse indivíduo para livrar-me do martírio de ouvi-lo chupar os dentes o dia inteiro, obrigado pelas circunstâncias, pois não posso abandonar o emprego depois de tantos anos de "serviços prestados ao país"...

Um dia experimentei tapar os ouvidos com algodão. Mas não deu resultado a experiência. Eu deixei de ouvir todos os ruídos da Secção, o tac-tac da máquina de escrever, o barulho de páginas que se viram, o fechar e abrir de gavetas, as conversas em voz baixa dos colegas. Mas, continuei ouvindo, nitidamente, o estálido do chupador de dentes, compassado, matematicamente exato quanto à sua duração, com a mesma intensidade que antes, como se não houvesse nada tapando os meus ouvidos. O estálido do chupador de dentes ficou gravado no meu cérebro e nos meus nervos e me é totalmente impossível deixar de ouvi-lo, estando em presença do brutamontes.

Muitos colegas de Secção já se acostumaram com esse irritante ruído e nem o percebem mais. Entretanto, não posso me tornar indiferente a ele, não consigo desviar a atenção dele, como se ele fosse o único som audível existente na Secção.

Eu sou um camarada até bastante democrático; sou até mais do que democrático. Acho que Bento Conceição tem direito de ser mal educado, de ser porco e de chupar os dentes quantas vezes quiser. Os dentes são de Bento, a língua e a boca são de Bento, o som produzido pelo ato da língua de Bento chupar os dentes de Bento, sai da boca de Bento. Ora, tudo isso é propriedade de Bento e de mais ninguém. Ele pode fazer o uso que quiser desses órgãos que a natureza lhe deu. Pode morder a língua, quebrar os dentes, introduzir matérias pouco limpas na boca, etc. Entretanto, o direito de Bento acaba quando o meu começa. Ora, eu tenho o direito a viver sossegado, sem ouvir o estálido produzido por sua boca imunda. De maneira que, juridicamente falando, Bento da Conceição não tem o direito de chupar os dentes na minha presença, porque isso me irrita e me faz mal, indo, portanto, de encontro aos meus direitos. Estou pensando em apresentar uma exposição de motivos sobre o caso, ao chefe de Secção.

Bento da Conceição Castilho, além de chupar os dentes, além de produzir sons inconvenientes aos meus nervos, ainda faz uma careta horrível todas as vezes em que põe o seu "aparelho" musical a funcionar.

Um dia em que eu fui trabalhar completamente de bom humor, contente com a vida e com as coisas, feliz como um passarinho livre (será que o passarinho é feliz?), disposto a achar tudo bom e bonito, — chovia desbragadamente, o dia estava escuro e feio para todo o mundo, as árvores, os prédios, as ruas, a paisagem enfim, tudo estava amortalhado pela chuva — nessa ocasião em que eu achei que o dia estava lindo, e tudo corria da melhor maneira possível, pus-me a observar o chupador de dentes e achei-o cômico. Bento, apesar de forte, é magro, tem as faces encovadas. Para chupar os dentes convenientemente, ele emprega um pouco de força, fazendo uma careta burlesca, ridiculamente cômica. Mas, continua trabalhando, atento ao seu serviço, sem se descontrolar, sem ao menos desviar a atenção do balancete no momento da nova chupada. Aliás, eu acho que talvez ele errasse todos os cálculos, se, por um motivo qualquer, se visse obrigado a não chupar os dentes...

Outro dia, como me irritasse imensamente e não conseguisse continuar com o meu serviço, pus-me a remedar Bento da Conceição, dando enormes e ruidosas chupa-

das nos dentes. Os colegas todos notaram a minha atitude e se puseram a rir gostosamente. Bento, a princípio, desconfiou de que algo estava acontecendo, com referência à sua pessoa, mas diante da professoral seriedade da minha fisionomia, ao dar as grandes e barulhentas chupadas, pôs-se também a rir de mim... Naturalmente o safado achou que eu sou um mal educado, um tipo sem compostura... Esta é muito boa!

Ao lado da minha mesa há uma janela e por ela eu olho a Vida. Chove lá fora. Os prédios de poucos andares exibem a feitura sem remédio dos seus telhados escuros, encardidos, remendados como mendigos.

Por entre os prédios eu via o "Pão de Açúcar" e um pedacinho de mar, se a neblina não estivesse encobrindo tudo.

A chuva, agora, é apenas garoa. Eu acho a garoa muito triste, imensamente melancólica, principalmente quando estou preso na Secção, sem poder fugir para a rua, para os "cafés", para o meio da multidão.

Jocelina, minha companheira de serviço, sabe que eu estou triste, que a garoa me angustia e vem conversar comigo, para me distrair.

— Você assistiu o Fla-Flu de ontem?

— Assistir, não assisti. Mas ouvi o jogo pelo rádio.

— Hun... Foi um jogão. Tinha gente à besa...

— Então, você gostou do jogo, não é?

Jocelina percebe que eu estou querendo ficar quieto, sozinho, sem vontade de conversar. Porque isso não adianta, não consegue espantar a grande tristeza que a tarde cinzenta gerou em mim. Segura então as minhas mãos e me faz carinhos. Uma grande vontade de tê-la em meus braços, de esmagá-la contra o meu corpo me assanha de repente e ela lê o desejo em meus olhos. Comprime, fortemente, as minhas mãos que tremem. Mas, o chefe da Secção, que não admite que ninguém seja feliz em seu domínio, acaba de chegar. Jocelina se afasta um pouco e me mostra o último balancete por ela datilografado.

— Quer ir ao meu apartamento esta noite? Vá, sim? Eu me sinto tão sozinho...

A minha voz é quase uma súplica. Sai baixinha e gaguejada, quase que incompreensível.

— Esta noite eu não posso, meu bem... Amanhã...

Jocelina vai bater qualquer coisa na máquina de escrever e eu fico novamente só, muito mais triste, muito mais desolado. Volto a olhar a paisagem amortalhada pelo aguaceiro.

★

Há dias que o chupador de dentes não aparece na Secção. Possivelmente Bento da Conceição entrou em férias, ou, então, ficou adoentado. Meus nervos foram-se acalmando, o meu serviço rendeu muito mais. Trabalhei com prazer estranho, intensamente, chamando até a atenção do chefe da Secção e recebendo, por isso, grandes elogios. Voltei a sorrir satisfeito por qualquer motivo, a contar piadas, a brincar com as garotas, minhas companheiras de trabalho.

Ontem, lembrei-me de perguntar porque o Bentinho não vinha há dias trabalhar. Foi então que eu soube que o brutamontes tinha sido transferido para outra Secção, que funciona a cinco andares distante da minha. Dei um suspiro de alívio.

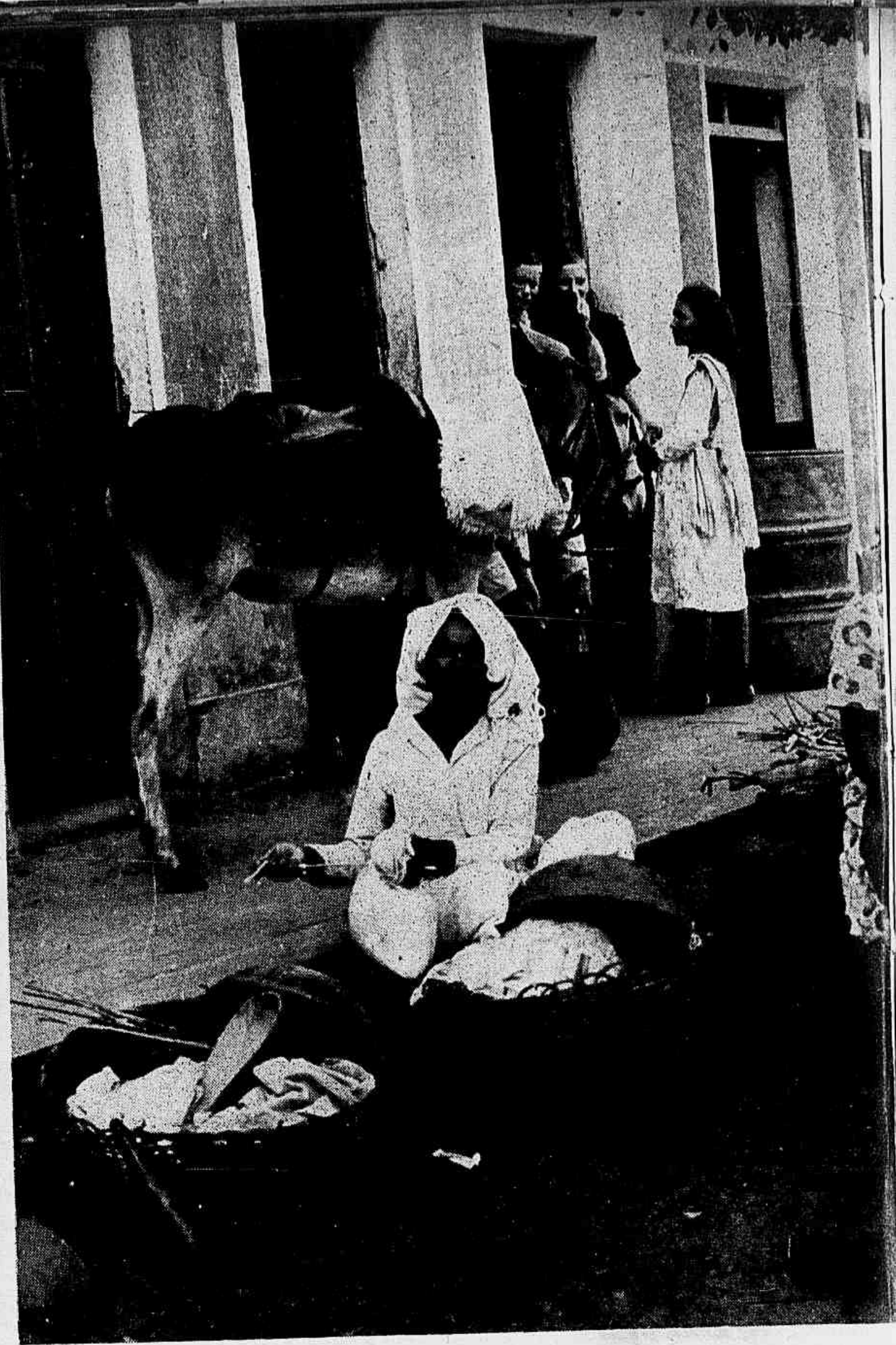
— Até que enfim!

Pouco mais tarde, certo de que estava livre de Bento da Conceição, talvez para sempre, comeci a sentir falta daquele estalidozinho que ele fazia diariamente atrás de mim. E uma descabida e imensa saudade do "chupador de dentes" me invadiu...

Conto de ALMEIDA FISCHER

Ilustração de A. ZALUAR

(ESPECIAL PARA "REVISTA DA SEMANA")



A esquerda: A cara séria, pois já deixou de olhar o mundo com o alvoroço da perdida mocidade, a comadre espera que a freguesa leve ao menos um punhado de umbús trazidos da roça. A direita: O jumentinho subiu para a calçada, enquanto o dono foi fazer seus negócios na feira. As moças da casa vêm até à porta, dando um dedo de prosa à roceirinha que deixou a duas ou três léguas o ranchinho de palha, para oferecer na cidade os seus labirintos ou o bordadinho humilde.

FEIRAS DO NORTE

COMO tantos outros costumes teimosamente arraigados no Brasil, a feira dos nossos sertões é tipicamente portuguesa, muito embora tenham as de Portugal origem mais remota, sabe Deus de que milenares ajuntamentos dos primitivos romanos da província.

Ainda agora, em sua excelente "Arte Popular-Usos e costumes portugueses", Armando de Lucena se refere aos longes tempos "em que a instituição das feiras e mercados constituiu grande progresso nos problemas da nossa economia. Procurava-se, por um lado, o desenvolvimento da cultura agrária, arroteando, semeando e colhendo, finalmente, o produto desse trabalho, enquanto que por outro era preciso colocá-lo, ou distribuí-lo por forma conveniente e lucrativa. Os transportes eram raros, laboriosos e principalmente muito roncios, o que levou alguns reinantes da primeira dinastia ao estabelecimento de certos postos de transação chamados feiras. Ali, concentrada, toda a atividade do povo, podia atingir o desenvolvimento merecido, criando novas fontes de trabalho e de progresso da Nação, feito, como se sabe, no reinado de Afonso III. Atualmente a feira pou-

DE ROMA A JAGUAQUARA — FRUTA, MEXERICO E AMOR — VAQUEIROS E ODALISCAS — "TROUBADOURS" DO SERTÃO — A LÍRICA DA FEIRA NORDESTINA.

Reportagem de HERMAN LIMA

Fotos de RAUL PONTUAL

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

ca razão tem de ser" — levando-se em conta as exigências maiores da vida, a carência de produtos generalizada no mundo todo, a difusão dos transportes rápidos que não mais exigem, como outrora, êses determinados pontos de reunião para venda das pequenas sobras da produção rural.

Entretanto, não é provável que as feiras sofram o perigo de desaparecer totalmente, como outras tantas usanças da nossa terra. Como diz aquele professor português, "no fundo, a questão deve ser apenas um episódio tradicional, um desafogo para o espírito, simples variante, talvez, no ramerrão da vida, ou melhor ainda: pretexto de folgança quando não é também campo admirável e propício às transações dolosas dos oliganos e doutros feirantes com os mesmos escrúpulos."

TRAÇO DE UNIÃO DO SERTÃO COM O MUNDO

A feira, na verdade, é o traço de união do sertão com o mundo. Metido a semana todas nas brenhas, na dura lida do roçado ou do campo das reses, varejando fechados e caatingas na procura dum barbatão vasqueira, cavando a terra negra, o dorso nua, em violenta helio-terapia que é muita vez seu prato de resistência, o sertanejo espera o dia da feira na vila ou na cidade próxima, como um dia de festa. E' lá que vai encontrar os amigos e conhecidos doutras bandas, vindos, como ele, por longos caminhos de serra e vale, ao chouto do cavalinho de duro fôlego, quando não levantando a poeira da estrada com o lepte-lepte da alpercata, o chapéu de couro revirado como um escudo contra

a solama, o espírito leve das penas de toda hora, além da confiada esperança no lucro que lhe venha dos caquás atestados de gerimuns e macacheiras, de cana ou milho verde.

Já de longe, da entrada do povoado, vai vendo o risco amarelo ou zarcão das paredes do mercado, com os seus "quartos" onde se alojam as vendas regulares de produtos doutras zonas, arroz, açúcar, querosene, carne do sol e tecidos, como também os pequenos restaurantes de sinha Rita ou da tia Zefa, para um almoçinho mais enfeitado do que o do seu pobre rancho.

No largo pátio do mercado, batido do sol africano que se derrama sobre os toldos das barraquinhas e os fichús das mulheres arranchadas diante dos pequenos negócios, os taboleiros de beijús, pés-de-moleque, cús-cús, tapioca e bolos de milho, a algazarra é grande, desde as primeiras horas do dia.

Ninguém tem pressa em vender, o gosto maior é o de dar a língua, para uma conversinha que vai se trançando de canto a canto, como uma renda daquelas mesmas que certa moça de dedos de fada está mostrando aos fregueses de mala posse, como o moço engenheiro que velu da capital fazer uns

estudos para o futuro traçado da rodagem ou a noiva da vila em preparo de enxoval.

São os mostruários o próprio chão da praça de areia ou as calçadas das casinhas de parede caiada, quando a feira se reúne fora de portas, no largo da matriz ou no próprio mercado. Há de "um tudo", como diz o sertanejo, desde a rapadura, as culas de jaboticaba ou umbú, os artefatos de palha de carnaúba ou ouricuri, conforme as terras, — esteiras, chapéus, abanos, urús; redes de todo preço e tipo, da mais fina à tipóia de corda trançada; colheres de pau; a ingênua cerâmica de todo o Brasil, alguidares, panelas, tigelinhas, jarros de flores pintadas para o luxo de algum pé de mangericão, ou de angélica que a mocinha sonhadora gosta de ter na janela de sua paiçoça, à espera do namorado. Há também os produtos mais nobres do sertão, as rendas de bico ou de labirinto de que falei, os artigos de couro trançado, rebenques, chapéus marcados a fogo, selins e arrelos do mais belo acabamento, a caprichosa cutelaria de certas zonas, como na Paraíba e no Ceará, facas de lâmina de aço de Toledo, o cabo lavrado como um jóia, com incrustações não raro de ouro e de marfim, a folha capaz de varar moedas de níquel.

FEIRAS DO MEU TEMPO, FEIRAS DE HOJE

Feiras de Limoeiro, de Russas, de Morada Nova, no meu sertão do Ceará, por onde começaram as andanças de metade da minha vida, onde os meus alvoroços de rapaz naturalmente preferiam, ao rigor da mais segura marca do artigo, certas feirantes de olhos cômicos de âmbar, braços que nem o velho Machado de Assis saberia cantar devidamente, peitos de rôla, fazendo ninho no vestido de chita, "atestados de malícia", como dizia o clássico, a boca mais viçosa do que qualquer fruta temporária dos balaios defronte. Caboclinhas das várzeas do Jaguaribe e do Banabuiú, que eu tinha ido descobrir de tão longe, para a companhia das praias evocadas nos meus primeiros contos do Meireles, tanto tigipió muita vez apenas visto uma hora, para a lembrança de toda vida. Estou, por exemplo, agora mesmo, vendo de novo, como há um quarto de século, a Amélia do Pedro Aleijado, que parecia ter no pé uma das asas de Mercúrio, tanta a facilidade com que a víamos, um dia em Russas, outro a cinco léguas, em Limoeiro, logo mais em União, das mais belas criaturas que até hoje cruzei por este mundo, a pele de cor vizinha do ouro, olhos da mesma Carmen, uns cabelos que era de ver seda negra, um corpo de dar bebe-

★

De cima para baixo: Se lhe pisarem nos calos não tenham dúvidas que o caboclo desempenado pouco se importa de fazer em cacos toda a cerâmica de sua modesta exposição. Tem qualquer coisa dum acampamento de ciganos ou de refugiados, pela diversidade de trens amontoados a esmo e pelo improvisamento das pobres barraquinhas. Que importa que a mula manque. O que as querem é meter a tesoura de rijo a vida do próximo, nem que o sol lhes ache a cabeça. Para outra coisa não foi que vieram, sabe Deus de quantas léguas, no calcante.





Esta balaninha bonita, com a cabeça que parece um bronze de escultor neo-clássico, não está fazendo nenhuma pose especial. A beleza que Deus lhe deu é para ela tão natural como o desejo de vender logo a modesta mercadoria de sua banca.

★

Anda já em quarenta ano
Que eu vivo somente disso.
Achando quem me proteja,
Eu sou bom neste serviço:
Eu faço vez de machado
Em tronco de pau mucisso...

Esta minha rebequinha
É meus pés e minhas mãos,
Minha folce e meu machado,
É meu mio e meu feção,
É minha planta de fumo,
Minha safra de algodão...

O estro varia em todos os tons, do dramático ao humorístico, do sarcasmo ao lirismo. Outro famoso cantador cearense, Jacó Passarinho, do Aracati, divertia-se em compor estrofes deste jeito, para em seguida "desmanchá-las", isto

★

Uma pose faceira, diante do fotógrafo, que lhe levará a imagem para a cidade que ela nunca há de conhecer.

deiras de vinho na alma da gente. É uma graça de requiebro, um modo de rir, com uma flor no canto da boca, uma tamanha insolência de toda a figura, quando punha as mãos no quadril e derramava o olhar, de banda, como um óleo que se espalhasse pela nossa pele, amolecendo e derrubando toda reserva de resistência formal. Pura fortuna e glória do sertão, bem feita e ágil como o meu cavalo Gavião, tão longe das sofisticadas mulatas dos shows de hoje em dia, era bem uma princesa árabe transviada na roça, para pábulo do primeiro cabra desempenado que a cubicasse. E, como ela, tantas mais, que não passaram de moda e ainda hoje qualquer um pode encontrar, do fundo duma palhoça de beira de estrada ou vizinha das dunas de Mucuripe, flor e graça da minha terra nunca assás louvada.

Feiras de Lençóis, Andaraí, e Mucugê, por onde eu iria ainda, dez anos depois, rever os mesmos patricios da minha mocidade, não mais, todavia, na roupa de couro dos vaqueiros nordestinos, mas no terno de brim ou algodãozinho do garimpeiro das Lavras, fazendo o saco de provisões da semana, na véspera de se meter seis dias seguidos, nos socavões da serra do Veneno ou nos Loqueirões do Santo Antonio, do São José ou do Barro Branco.

Feiras da Bahia, de Valença, de Taperoá, com a especialidade da pequena Mesopotâmia do sul, os camarões secos no espeto, as laranjas que só as do Cabula são iguais, a farinha de mandioca de fama tão grande, os galões de azeite de dendê que é ouro puro, os panacuns de milho verde e carangueijo.

Feira da Agua de Meninos, na Bahia, um bazar africano, em pleno areal das docas do Salvador, ao pé do mar que

Jorge Amado celebrou como ninguém, o Mar Morto, o mar de Dona Janaima, namorada de Dorival Calmy, — pequeno mundo de cerâmica do Reconcavo, de frutas de toda espécie, da pequena indústria rural da vizinhança.

O REINO DOS TROVADORES

Quanto mais distante a vila ou povoadado, mais típica e mais brasileira. Toda a vida do resto da semana ganha uma energia de que nem sequer se suspeita nos outros dias. Ao lado das tarraquinhas ou do simples amontoamento dos gêneros espalhados no chão, andam os grupos de moças e rapazes, na hora do namoro mantido pacientemente no ciclo hebdomadário. Há as comadres, valentemente tesourando as vizinhas. Há os cantadores que vêm de longe, com a harmônica ou a viola e renovam, há quatro ou seis séculos de distância, no tempo e no espaço, os jograis e troubadours das eras de Dom Sebastião.

Esses são, em muitas delas, o centro solar da animação, a glória de alguns enchendo ainda hoje a memória de muitas cidades sertanejas, quando não mesmo da capital.

Um do meu tempo, famoso em Fortaleza, em cujo mercado ia cantar todos os domingos, acompanhado na sua peregrinação pela mulher que durante a semana lia para ele decorar folhetos e manuscritos, era o cego Sinfrônio, sem rival durante dez ou quinze anos. Leonardo Mota, em Cantadores, deixou para a posteridade o traço mais vivo da passagem desses rapsodos errantes e humildes, que só a glória de cantar blasonavam, em rompantes de empáfia e gabo próprio.

Era assim, por exemplo, que Sinfrônio se apresentava, pela primeira vez na casa do folclorista:



Uma rua de barraquinhas. Ao fundo o coreto para as glórias da Filarmônica local.

★

é, recitá-las invertidas, do fim para o começo, sem uma errada:

Eu vi um lacrau de dente
Cum cinturão na cintura;
De um quarto de rapadura
Vi grilo fazer presente;
Vi um aruá contente
Mangando de um velho gato;
Vi morcego virar rato;
Vi cobra cortar vassoura;
Vi barata de tesoura
Cortando a barba de um pato.

Ou então destilando infindáveis litas de frutas e pés de pau", que sabia depois distribuir, a vontade, no mesmo ritmo:

Jaca, condessa e oiti,
Ingá, pitomba e cajú,
Lima, cabaça e imbú,
Palmeira, coité, piqui,

★

Para este vaqueiro, a feira é um dia de folga que nem o domingo representa igual — se não é o domingo o dia da feira na sua vila. Baiano, de Santo Amaro ou de Jaguaquara, tem já na indumentária a marca dos tempos americanizados.



Pinha braba e murici,
Quixabeira e guabiraba,
Fruita de abobra e mungaba,
Gaviola e jatobá,
Uva, peroba, araca,
Ubala, ameixa e quixaba.

Ao lado dessas, são de deliciosa frescura e espontaneidade as estrofes de amor, cantadas nas feiras, como estas que Aderaldo, outro cantor cego, do Ceará, forneceu um dia ao mesmo Leonardo Mota:

A unha nasce do dedo,
O dedo nasce da mão,
Mas a mão nasce do braço
E o braço nasce do "vão";
A pedra nasce do fogo,
O fogo nasce do chão,
O amor nasce de dentro,
Do interior do coração.

SANGUE, MEXERICO, SAUDADE

Muitas vezes, nas feiras sertanejas, ao cair da tarde, quando os negócios já estão quase no fim e cada um se prepara para ajeitar os trens e se pôr de marcha para casa, os ânimos de dois valentes, aquecidos por alguma dose extra de cachaça do Cumbe, de Santo Amaro, de Januária, pegam fogo e lá rompe, no alegre brouhaha, a celeuma dum bate-bôca que não tarda a degenerar em ro'io grosso.

Lambedeiras de três palmos surgem ao sol, os rijos jucás de metro sobem no ar e é muita cabeça quebrada, quando não um fica estirado no pó, agarrando com ânsia as entranhas que querem bolsar fora. Trilam apitos dos fiscais da feira, os policiais displicentes que andavam fazendo roda, como galãs cinematográficos, a alguma das mocinhas mais requestradas, voam no rastro da briga, mas

quando chegam em geral não há mais nada que fazer, senão levar para a farmácia, para um penso, o de cocoruto pingando sangue ou providenciar o transporte do ferido, numa rede de empréstimo, para a pobre casinha, muitas vezes a léguas de distância, em plena roça.

Com isso, os retardatários levantam a tenda, as comadres que desde a manhã andavam dum canto da feira a outro, em conclusão animadíssimas, acocoradas na primeira sombra ao alvorecer, remexendo mexericos e fofocas mais variadas "trancinhas" com vida rcheia, benzem-se na boca, tratam de juntar as coisas e closamente reservam para a próxima "performance" os restos do cabedal de comentários.

Os namorados que vão ficar apartados até o próximo sábado ou quarta-feira, conforme o dia, trocam saudades e recomendações, numa fartura de olhares, longos onde Amor derrama seus filtros mais doces e doridos.

Outra vez os animais de carga se estrelam, estalam brucacas de couro e caquás de cipó trançado, pendentes das cangalhas de madeira, enfileiram-se as tropas, cada feirante toma seu rumo, os minguados niqueis que sobram das barganhas do dia ao fundo do bolso ou amarrados na ponta do lenço, quando se trata das mulheres. E, novamente a praça se despovoou, a vida em câmara lenta vai tomando conta do lugar como sempre, lá da Matriz vem o toque da Ave Maria, pelas longas e dormientes estradas de retorno as primeiras sombras da noite ou o aguaceiro dos incomparáveis lúes do sertão se despejam, na imponderável grandeza das coisas que não mudam, desde que o mundo é mundo, na marcação do ciclo que a feira, relógio da vida sertaneja, acabou de encerrar naquela hora.



A cabeça do marido

Conto de H. G. WELLS

Ilustração de O. MATTOS

Foi em uma aldeia pantanosa, sobre a laguna, por detrás da península Turner, que se efetuou o primeiro encontro entre Pollock e o Porroh. As mulheres desse país são célebres pela beleza: Gailinas, elas têm nas veias uma gota de sangue europeu que data do tempo de Vasco da Gama e dos ingleses negociantes de escravos. O Porroh também tinha em si vestígios de descendência caucasica.

Não é bem curioso pensar que alguns de entre nós podem ter primos afastados que andam a cavalo com os Sofas, ou comem carne humana lá na ilha Sherboro?

Em todo o caso, o Porroh feriu a mulher no coração, — absolutamente como se ele fosse um vulgar italiano — e por pouco atingia também Pollock. Este, servindo-se do revolver para aparar a investida que era dirigida contra o seu peito, fez voar o punhal do adversário e meteu-lhe uma bala na mão.

Atirou de novo, mas sem resultado, logrando apenas fazer um rombo imprevisto na parede da cabana. O Porroh abaixou-se no limiar e deitou por baixo do braço um olhar a Pollock. Pollock nada mais conseguiu senão ver à luz do sol aquele semblante invertido; depois ficou sozinho, doente e transtornado pela emoção do fato, na semi-escurecida da choça. Tudo isto se havia passado em menos tempo do que o preciso para contá-lo.

A mulher estava bem morta. Depois de se capacitar disso, Pollock se dirigiu para a porta e olhou para fóra. O sol iluminava tudo com um brilho deslumbrante. Uns seis carregadores da expedição conservavam-se agrupados perto das cabanas verdes que ocupavam, todos com os olhos fixos nele, imaginando o que poderiam significar aqueles tiros. Por detrás daquele pequeno grupo de homens, uma vasta extensão de lama negra e fétida, ao longo do rio, um tapete verde de folhas e de plantas aquáticas, depois a água estagnada. Para além do rio, apresentavam-se os arbustos paludosos, indistintos, através da névoa azulada. Não havia o menor indício de agitação na aldeia, nas casas achatadas, cujo recinto era apenas visível por cima dos canchãos.

Pollock saltou da cabana cautelosamente e dirigiu-se para o rio, olhando frequentemente para trás e apertando o revolver com mão nervosa; mas o Porroh tinha-se posto a salvo.

Um dos seus homens veio-lhe ao encontro e, aproximando-se, mostrou-lhe uma coisa que Pollock não pôde ver.

da cabana, e no meio da qual o Porroh tinha desaparecido. Pollock teve a impressão desagradável de que se havia comprometido como um tolo; ele experimentava uma raiva invencível ao ver a feição que as cousas tinham tomado. Ao mesmo tempo, desejava falar com Waterhouse, com o moral, o exemplar, o prudente Waterhouse, que com toda a certeza tomaria as cousas a sério.

Ele maldizia amargamente o seu destino e Waterhouse, e, principalmente, a costa ocidental da África. Estava farto da expedição até a ponta dos cabelos. E, no fundo do seu espírito, só havia uma inquietação, um cuidado: de que lado poderia estar o Porroh?

Isto pôde, talvez, impressionar desagradavelmente; mas Pollock não se sentia de modo algum transtornado pelo atentado que acaba de ser cometido. Ele tinha visto tantas brutalidades no decurso daqueles três últimos meses, tantas mulheres mortas violentamente, tantas choças incendiadas, tantos cadáveres ressecados, ao subir o rio Kittam na passagem dos cavaleiros Sofas, que já tinha os sentimentos embotados. O que o perturbava era a certeza de que o seu negócio estava ainda apenas no princípio.

Ele recebeu com uma praga furiosa o negro que se dirigia para ele afim de lhe fazer uma pergunta e entrou na tenda onde, debaixo das laranjeiras, se achava deitado Waterhouse; estava naquele momento no estado de irritação de uma criança que vai arrostar uma reprimenda.

Waterhouse estava ainda dormindo sob a ação da última dose de clorodine. Pollock sentou-se perto dele sobre uma mala e, acendendo um cachimbo, esperou o seu despertar. Ao redor deles viam-se esparsas as vasilhas de barro e as armas, que Waterhouse tinha tomado aos Mendis, e que já havia principiado a empacotar para a viagem que ia fazer em canoa até Sulyma.

Dentro em pouco, Waterhouse despertou, e, depois de espreguiçar-se, declarou que se sentia completamente restabelecido. Pollock deu-lhe um pouco de chá. Depois do chá, contou-lhe os incidentes da tarde, não sem ter recorrido a várias preliminares, afim de não entrar logo em assunto. Waterhouse tomou o caso muito mais a sério do que Pollock havia previsto; não se limitou a desaprová-lo, fez várias censuras, tornou-se descoratório.

— Você é um desses diabólicos idólatas, exclamou, que não consideram um negro como um ente humano. Não posso ficar aqui por ele sem que se

meta em algum acontecimento funesto. E' esta a terceira vez, no espaço de um mês, que lhe acontece desavir-se com um indigena e, desta vez é de véras. E ainda em cima com um Porroh! E, no entanto, eles bem se mostraram revoltados contra aquela sua grande parvoíce de escrever o seu nome sobre aquele idolo! E eles são os homens mais vingativos que existem! Por sua causa a civilização é obrigada a corar de vergonha. E dizer que você é oriundo de uma família honesta! Se algum dia me acontecer encontrar embaraços provocados por uma criatura viciosa e estúpida como você...!

— Vamos, acalma-se, gaguejou Pollock com aquele tom que sempre tinha exasperado Waterhouse. Acalme-se.

Ao ouvir isto, Waterhouse emudeceu e levantou-se bruscamente.

— Atenção, Pollock! disse ele depois de ter feito um violento esforço para recobrar o alento. Vai ser preciso voltar para a Inglaterra. Ser-me-la impossível conservá-lo aqui por mais tempo. Por sua causa estou doente desta maneira.

— Não se inquiete por isso, respondeu-lhe Pollock, fixando-o bem de frente. Estou pronto a ir-me embora.

Waterhouse recuperou a calma e tornou a sentar-se.

— Seja assim, acrescentou ele. Não quero discussão, bem o compreende, Pollock; mas é sobremodo desagradável a uma pessoa ver os seus planos destruídos por uma história semelhante. Irei a Sulyma providenciar para seu embarque.

— Não vale a pena. Posso partir sem isso. Daqui até lá não é longe.

— Não é longe? Você não conhece os Porrohs.

— Como poderia eu saber de aquela mulher pertencida aos Porrohs? respondeu com amargura Pollock.

— E todavia, assim é, ela pertencia-lhes, e, quanto a isso, nada pôde fazer... Partir sozinho, coitado! Penso com horror no que eles lhe poderiam fazer! Parece que não compreende que aqueles abomináveis feiticeiros têm dentro das mãos todo o país; eles representam, conglobadas, a lei, a religião, a política, a medicina, a magia, etc. Eles designam os chefes: a tirania da Inquisição nada é comparada com a deles. Provavelmente, o homem porá no seu encalce Awajale, chefe da tribo. E' realmente uma felicidade que os nossos carregadores sejam Mendis.

Vamos ter que transportar para outro local o nosso escritório. Com a breca, Pollock! Evidentemente é necessário que você parta, e sem demora.

Waterhouse pareceu absorver-se em reflexões desagradáveis. Daí a pouco, levantando-se, tomou da carabina.

— No seu lugar, eu me conservaria escondido, durante algum tempo, acrescentou, olhando para trás quando ia saindo. Vou ver o que se diz pela vizinhança.

Pollock ficou na barraca, sentindo o peso da profunda tristeza.

— Não fui feito para esta vida, disse ele de si para consigo, com expressão de saudade, ao mesmo tempo que enchia o cachimbo. Daqui a pouco estarei em Londres, ou em Paris, o que é muito preferível.

O seu olhar caiu sobre a caixa lacrada, dentro da qual Waterhouse tinha posto as flechas envenenadas e sem penas, que eles haviam comprado no país dos Mendis.

— Eu bem quizera ter metido uma boa bala na pele daquele tratante, disse Pollock com malevolência.

Waterhouse voltou, após uma ausência bastante longa. Não vinha disposto a confidencias, muito embora Pollock lhe fizesse não poucas perguntas. Segundo parecia, o Porroh era um membro importante daquela sociedade secreta. A aldeia interessava-se pela aventura, mas não estava em atitude ameaçadora. Não havia dúvida nenhuma de que o feiticeiro se tinha retirado para a caça. Era um grande feiticeiro.

— E' fóra de toda a dúvida que ele está meditando qualquer coisa, pronunciou Waterhouse.

Depois tornou a cair em silêncio.

— Mas que é que ele pôde fazer? perguntou Pollock, a quem não prestavam atenção.

— E' preciso que eu o previna. Qualquer coisa se está preparando; de outro modo, não estaria tudo tão tranquilo, retorquiu Waterhouse depois de uma pausa.

Pollock desejava saber qual podia ser o perigo.

— Estão dançando em roda no interior de um círculo formado de crâneos, respondeu Waterhouse. Estão mexendo qualquer coisa mal cheirosa dentro de uma cassarola de cobre.

Pollock pediu detalhes. Waterhouse mantinha-se lacônico, e o seu interlocutor insistia. Por fim Waterhouse perdeu a paciência.

— E como diabo hei de sabê-lo? respondeu ele a uma nova pergunta, a vigésima talvez, que Pollock lhe dirigia sobre o que podia estar fazendo o Porroh. Ele tentou matá-lo logo, ali mesmo, dentro da choça. Agora, imagine que deve ter recorrido a alguma tentativa mais calculada. Mas você há de vê-lo mais depressa do que deseja. Não tenho necessidade de auxiliá-lo a ficar nervoso. É possível que tudo isto, afinal, não tenha fundamento nenhum.

Depois do anoitecer, como estivessem ambos sentados perto do fogo, Pollock tentou de novo interrogar Waterhouse sobre os costumes dos Porrohs.

— E' preferível que nos vamos deitar replicou Waterhouse, quando compreendeu onde Pollock desejava chegar. Temos que partir cedo amanhã. Pôde ser que você necessite de todo o seu sangue frio.

— Mas como julga que ele se portará?

— Posso acaso sabê-lo? Esta gente é muito caprichosa. Tem uma quantidade de subterfugos impossíveis de prever. São muito infamantes por

de Shakespeare, aquele enorme diabo cor de cobre...

Viu-se então um clarão acompanhado de um estampido, na escuridão que envolvia as choças; e uma bala veio, silbilando, passar bem rente da cabeça de Pollock. Isto pelo menos era assás eloquente.

Os negros e os mestiços, sentados a conversar em volta da fogueira, puzeram-se em pé e alguns deles atiraram no meio do escuro.

— E' melhor entrar em uma das choças, disse tranquilamente Waterhouse ainda sentado e absolutamente nada comovido.

Pollock ficou em pé ao lado do fogo e puxou do revólver. Não tinha medo de entrar em combate. Mas um homem tem na noite a melhor proteção que é possível. Conformando-se com o prudente aviso de Waterhouse, penetrou na tenda e deitou-se. Por muito leve que fosse o seu sono, ele foi perturbado por sonhos, pesadelos variados, nos quais lhe aparecia sobretudo o Porroh, tal qual ele o tinha visto no limiar da cabana, olhando por baixo do braço e com o rosto invertido. Era exquisto que aquela impressão de um instante o tivesse empolgado tão profundamente. Demais, torturaram-no umas dores singulares em todos os membros.

Na meio da névoa alvacentas do alvorecer, quando se cuidava em transportar as bagagens para os barcos, uma flecha veio inopinadamente cravar-se no chão, perto do pé de Pollock. Os boys simularam sondar o massiço, mas sem lograrem capturar ninguém.

Em consequência desses dois incidentes, houve, em uma parte dos membros da expedição, desejo de abandonar Pollock aos seus próprios recursos, e este, pela primeira vez na sua vida, pensou em se aproximar dos negros. Waterhouse entrou em um barco; a despeito do seu desejo amistoso de conversar com ele, Pollock teve que tomar o outro. Deixaram-no sózinho, á proa da embarcação e ele passou pelo grande dissabor de obrigar homens que o detestavam a ocupar o meio exato do rio, a cem metros pelo menos de cada uma das margens. Entretanto, mandou vir para junto dele Shakespeare, o mestiço de Freetown, e ordenou-lhe que falasse sobre os Porrohs; Shakespeare, que não tinha conseguido deixar Pollock sózinho, prestou-se á sua curiosidade com muita franqueza e boa vontade.

O dia passou-se assim. O barco deslizava mansamente sobre o espelho da corrente, por entre figueiras aquáticas, troncos de arvores, papyrus, ramos de couve-palmista, correndo á esquerda da cortina de plantas paleturcias, — através das quais se podia ouvir de vez em quando os bramidos das vagas do oceano. Shakespeare falou, no seu inglês chelo de asperezas amortecidas, de todos os recursos que os Porrohs podiam empregar; ele disse a maneira como, em consequência dos seus malefícios, os homens ficavam secos, como eles podiam provocar sonhos, aparições diabolicas; como eles torturam e fizeram perecer os filhos de Ijibu; como raptaram de Sulyma um negociante branco acusado de ter maltratado um dos da sua seita, e qual o aspecto que apresentava o cadáver, quando o encontraram. Após cada uma daquelas narrações, Pollock maldizia consigo mesmo aquela ausencia de um representante das missões, que autorizava semelhantes atrocidades, e a inercia do governo britânico que se fazia sentir em toda aquela barbaria da Serra-Leão.

Chegou-se ao lago de Kasé ao anoitecer, e, antes de se dispôr o acampamento para a noite em uma l'hot, foi preciso expulsar uns vinte crocodilos que a infestavam.

No dia seguinte, a expedição chegou a Sulyma; sentiu-se a brisa do mar; Pollock, porém, teve que se demorar ali durante cinco dias, antes de poder continuar a viagem para Freetown. Waterhouse, considerando que ele estava em relativa segurança, na zona de influência dos brancos de Freetown, deixou-o e voltou para trás com a sua escolta, tomando o rumo de Gbemba. Pollock travou com um certo Pereira, único negociante branco residente em Sulyma, as mais amistosas relações, tão amistosas, na verdade, que não se separavam mais. Pereira era um judeu português que tinha vivido na Inglaterra, e considerava como um grande favor a amizade dos ingleses.

Durante dois dias nada de extraordinário se passou. Quase sem interrupção, Pollock e Pereira jogavam uma partida de imperial, único jogo que ambos conheciam. Pollock endividou-se. Na tarde do segundo dia, ele teve a desagradável surpresa de saber da chegada do Porroh a Sulyma, por uma

ferida que lhe fez no ombro uma ponta de ferro muito aguçada.

Era um projétil arremessado de longe, o qual, antes de ferir, havia perdido muita da sua força. Nem por isso ele deixava de representar do mesmo modo um aviso muito significativo. Pollock passou toda a noite sentado na rede, com o revólver em punho, e no dia seguinte de manhã fez, com as devidas restrições, algumas confidências ao seu anglo-português.

Pereira tomou o caso a sério, por isso que conhecia a fundo os costumes dos indígenas.

— E' uma questão pessoal, compreenda isto bem. Trata-se de uma desforra. Evidentemente, ele sente-se urgido pela sua próxima ausencia do país. Nem um dos naturais ou dos mestiços querará imiscuir-se no caso, a menos que o senhor não os associe aos seus interesses. Se o senhor chegasse a surpreendê-lo de imprevisto, poderia matá-lo. Verdade é que ele também poderia alvejá-lo.

Mas deve-se contar com aquela magia diabolica, acrescentou Pereira. Sem dúvida eu não creio nela. Tudo isto não é mais que superstição; o pior é pensar que, esteja o senhor onde estiver, há um negro que passa a noite ao relendo, dançando em torno de uma fogueira para lhe enviar sonhos maus. Não tem tido alguns sonhos maus?

— Tenho, respondeu Pollock. Continuo a ver a cabeça do bandido em posição invertida, fazendo-me caretas e rosnando-me os dentes, como fazia na cabana, aproximando-se de mim, afastando-se e tornando a voltar. Não é motivo para temer mas nem por isso deixo de ficar gelado de horror durante o sono.

Que cousa exquisita são os sonhos! Reconheço perfeitamente que é um sonho, mas não posso despertar para livrar-me dele.

— Simples questão de imaginação, disse Pereira. Os meus negros, porém, pretendem que os Porrohs podem mandar serpentes. Não viu há pouco tempo algumas serpentes?

— Uma só. Matel-a esta manhã no chão, perto da minha rede. Quase lhe pús o pé em cima, ao levantar-me.

— Ah! exclamou Pereira.

Depois, em tom tranquilizador:

— E' manifesto que isso não passa de uma simples coincidência. Não obstante, é mister acautelar-se. Sente ainda dores nos ossos?

— Eu julgava que elas eram causadas pela febre.

— Sim, provavelmente. Quando principiaram?

Então Pollock lembrou-se de que as havia sentido pela primeira vez na noite que se seguiu á luta dentro da cabana.

— Sou de opinião, disse Pereira, que ele não deseja matá-lo, pelo menos por enquanto. Ouvi dizer que o fim deles é afligir e sobressaltar um homem, com os seus malefícios, seus falsos alarmas, com varias dores, sonhos maus, etc., até que ele se canse da vida... isto são meras legendas, o senhor bem compreende. Não se inquiete com essas cousas; mas eu desejava saber o que irá ele inventar agora.

— Cumpre-me encontrar qualquer cousa antes dele, disse Pollock, olhando com ar melancolico para as cartas que Pereira estava colocando em cima da mesa. A minha dignidade não me permite estar assim provocado por toda a parte, ser constantemente o alvo de um inimigo: é uma existencia odiosa... Desejava saber se essa magia dos Porrohs seria capaz de mudar a fortuna de um jogador.

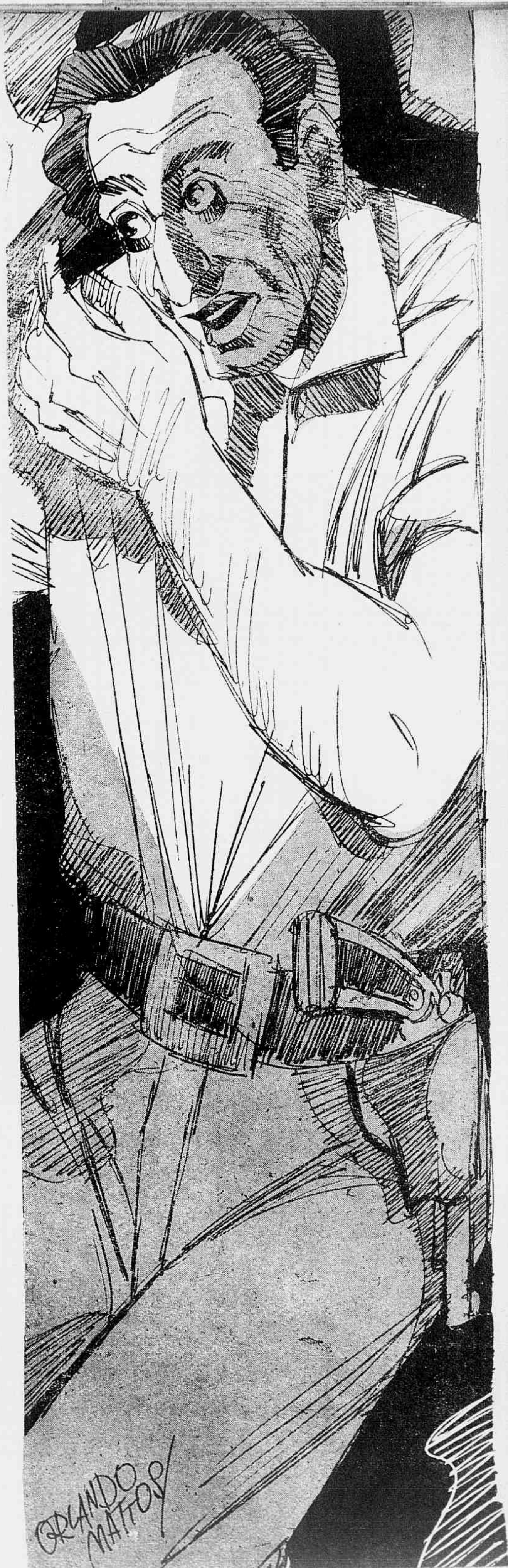
E olhava para o parceiro com ar desconfiado.

— Sim, sem dúvida, respondeu vivamente Pereira, batendo nas cartas com afetação. Esta gente é admirável.

Naquella dia Pollock matou duas serpentes na sua rede; houve também um extraordinário acrescimo de formigas vermelhas de que o lugar estava repleto. Todos esses contratempos decidiram-no a conversar sobre a sua história com um certo Mendi, pronto para tudo, a quem ele havia sondado em outros tempos. Esse honesto Mendi, tirando do bolso um pequeno punhal de aço, indicou-lhe no pescoço o lugar onde se deve ferir; era de fazer calafrios. Como recompensa, em razão de umas certas considerações, Pollock prometeu-lhe uma carabina de dois tiros, com platina de luxo.

Depois de anoitecer, enquanto Pollock e Pereira jogavam cartas, o pirata Mendi entrou, trazendo qualquer cousa dentro de um pedaço de pano, ensopado de sangue.

— Aqui não, bradou o inglês precipitadamente. Aqui não!



NOTRE DAME DE SÍMBOLO DA FRAN

DOMINANDO A PRAÇA DE PARVIS, A VELHA CATEDRAL
SIVEL À MARCHA DO TEMPO — UM MUNDO DE GALEI
ETERNIZAM NAS PEDRAS AS MAIORES E MAIS BELAS
HUMANIDADE — NOTRE-DAME DE PARIS NÃO TEM

Reportagem de NEL
(Envido especial de "REVISTA

Fotos de GEORGE KONIG

(Adquiridos à Keystone Press Agency, com exclusividade para todo

PARIS — Setembro — (Pelo "Bandeirante" da Pa-
nair do Brasil) — Templo romano-gaulês, basílica
cristã e Igreja romana — eis os antecedentes da
magnífica e mais famosa catedral do mundo: Notre
Dame de Paris.

A sua grandiosa massa, que ocupa uma imensa área
da ilha de Cité, sobre o Sena, domina a praça de Parvis
de Notre-Dame, onde há tantos séculos assiste impassí-
vel à marcha do tempo.

Vendo-a por fora, com seus imensos portais, gigantes-
cas torres e maravilhosas esculturas; e, por dentro, sob
as vastas abóbodas e ao pé dos titânicos pilares, onde
o homem, minúsculo, se sente como um pigmeu diante
de um colosso, — o visitante, atônito, mal pode crer que
tudo isso tenha sido criado pelo engenho e braços huma-
nos, tornando-se-lhe mais fácil acreditar que essa mara-
vilha sem par no mundo, no tempo e no espaço, longe
de ser uma obra terrena, fruto do labor do homem, sur-
tiu por encanto, pura produção de uma poderosa vara
mágica...

As pedras seculares de Notre-Dame têm a força mag-
nética de um íman, pois o visitante, quanto mais visita
essa nobre catedral, mais atraído se sente pela sua gran-
deza. Impossível descrever todos os seus detalhes. A
imaginação e as palavras não auxiliam a pena para

transmitir a verdadeira imp-
rito dos que a contemplam
os próprios olhos a sua gran-
dividada.

NOTRE-DAME DE PARIS

Em meados do século XI, a
praça Parvis ainda era uma
brados de São Bernardo, q
Igreja se reveste de ouro, o
de frio", o bispo Maurice d
tomou a si a responsabi
mesmo local, o que hoje rep
Dame de Paris.

Contando com os recur
ções do rei e dos nobres,
construção desse maravilho
que tivera início no ano d
VII, o Jovem.

São Luís chegou a ver te
1250, mas no seu interior
Quanto ao genial criador
nada se sabe. Parece qu
para sempre "seculae secu

A esquerda: A delgada torre sobe a 100 metros acima da
direita: As estátuas dos apóstolos olham Paris das alturas
aparecendo algumas das centenas



NOTRE-DAME DE PARIS

SÍMBOLO DA FRANÇA

PRAÇA DE PARVIS, A VELHA CATEDRAL ASSISTE IMPASSIVAMENTE AO TEMPO — UM MUNDO DE GALERIAS ARTÍSTICAS E PEDRAS AS MAIORES E MAIS BELAS TRAGÉDIAS DA HISTÓRIA — NOTRE-DAME DE PARIS NÃO TEM PONTO FINAL...

Reportagem de NELSON VAINER
(Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA" à Europa)

Fotos de GEORGE KONIG

(Fornecidas à Keystone Press Agency, com exclusividade para todo o Brasil)

(Pelo "Bandeirante" da Praça de Parvis, a velha catedral assiste impassiva ao tempo — eis os antecedentes da catedral do mundo: Notre

transmitir a verdadeira impressão que ela causa no espírito dos que a contemplam. E' preciso vê-la, fixar com os próprios olhos a sua grandiosa visão, que jamais será olvidada.

que ocupa uma imensa área plana, domina a praça de Parvis. Durante tantos séculos assiste impassiva-

NOTRE-DAME DE PARIS ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Em meados do século XII, a pequena Notre Dame da praça Parvis ainda era uma igreja romana. Apesar dos esforços de São Bernardo, que achava que "enquanto a igreja se reveste de ouro, o povo anda andrajoso, a tiritar de frio", o bispo Maurice de Sully, enérgico e obstinado, tomou a si a responsabilidade de construir, naquele mesmo local, o que hoje representa a Catedral de Notre-Dame de Paris.

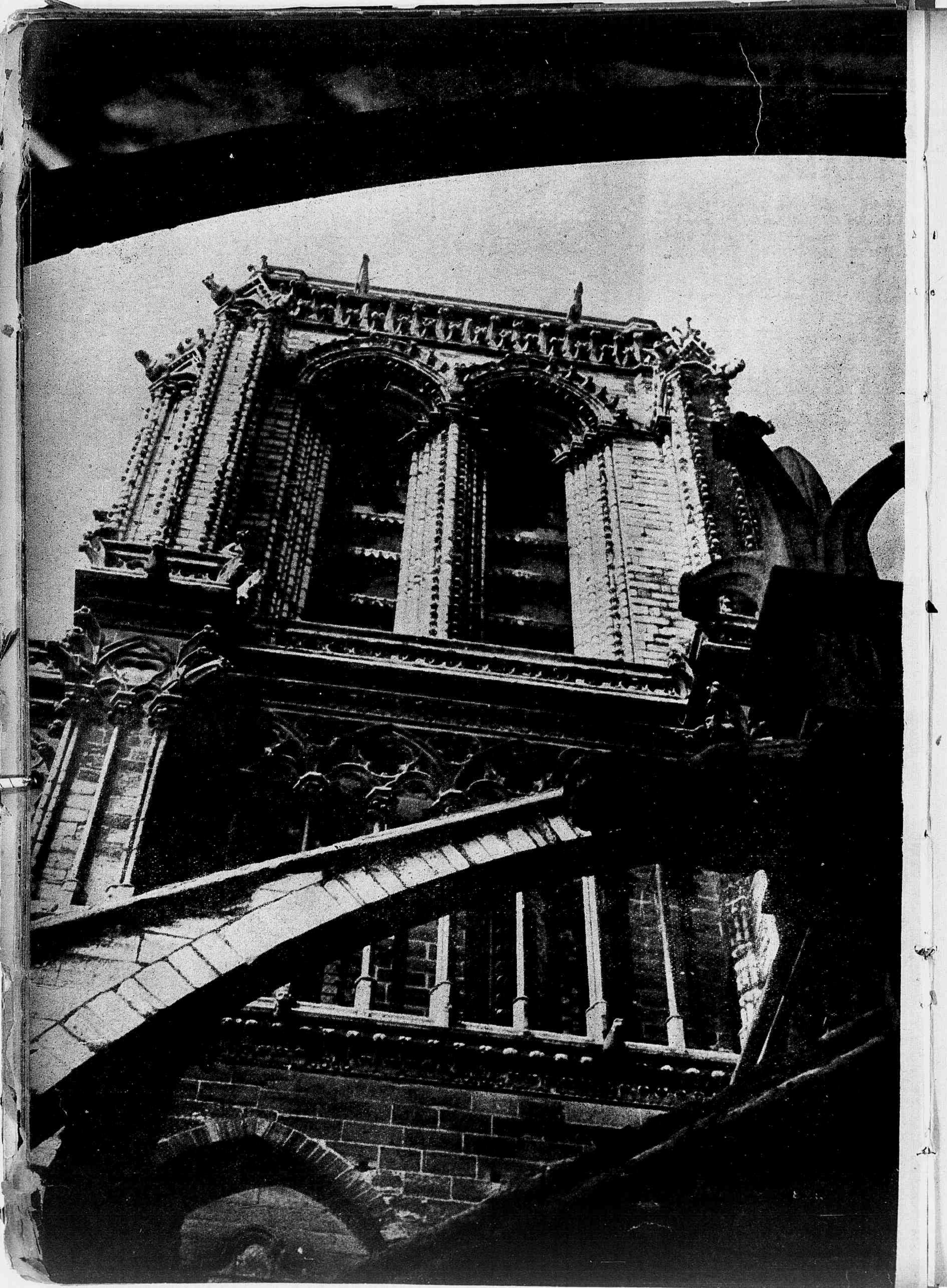
Contando com os recursos episcopais e com as doações do rei e dos nobres, Maurice de Sully ordenou a construção desse maravilhoso monumento arquitetônico, que tivera início no ano de 1163, sob o reinado de Luís VII, o Jovem.

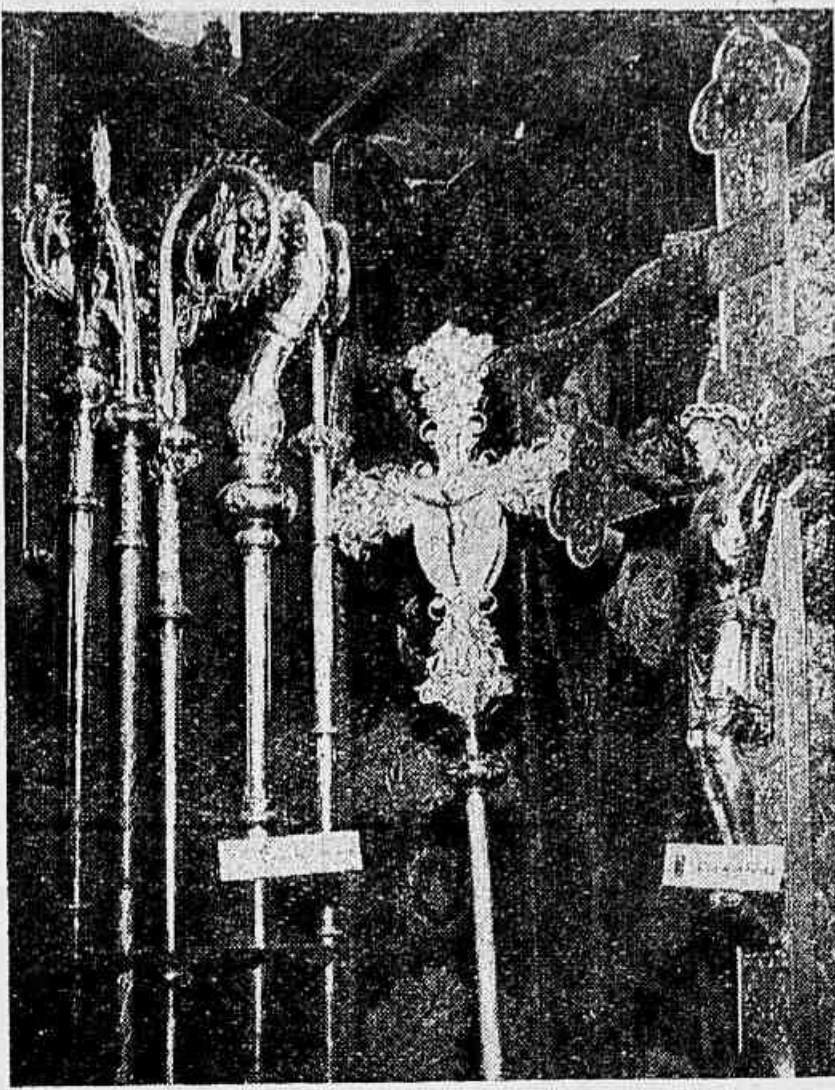
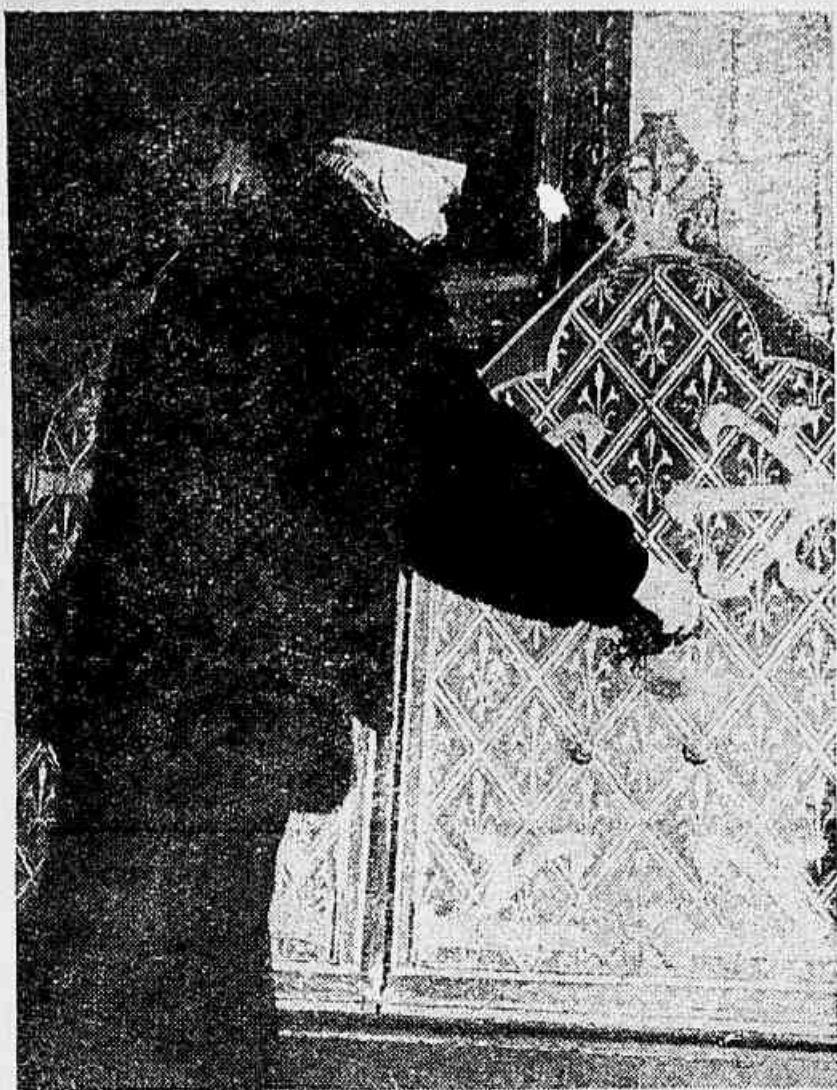
Notre-Dame têm a força mag-
o visitante, quanto mais visita
atraído se sente pela sua gran-
er todos os seus detalhes. A
s não auxiliam a pena para

São Luís chegou a ver terminado o grosso da obra, em 1250, mas no seu interior ainda se trabalhava até 1330. Quanto ao genial criador do plano da construção, dele nada se sabe. Parece que permanecerá desconhecido para sempre "seculae seculorum".

orre sobe a 100 metros acima da nave. Em torno dela, as estátuas dos doze apóstolos. A torre de Notre Dame. Em baixo: Vista tirada da torre, parecendo algumas das centenas de estátuas que a circundam.







Da esquerda para a direita: O guarda do tesouro da catedral abre um dos cofres, ricamente ornamentado. Báculos e crucifixos dos arcebispos de Paris. O do centro foi usado pelo papa Pio VII na coroação de Napoleão I. Um dos empregados da Notre Dame de Paris no seu fino e vistoso uniforme.

A Catedral de Notre-Dame estão ligados alguns dos maiores acontecimentos da história francesa. Sob as suas abóbodas ecoaram os cantos fúnebres do enterro de São Luís; elas viram a reunião dos Estados Gerais, em 1302; a entrada de Felipe, o Belo, a cavalo; a coroação de Henrique VI, da Inglaterra, como rei da França, em 1431; a revisão do processo de Jeanne d'Arc, em 1455; o casamento de Francisco II com a rainha Maria Stuart, da Escócia, em 1558; a visita de Henrique IV, após a sua conversão, em 1594 (Paris bem vale uma simples missa...); a abjuração de Turenne, em 1668. A revolução

rendeu-lhe o culto da Razão. Nela, Napoleão foi coroado e o rei de Roma foi nela batizado. E, em nosso século, nela se realizaram as exequias dos marechais Joffre e Foch, dois dos cabos de guerra vitoriosos na guerra contra o imperialismo de Guilherme II.

A NOTRE-DAME NÃO TEM PONTO FINAL...

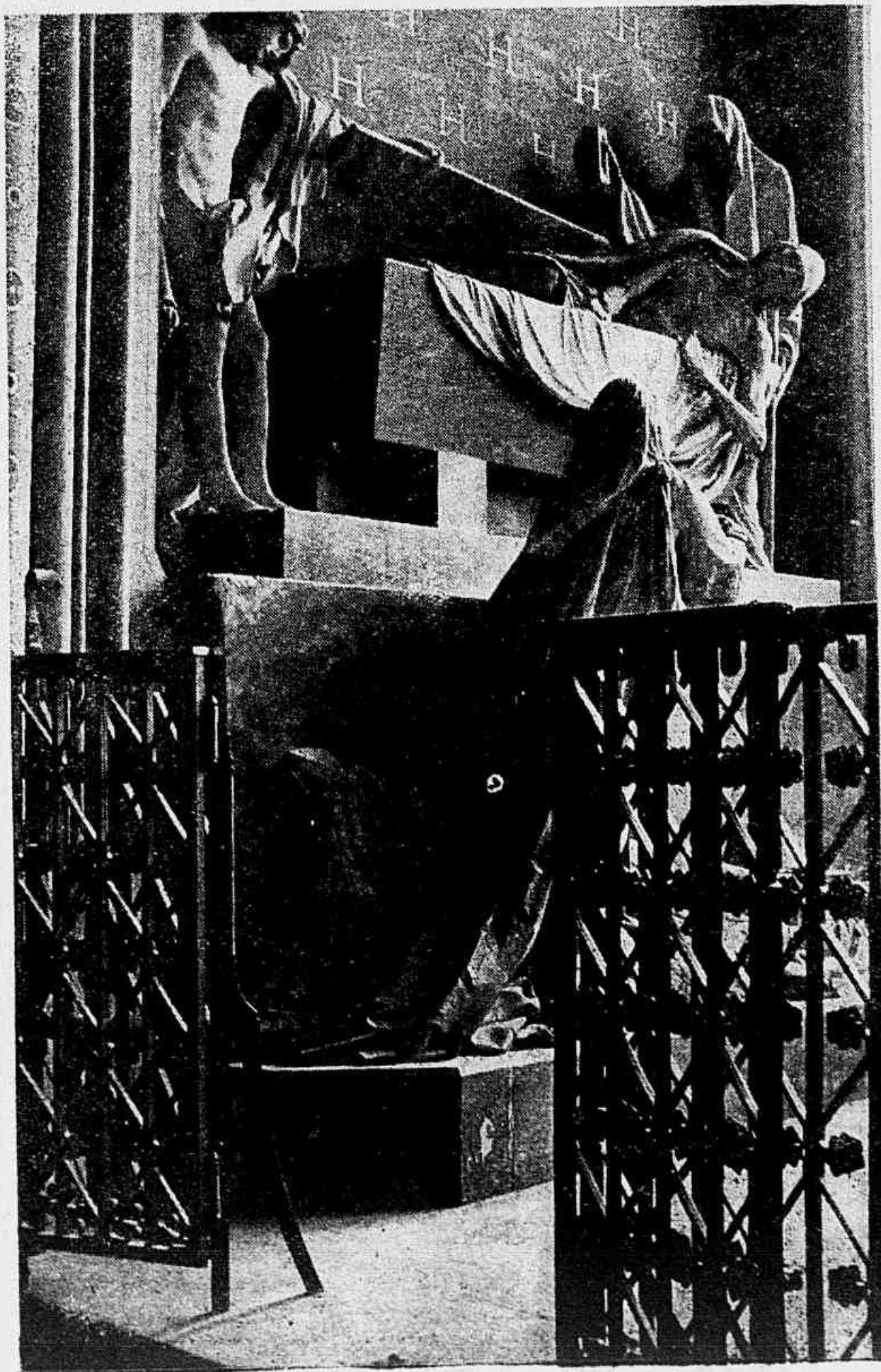
Existem catedrais maiores e mais enfeitadas que a de Notre-Dame de Paris. Nenhuma, porém, apresenta aspecto mais nobre que o seu, quer pelo maravilhoso con-

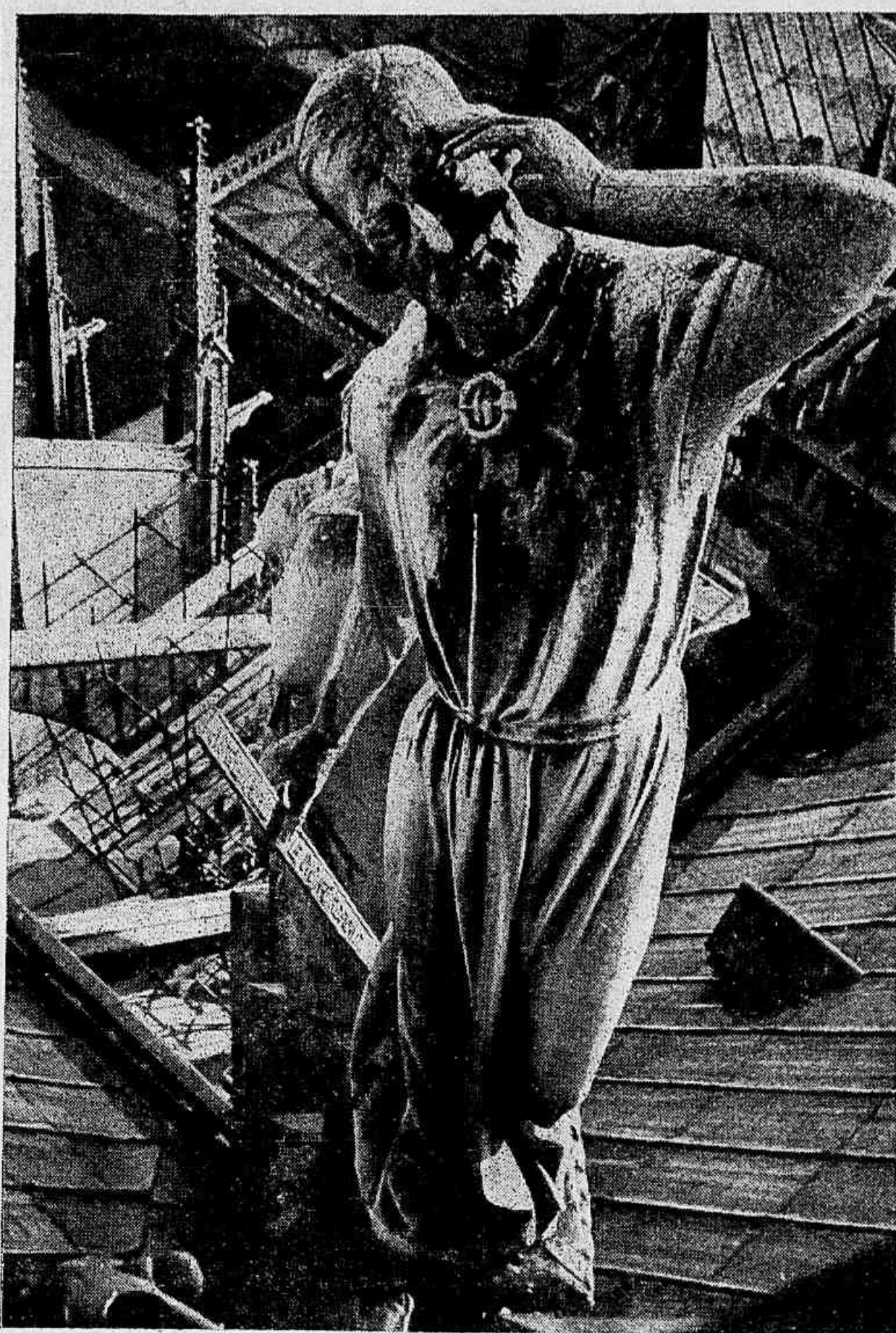
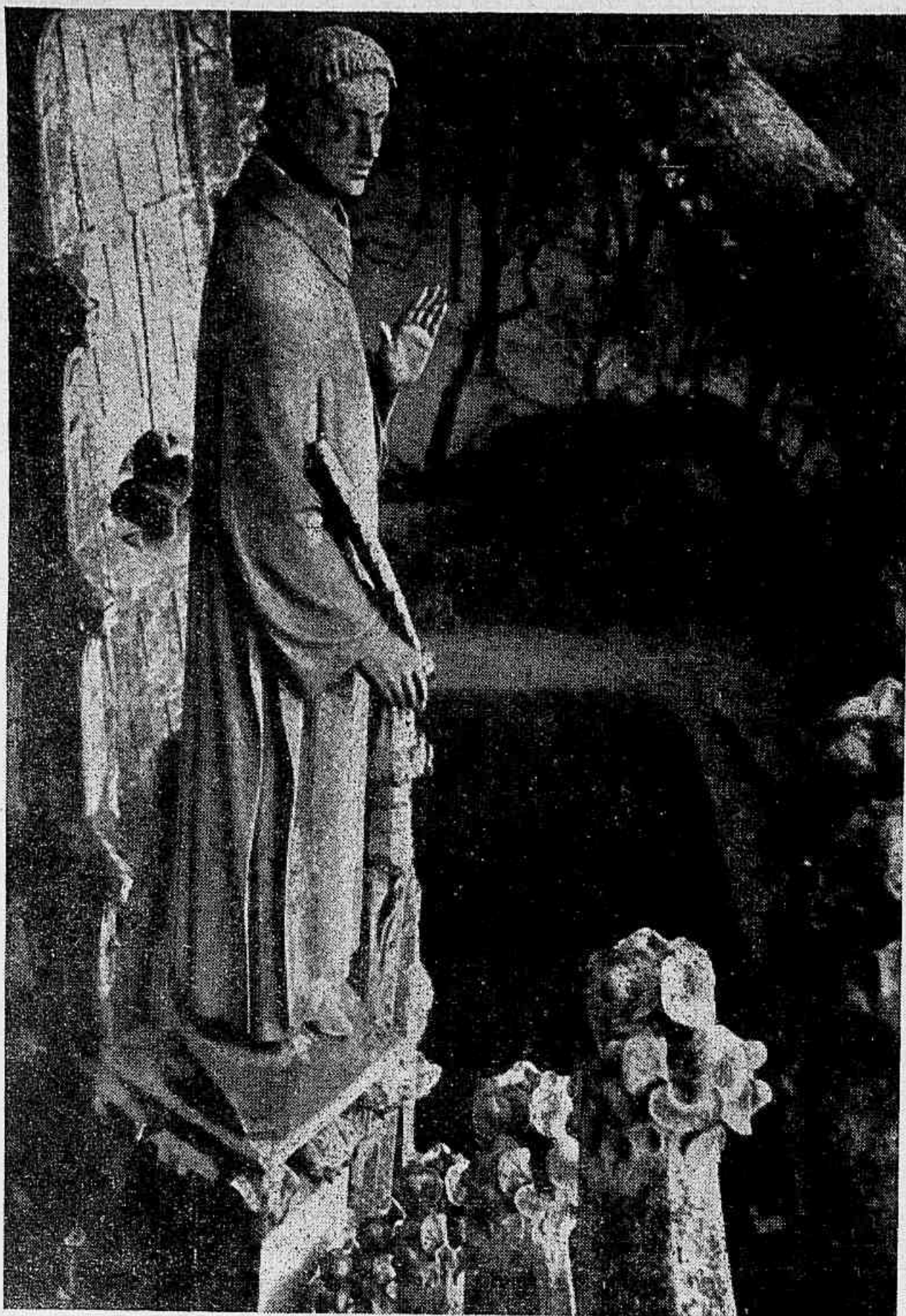
junto de suas linhas arquitetônicas, quer pelas inúmeras esculturas que evocam os grandes feitos da história da terra e da humanidade.

Sua fachada é magnífica. Ao rez do chão, três grandes portais, em cujo redor as esculturas em pedra eternizam reis, rainhas, santos, filósofos e guerreiros — imensa legião de vultos reais e lendários, cada qual tendo uma história maravilhosa para contar.

Em cima, as duas famosas torres, com 69 metros de altura cada. Em alguns minutos, dando uma volta em redor da catedral, o visitante verá, de relance, um sem

A esquerda: Um dos belíssimos mausoléus da catedral, do conde Cláudio Henrique D'Harcourt, feito em mármore, por Pigalle, em 1881. À direita: A célebre estátua do rei Luís XIII, oferecendo ceptro e coroa à Virgem. Na página ao lado: Vista da torre da Notre Dame, tirada de uma das galerias do primeiro pavimento.





A esquerda: A estátua de St. Etienne, sobre a porta a ele dedicada. A direita: Estátua de Violet la Duc, o idealizador da maravilhosa Torre de Notre Dame, olhando para a sua obra.

número de maravilhas que, para serem admiradas detalhadamente, requerem muitos dias. Essas torres e os detalhes de sua fachada estão sempre gravados na nossa memória, através das páginas imortais em que, no seu romance famoso, Victor Hugo descreve os amores da cigana Esmeralda e do capitão Febo, com o infeliz e amargurado Quasimodo de permeio...

O interior de Notre-Dame é empolgante. Sua longitude é de 130 metros e a largura de 50. Os homens, ali, se perdem, fazendo o papel de formigas... E o que antes de mais nada atrai a atenção do visitante, são os vitrais. Oh! os vitrais, fragmentos de arco-íris, nelas aparecem as cenas de todas as fases da vida de Jesus, do nascimento ao martírio de Golgotha. Noutros, se vêem várias outras das maiores e mais belas tragédias da humanidade. Depois, os titânicos pilares, as multíssimas

esculturas, os sons divinos dos órgãos que se derramam sob as imensas abobadas.

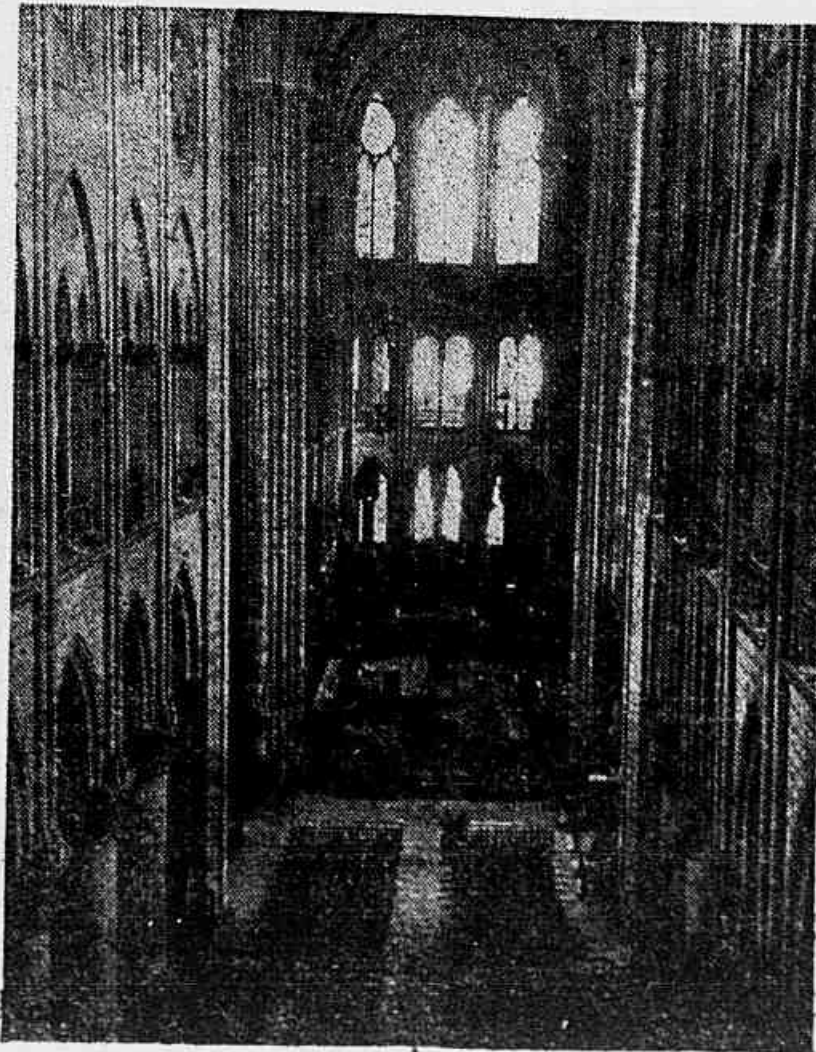
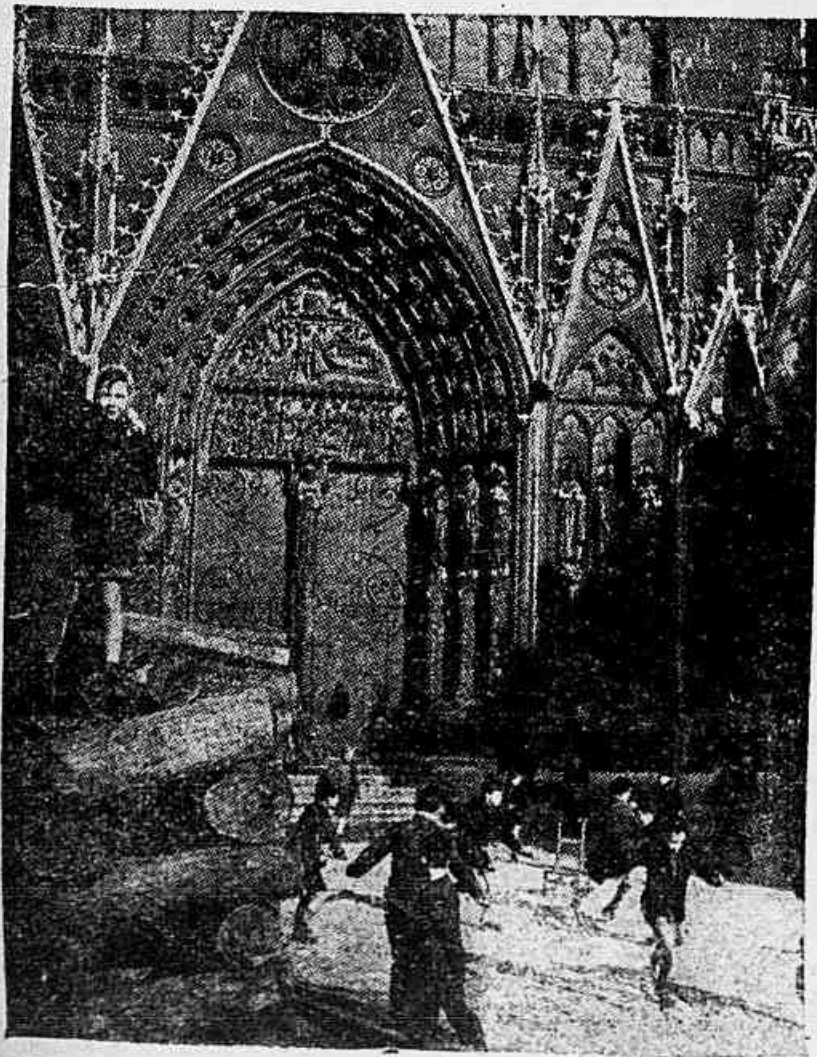
Resta, ainda, para completar o itinerário através de Notre-Dame, subir às torres, para ver o que há por aí. São mais de cinquenta metros de altura para subir degrau por degrau, até chegar ao telhado. Novo espetáculo de galerias de estátuas e animais fabulosos, produto da imaginação dos arquitetos e escultores, que assistem impassíveis ao movimento da vasta "Cidade-Luz".

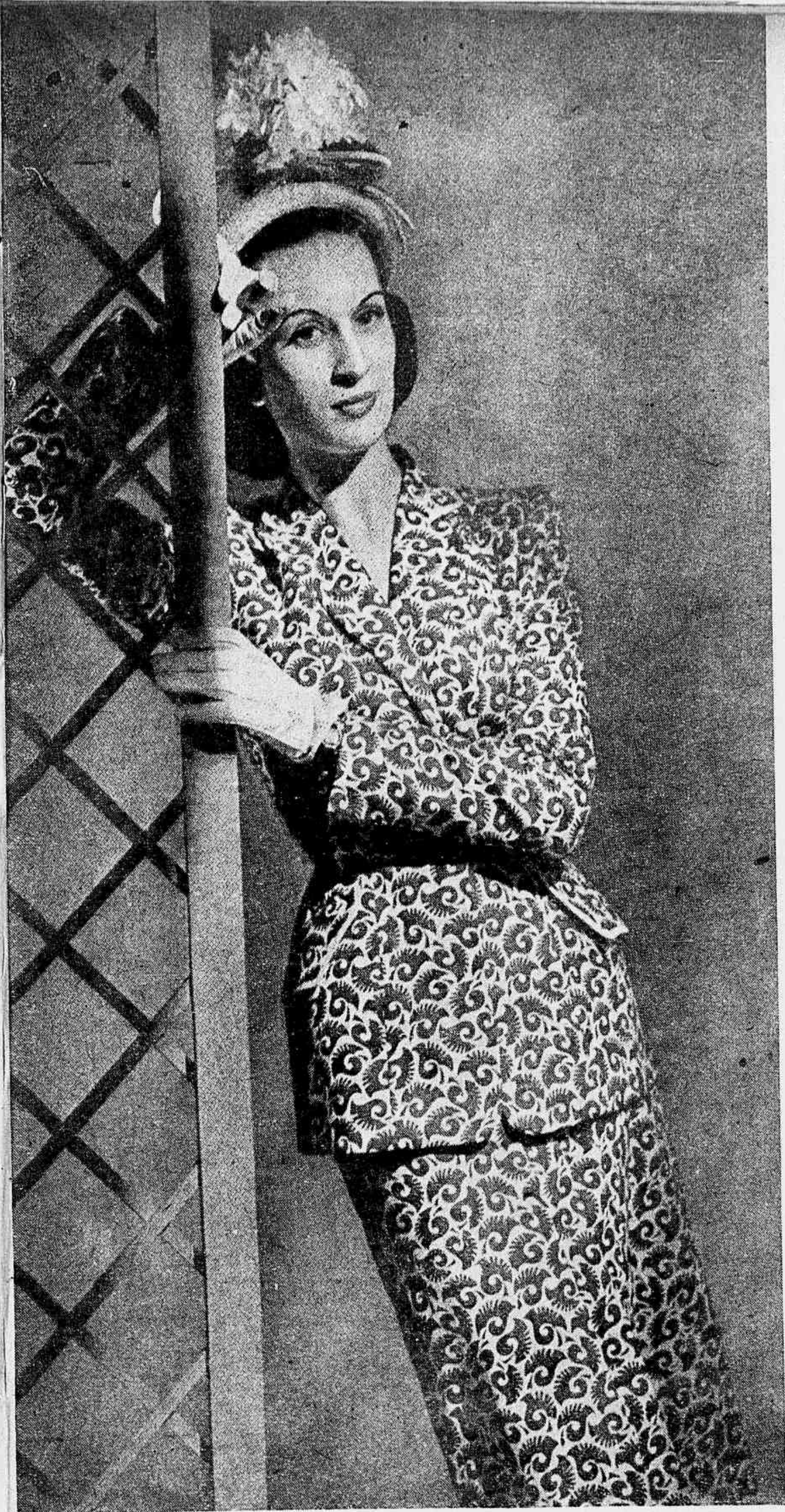
Na torre do norte, quatro sinos regulares espalham pelos arredores os seus sons metálicos. Na do norte, o sino chamado "Le Bourdon", de 13.000 quilos, é reservado para oportunidades especiais.

Ali, aparentemente, é o ponto final do itinerário através da catedral de Notre-Dame de Paris. Aparentemente, porque Notre-Dame de Paris não tem ponto final...

Tôdas as vezes que a revistamos nos extasiamos diante de novas belezas, de detalhes que anteriormente nos escaparam. Desde o século XII as torres da Notre Dame dominam os tetos de Paris. Viram passar monarcas e camponeses, libertadores e tiranos, embaixadores e generais. Testemunharam o cerco de Paris, pelos ingleses e pelos alemães. Assistiram à humilhação da derrota, ante os nazistas, mas assistiram, também, à alvorada da libertação, quando seus sinos tocaram festivamente o hino da vitória. Viram, ainda, os últimos nazistas e colaboracionistas, atirando no general Charles De Gaulle. E vêm, hoje, uma França livre e democrática, que procura, cheia de fé em si mesma, o caminho da recuperação econômica e da reabilitação política. A Notre Dame parece uma imagem da própria França, — um monumento que desafia os tempos e que parece feito para a eternidade.

Da esquerda para a direita: A porta de St. Etienne dá para o campo de recreio da mais antiga escola de Paris, fundada no século V e que deu origem à Universidade de Paris. Um dos belos altares laterais, frequentemente usados pelos fiéis parisienses. Vista geral da nave de Notre Dame, com 117 metros de comprimento e 32 de altura.





MODÊLOS FRANCESES

Para a tarde, são êstes dois modêlos que aqui apresentamos: à esquerda: "Duas-peças" em tecido estampado azul e branco, criação de Charles Montaigne. A direita: Modêlo em seda, de Valentine Bougarde. Sáia e blusa com transpasse, com original trabalho de nervuras. Mangas "três-quartos" também com nervuras.

NOS BASTIDORES FEMININOS

O assunto vem merecendo os mais animados comentários, vem provocando as mais acaloradas discussões, é mais importante do que o resultado da Conferência de Quitandinha ou do que o lançamento dos futuros candidatos à presidência da República dos Estados Unidos da América! Homens e mulheres de todas as idades e de todas as condições sociais se ocupam dele em todas as suas minúcias; ele absorve as atenções gerais. Fazem-se apostas. Quem vencerá? Sáia curta? Sáia comprida? Sim, o assunto avassalador é este! Trata-se de saber se a nova moda das saias pelos tornozelos irá mesmo derrotar a saia curta. O maior centro de discussões é, e não poderia deixar de ser, a América do Norte. Lá o assunto corre paralelo, e até com maior destaque, aos mais palpitantes acontecimentos políticos da atualidade! Na América, onde existe a "leg-art", onde as "girls" são contratadas somente para exibir as pernas, onde existem fotógrafos especializados em fotografar pernas, onde a perna feminina é considerada patrimônio da nação, a questão das saias está despertando verdadeira celeuma. A estas horas, é bem possível que o Bureau de Investigações do Dr. Gallup já tenha iniciado a maior de todas as "enquetes" já levadas a efeito entre homens e mulheres de Tio Sam. Sáia curta ou saia comprida? É a pergunta. Os estudantes já lançaram o seu manifesto: "Nenhum estuante que se preze, namorará uma moça de saias compridas! É um atentado à crise que atravessamos!" Que crise? "De pano", dizem eles. Mas não acreditamos absolutamente que seja esse o motivo de tanta revolta, pois não serão mais cinquenta centímetros de pano que irão provocar crises econômicas entre as famílias americanas. Mesmo porque, o pano que se gasta no comprimento da saia, é poupado na sua largura. O fato é que a discussão está de pé! A inovação, lançada pelos costureiros franceses, provocou na América do Norte, e já está chegando até nós, discussões de proporções gigantescas! Não nos admiraremos se as senhoras americanas substituírem o clássico "crueldade mental" por "proibição do uso de saias compridas" para obterem divórcio dos seus respeitáveis esposos. E enquanto isso, estudantes americanos já andam pelas ruas munidos de afiadíssimas tesouras prontas a entrarem em ação à vista da primeira saia comprida! Escritores, locutores, atores, já foram ouvidos sobre o assunto. Cada um deu e continua dando o seu "palpite". Só Paris se mantém irredutível: seus figurinos insistem: SAIAS COMPRIDAS! E há ainda o interesse comercial de um lado modistas e fabricantes de tecidos e do outro fabricantes de meias e institutos de beleza, os últimos com os seus preparados para "maquillage" das pernas, etc. Realmente o assunto é mais importante do que poderia parecer à primeira vista: tão importante que não há hoje quem não faça a pergunta: SAIA CURTA? SAIA COMPRIDA?

KITTY

O ESPÍRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

QUE SIGNIFICA UM NOME?

Ana Pavlova dispendia a maior parte dos seus proventos com os órfãos e desprotegidos da fortuna, teve um dia de desgosto ao encarar seu próprio nome.

Esse dia ocorreu quando lhe foi ofertada uma belíssima caixa de veludo onde seu nome vinha escrito com moedas de vinte dólares. O ofertante, um dos presidentes da Venezuela ouviu-a queixar-se:

— Eu bem que preferia me chamar Anastásia Edvardova Karavaniskala!

E, mais clara:

— Só assim meus pobres ficariam um pouquinho mais ricos!

A ESCRITORA E O COMPOSITOR

George Sand teve certa vez uma paixão por um músico alemão e escreveu para ele o libreto de uma ópera. O músico não sabia francês, mas não trepidou em compor a partitura. O resultado dessa boa vontade foi espantoso. Havia por exemplo um cântico que cantava assim:

— "Ele sai pela porta dos fundos"!

O LIVRO

Adelaide Flahault, a escritora francesa, foi certa vez interpelada no estrangeiro sobre a situação política da França. Respondeu o seguinte:

— A França, atualmente, é como um livro aberto no meio. Os reacionários andando para chegar ao frontispício depressa. Os liberais correndo para chegar primeiro ao fim. Mas nenhuma das duas facções se dá ao trabalho de ler a página em que está aberto o livro...

INFLAÇÃO

Madame de Stael era muito feia e, por isso mesmo, qualquer referência elogiosa ao seu físico deixava-a comovida. Certa ocasião discutia com um credor que lhe devia uma pequena fortuna.

— A senhora tem uns olhos maravilhosos — declarou o credor, ante uma investida de corronça mais forte.

— Não só os olhos — continuou — mas também as mãos. Mãos assim são raras e é realmente um privilégio poder contemplá-las...

Já ia a pobre mulher se deixando levar pelo adulator, quando reagiu subitamente:

— Tudo isso é verdade — respondeu — E tenho tido a satisfação de ouvir essas mesmas palavras sem que elas me custassem um centil!

DA AMIZADE

Adrienne Lecouvreur, famosa atriz francesa do século dezoito, tinha grande orgulho em ter amigos os maiores homens do seu tempo. Sua casa era frequentada por Fontenelle e Voltaire. Por Fontenelle, principalmente, nutria ela especial predileção.

— É uma amizade difícil de conquistar — costumava dizer. Porém, é mais difícil ainda de se perder. E não será essa uma das qualidades ideais da verdadeira amizade?

INFORMAÇÃO

A esposa de um grande médico americano, Robert A. Milland, ia chegando ao "hall", quando ouviu a criada atender ao telefone.

— É aqui, sim, que mora o doutor Milikan. Mas, não é um bom médico, não, senhor."

O MOMENTO

Nathaniel Hawthorne tendo perdido o lugar que ocupava no serviço público, chegou em casa abatido e quase desesperado. Sua esposa, ao ter conhecimento do que acontecera, em lugar de censurá-lo ou de se queixar, apanhou uma caneta, um tinteiro, e colocou-os diante do marido. Trouxe papel. Acendeu o lume na lareira. Em seguida, abraçou-o e lhe disse:

— Agora, você terá tempo para escrever seu livro!

Nathaniel tomou da pena e começou o primeiro capítulo do famoso romance "A Letra Escarlate".

(Seleções de LUCIA BENEDETTI)



DOIS MODELOS DE VERA RALSTON

Muro das LAMENTAÇÕES

A FELICIDADE DE CADA UM

O nosso "Muro das Lamentações" tem uma porta, a "Porta da Felicidade". Nela não há quem não queira entrar, e como a nossa função aqui é tentar proporcionar ao maior número possível de pessoas a chave dessa porta (e até gazeta, se for preciso), convém falar um pouco sobre o que seja essa felicidade que todos buscam.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que não se pode dar à palavra felicidade um sentido genérico e permanente, porque ela é sentimento puramente individual. O que é felicidade para um, poderá ser infelicidade para outro. Uns desejam independência absoluta, outros sentem prazer na submissão, alguns querem uma existência contemplativa, há os que ambicionam projeção social, ou poderio político, ou grandes amores, e existem até os que não querem coisa alguma.

Essa verdade tão acalana — de que cada um tem um conceito próprio de felicidade — é, no entanto, frequentemente esquecida por quase todos nós. Em consequência desse esquecimento criamos a comuníssima "obsessão do que não se deseja".

Por exemplo. Um rapaz muito simples, que gosta da esposa, e de ficar em casa brincando com o garoto, e de ler e de bancar o carpinteiro, começa a viver preocupado porque, no escritório, tem colegas, também casados, que costumam sair sozinho para suas farras, colegas que só falam em conquistas, em "bettings" e em pique. Ele não gosta de nenhuma dessas coisas, no fundo, é muito tranquilo... sexualmente; não sente inclinação nenhuma pelo jogo e as bebidas lhe fazem mal ao estômago. Mas, em contacto com aqueles amigos, sente-se um pouco inferior, tem a impressão de que é "menos homem" do que eles. Fassa, daí, a acompanhá-los, e logo depois se vê em complicações. A esposa põe-se a reclamar contra as ausências sem explicação, contra o descontrole financeiro e ele chega então àquele ponto clássico da vida matrimonial:

— Então você pensa que eu sou seu escravo? Então eu não posso fazer o que quero? Pois hei-de continuar fazendo, ora essa!

A mulher procura explicar-se: "Não é isso, querido..." Mas não adianta, ele já está envenenado. Pensa que está sendo tolhido em sua liberdade, e atrai-se furiosamente a todos os desgostos, sentindo uma enorme alegria nessa prova de auto-afirmação.

Um dia, porém, a esposa se cansa e bate as asas. Novamente sozinho, o rapaz percebe subitamente que tem toda a liberdade para fazer o que quiser, mas que aquela vida de orgia não lhe proporciona o menor prazer; o que ele gosta, mesmo, é de ficar em casa brincando com o garoto e fazendo de marceneiro nas horas vagas. Vai correndo em busca da esposa, dá explicações, pede desculpas... mas é tudo inútil, ela já perdeu a confiança, não pode mais crer na sinceridade do ex-marido.

Examinando bem o caso, por que aconteceu tudo isso? Só porque o rapaz não soube ser fiel ao seu eu interior, permitindo que a sua conduta fosse influenciada por tendências de outros seres muito diferentes dele próprio.

A primeira condição, portanto, para alcançar a felicidade, é saber olhar com honestidade e firmeza para dentro de nós mesmos, e averiguar, assim, qual o gênero de vida que realmente desejamos.

Isso, que parece tão fácil, na realidade é muito difícil, e traz, às vezes, surpresas desconcertantes... Quando sabemos ser sinceros, descobrimos cada coisa dentro de nós! Mas não devemos recuar, porque a parte mais difícil já está alcançada. Se chegarmos a descobrir exatamente o que desejamos, e a reconhecer que não se trata de nada impossível nem incompatível com a vida social, teremos meio caminho andado. O mundo exterior é muito mais fácil de conquistar do que se supõe: nele encontramos inimigos bem menores, e bem menos inteligentes, do que os que se ocultam dentro de nós mesmos...

★

Estude bem qual é a felicidade que deseja, e em que poderemos ajudá-lo a torná-la possível. Escreva-nos para o "Muro das Lamentações", aos cuidados da "REVISTA DA SEMANA". Não será preciso mandar seu verdadeiro nome nem endereço, bastará um pseudônimo que o identifique. Depois, procure sua resposta num de nossos próximos números.

Vamos, conte-nos o seu caso!

CONFIDENTE



Aqui estão dois modelos de verão joviais e graciosos, apresentados por Vera Raiston, da República. Na página ao lado: "Duas-peças" organdi branco enfeitado com rendas. O bolero é formado por dois babados "godet". Saia franzida com grande babado. Ao alto, nesta página: Mais um "duas-peças" bastante original. O bolero e o babado que enfeitam a saia são feitos em escocês vermelho, amarelo, preto e branco. Saia "godet" em tom unido.



EDUCAR — EIS A QUESTÃO

Desde o momento em que alguém atinou em chamar problema à criança que oferecesse obstáculo à ação educadora, quase todos os pais se deram conta de que criar os filhos não era apenas um fato de rotina, que exigisse tanto esforço como os atos cotidianos, que se realizam automaticamente, como escovar os dentes, ler jornais ou apanhar o guarda-chuva.

Na primeira dificuldade que a criança opõe, ainda se recorre à escola antiga e usa-se simplesmente a coação moral ou física. Mas se o petit insiste na afirmação da sua personalidade, na expressão de teimosia, as mães se dão conta da inutilidade dos "cale-se" ou das ameaças mais severas.

A reação dos adultos contra a teimosia infantil se limita, então, a ignorar os protestos da criança, e é simplesmente negativa.

Diante destes entraves passou-se a olhar a criança de hoje como um ser diferente, uma incógnita, como reflete esta expressão tão repetida: "As crianças de hoje são assim mesmo", isto é, não sei como são, não as compreendo.

Trata-se, no entanto, de uma sequência histórica e lógica: educar é ajustar, e ajustar ao ambiente em foco; torna-se evidente que fórmulas imutáveis não podem surtir efeitos num mundo em evolução, e, mais ainda, num século como o nosso, que se destaca num ritmo acelerado de progresso. Quando tudo caminha, ou voa celeremente, por que só a educação deveria permanecer estática e fossilizada?

Podemos, felizmente, observar que a atitude dos pais e mestres tem progredido de uma autosuficiência e desinteresse para uma simpática admiração de novas fórmulas educacionais: reconhecem também a sua perplexidade diante de fatos incompreensíveis, o que gera dúvidas fecundas, enunciadoras de diretrizes inéditas.

Temos observado com frequência a atitude de pais, que procuram ansiosos novos métodos, quando sentem que falharam os tradicionais de que dispunham. Podemos ilustrar estas afirmações com a história de uma menina a quem chamaremos Luiza.

Descendente de uma família notável, pelo número de seus membros intelectualmente ilustres, revelava-se na escola francamente abaixo da média; aliava à mediocridade dos resultados uma indiferença pelo estudo, que atingia as raízes do cinismo, como frisava a mãe.

Dar um atestado público de incapacidade num colégio, onde era praxe a família deter os primeiros lugares, era uma situação por demais vexatória, para que os pais pudessem aceitar com naturalidade. Mas, admitindo que possuísem uma ovelha negra, procuraram um orientador educacional para lhes dar um veredito definitivo.

A menina foi submetida a provas psicológicas e eis o final brusco da história: revelou-se, não só, muito inteligente, como acima da capacidade mental de todos os seus irmãos, considerados brilhantes expoentes no educandário.

Para tirar o milagroso do caso, diremos que não houve nenhum estalo sagrado, mas apenas uma compreensão e uma nova perspectiva do mesmo indivíduo.

Luiza era caçula, ressentindo-se da superioridade constante dos irmãos; na escola sofria ainda o confronto diário com os elogios sistemáticos dos mestres, que lhe exibiam as capacidades fraternas, como um modelo a ser obedecido; exigiam-lhe que agisse como a família e não com a própria personalidade de ser distinto e independente dos demais. A menina desinteressou-se pelos estudos regulares, mas preocupava-se com coleções de erbanários, que eram tidos como tolices pelos de casa; e, na verdade, estes cadernos indicaram uma cientista em embrião. Em condições diferentes das habituais sua inteligência pôde reagir e dar mostras da sua capacidade.

A veracidade deste caso vem confirmar o testemunho da incompreensão de homens, hoje célebres, pelos seus contemporâneos, mestres ou colegas.

Edison e Humboldt foram máus estudantes, mas acharem pela sua genialidade o próprio caminho; teriam, talvez, sofrido menos, se tivessem deparado, no momento oportuno, alguém que os orientasse no seu desdobramento interior.

ZÓIA DE LAET



1 — Este modelo se distingue pela sua simplicidade. Uma jaqueta muito longa com duas carreiras de botões. Saia pregueada. 2 — Um "tailleur" com abertura moderna na frente. Quadriz muito acentuados com uma imitação de bolsos. 3 — Modelo adequado às figuras esbeltas mas que exige muito material.

FIM DE

A PERSONALIDADE da Semana

V NUMERÁVEIS mulheres tomam parte na vida literária, artística, científica, política e social do Brasil. "REVISTA DA SEMANA", por meu intermédio, tenciona proporcionar às suas leitoras alguns minutos de convívio com elas. Escolherei cada semana uma mulher que se destacou pelas suas atividades e sua obra, conversarei com ela e procurarei reproduzir aqui este contacto humano. Insisto sobre estas palavras: o contacto humano.

Com efeito, não tenciono fazer desta coluna nem uma galeria de retratos, nem uma coletânea de biografias, nem uma série de entrevistas estereotipadas.

Não apresentarei retratos do tipo seguinte: "A sra. X. recebeu-me muito amavelmente no seu adorável apartamento da Praia do... Trajava um destes vestidinhos extremamente simples, mas de uma elegância refinada, cujo segredo possui. Esta mesma sobriedade, sumamente fina, notava-se na biblioteca, onde me afundei numa grande poltrona macia. O rosto da sra. X. é extremamente móvel e nele observei sucessivamente a alegria, o desânimo, a fantasia e a força de vontade. A sra. X. é linda, culta e sensível". Não! Nada de retratos de luxo! Nada de amabilidades mundanas. Nada de descrições aleatórias, e retocadas.

Também não reproduzirei em estilo de dicionário ou "Who's Who" a vida das entrevistadas. "A senhorita Z., cujo talento é bem conhecido, já publicou cinquenta e dois romances, todos de primeira ordem. Aos dezoito anos, apresentou seu primeiro manuscrito a um editor, que o esqueceu numa gaveta. Dois anos mais tarde, uma revista publicou um conto, que teve um êxito extraordinário e repentino. Estava descoberto um talento novo! Os editores fizeram as propostas mais assombrosas à sra. Z., a começar pelo primeiro que visitara. Este encontrou o manuscrito esquecido, resolveu publicá-lo e clamou por toda parte que era o descobridor da grande romancista. Desde então a vida da sra. Z. foi um verdadeiro conto de fadas. Seus principais romances são..." Não! Nada de biografias concertadas ao gosto do grande público, em que falta o essencial e destacam-se fatos geralmente errôneos.

Enfim, não farei as clássicas perguntas do repórter, cujas respostas, tantas vezes, carecem de vida por terem sido repetidas demasiadas vezes: "Quando começou a pintar? Com que idade descobriu que queria fazer teatro? Está escrevendo um romance? Vai viajar? Foi feliz no casamento? Pensa que teremos outra guerra? etc., etc." Não! Nada de perguntas estereotipadas e fastidiosas.

Mas que tenciona fazer, afinal de contas? — Não me perguntar. Repito o que disse no começo: estabelecer um contacto fugaz, mas humano. Pedir uma opinião sobre o momento mundial ou nacional, tratar dos assuntos que a entrevistada muito conhece, falar da sua obra do momento, discutir a emancipação da mulher ou conversar simplesmente, segundo a inspiração do dia, a atmosfera, a vontade de ambas. Minha finalidade é estabelecer um laço entre as leitoras e mulheres, cuja obra já conhecem; fazê-las conviver com pessoas que admiram de longe para que façam parte das suas vidas durante um instante.

Espero levar a bom termo este trabalho de aproximação, que empreendo com muito prazer. Pois confesso que, se penso, antes de mais nada, em satisfazer meus leitores, também tenciono aproveitar-me do contacto vivo com personalidades interessantes: aprendendo com quem pode dar ensinamentos morais ou espirituais e gozando a alegria de uma convivência breve, mas real, com quem tem algo de interessante a dizer.

YVONNE JEAN

ESTAÇÃO

4 — Modelo em seda, com pregas na frente e gola original. 5 — Muito audacioso este modelo com a sua pelerine e sua "basque". 6 — Um modelo original, com mangas à mosqueteiros, abotoado assimetricamente. Saia pregueada.



TRÊS MODELOS PARA MENINAS

FELIZMENTE já vai um pouco distante o tempo em que uma moça ou senhora de regular situação social achava um "horror" entrar numa cozinha, mesmo se tratando da sua própria! As mocinhas se orgulhavam de não saber fazer nada e olhavam com desdém para aquele amontoado de panelas e fôrmas que, no modo de ver de então, haviam sido inventadas para "as mãos de negro". Casavam-se e enquanto a cozinheira não vinha, faziam as refeições na casa da sogra... Quanto ao café da manhã... bem... o marido que o fizesse!... Custaram a compreender que um dos caminhos infalíveis para a conquista do homem é... o estômago. Ainda existem, é claro, muitas moças e senhoras que dispensam o mesmo horror à cozinha mas, temos a certeza de que mudariam de opinião, si, ao fazerem uma experiência, verificassem o prazer e a agradável surpresa que proporcionariam à família. E, nada perderiam de sua elegância, de sua beleza, do seu talento. Se a mulher soubesse com que satisfação o homem come qualquer coisa feita pelas próprias mãos da esposa, muita cozinheira se encontraria a estas horas sem emprego.

Mas, não vamos também chegar ao exagero de nos dedicarmos inteiramente à cozinha. O que podemos fazer é aproveitar, por exemplo, o fim de semana, a folga da cozinheira, para preparar bolos, biscoitos, paesinhos e outras tantas coisas gostosas que o esposo, os filhos ou os irmãos saberão apreciar.

De acordo; comecemos então. Vista o seu avental, calce as suas luvas de borracha e... mãos à obra!

BOLO DE NAMORADOS

Ingredientes: 250 gramas de manteiga; 2 xícaras, das de chá, de açúcar, 3 xícaras, das de chá, de farinha de trigo, 1 xícara, das de chá, de leite; 3 colheres, das de chá, de fermento "Royal", 4 ovos, doce de ameixas; creme de leite. **Preparação:** Batem-se muito bem a manteiga com o açúcar e depois juntam-se os ovos batidos, o fermento "Royal" diluído no leite e a farinha. Mistura-se tudo muito bem, põe-se num taboleiro untado com manteiga e assa-se em forno regularmente quente. Depois de assado, corta-se em três pedaços iguais que se entremelam com doce de ameixas bem grosso e creme de leite próprio para recheios. Cobre-se com glacê branco e guarnece-se com arabescos feitos com o mesmo glacê posto na máquina de confeitaria.

PAESINHOS DE AMENDOIM

Ingredientes: 200 gramas de farinha de trigo; 160 gramas de manteiga; 50 gramas de açúcar, 1½ xícara, das de chá, de leite; 1 xícara, das de chá, de amendoim torrados e socados; 4 colheres, das de chá, de fermento "Royal"; 1 colher, das de chá, de sal. **Preparação:** Põem-se todos os ingredientes em uma vasilha, mistura-se tudo, bate-se bem e despeja-se em fôrmas pequenas de pão, untadas com manteiga. Assam-se em forno regularmente quente.

BISCOITOS BENEDITINOS:

Ingredientes: 8 gemas, 540 gramas de açúcar; 100 gramas de manteiga; 12 colheres, das de sopa, de maizena; 1 pitada de sal; farinha de trigo, quanto baste. **Preparação:** Em uma vasilha juntam-se as gemas, o açúcar, a manteiga, a maizena e o sal, misturando-se tudo muito bem. Em seguida passa-se para uma tábua ou um mármore e vai-se-lhe juntando farinha até conseguir u'a massa que se possa estender com o rolo. Cortam-se então os biscoitos, põem-se em taboleiro untado com manteiga, e assam-se em forno regularmente quente.

Experimentem. Se gostarem, na próxima semana terão mais.

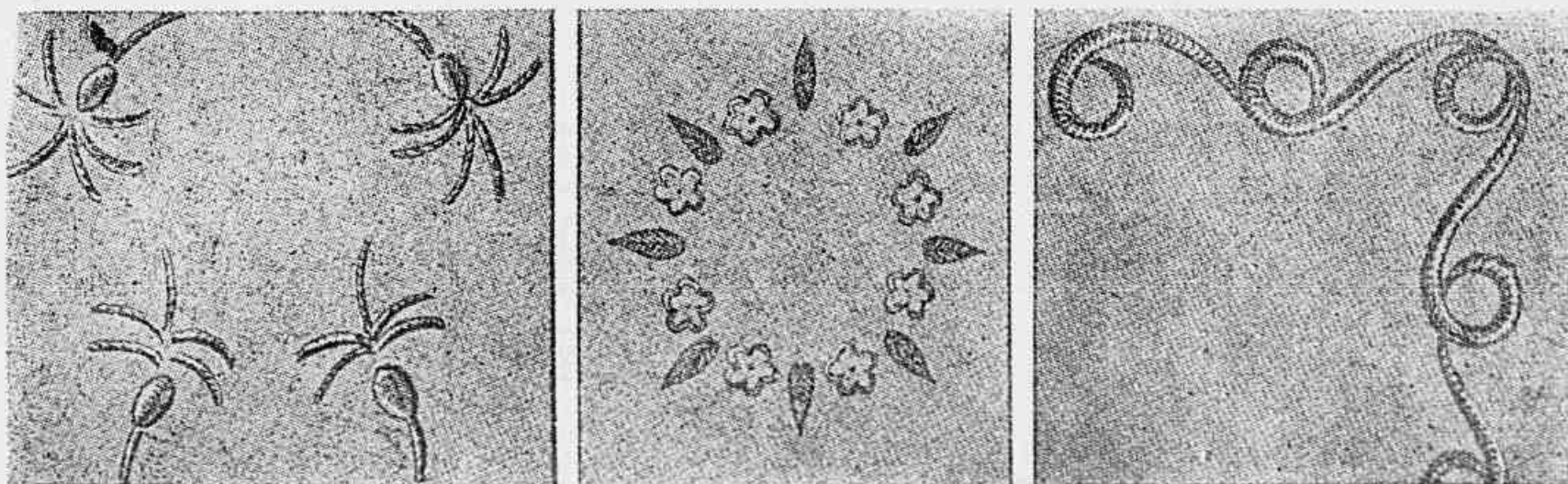
MARIE CGOK

1— Vestido de seda branca adornado com um ligeiro bordado em ponto de haste. Os recortes da blusa terminam em pregas fundas na saia.



2 — Vestido de batista branca, trabalhado em nervuras. Pequenas corôas bordadas em branco e verde são aplicadas na blusa e na saia. Cinto de veludo verde.

3 — Vestido de "shantung". Uma "pestanha" bordada forma a pala, donde saem as pregas que terminam na saia. Cinto com o mesmo bordado.



IMPRESSÕES DO EGITO

— ESCRAGNOLLE DORIA —

GRANDIOSO mesmo nas suas ruínas, de história recuada nos séculos, sepulta no olvido para ser exumada por sábios com a paciência do gênio a decifrar-lhe a escrita pinturesca, atravessado pelo Nilo com águas de vária cor segundo estações, o Egito antigo sempre teve o condão de despertar o interesse, de merecer os passos de homens ilustres dedicados à conquista do saber.

Noutra espécie de conquista, a servir sua glória militar e sua ambição de cesarista, Napoleão escapou ao prestígio do antiquado Egito dizendo a soldados prestes a pelejarem que fitassem pirâmides do alto das quais quarenta séculos o contemplavam.

Mesmo hoje o Egito antigo continua a fazer peregrinar não pouca gente, de novo sábios e doutos empenhados no cultivo da egiptologia.

Bastantes brasileiros cultos têm ido e pretendem visitar e compreender a terra faraônica. Em 1877 nela se achou D. Pedro II, cujas impressões de viajante são encontráveis em páginas de revista, a da instituição que tanto deveu à proteção imperial, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

As impressões de viagem recolhidas na Revista do Instituto patrocinado por D. Pedro II, seja ajuntado documento epistolar inédito, o de carta escrita pelo imperador em pleno Egito, ao descer o Nilo.

A missiva foi dirigida a antigo mestre de D. Pedro II, o barão de Taunay, "o meu verdadeiro mestre, o meu incutidor do bem, do justo e do belo".

Assim se expressou D. Pedro II, no exílio, em Cannes, presidindo roda de visitantes brasileiros e ante os quais punha presentes lembranças da adolescência, isto é, da aprendizagem da vida.

Em 1877, sobre o Nilo, escrevia o viajante egiptólogo ao mestre amigo ausente, que lhe responderia conforme conservada carta:

"Snr. Taunay — Escrevo-lhe descendo o Nilo por mim subido até a segunda catarata. Aproveito estes momentos de repouso para cumprir promessa antes de regressar à Europa".

"Damasco é uma esmeralda no meio da areia e de seixos. A cidade é toda cercada de vegetação. As tamarieiras e os salgueiros que margeiam o rio Baroda abun-

dante de água produzem em contraste com a aridez das colinas um efeito delicioso".

"A mesquita maior cheia de colunas ocupa uma parte do grande templo do qual sobem aos longos pórticos com dois belos arcos, cujos restos vi encravados em casas da cidade".

"Um dos arcos consegue ainda ornar miseráveis habitações cujos tetos em forma de terrassos permitem gozar a vista do grande arco".

"Consultando os Atos dos Apóstolos, não posso colocar a conversão de S. Paulo onde lhe mostram o sítio perto de Damasco".

"Então se teria dito que ele chegava à cidade. Creio que foi na direção de Djoucnês, atrás da qual passa a antiga estrada romana a poucas horas de Damasco, já de proximidade para Saul".

"Dêsse ponto se passa à planície onde brilham no horizonte as cúpulas e as muralhas da cidade. A vista da planície ao levantar do sol, quando eu deixava Damasco para ir à Palestina, era de inteira beleza. O aspecto da cidade do alto de um dos três minaretes da mesquita grande, minarete ao qual subi, e chamado Medinet-el-Arous (minarete da Noiva) é mais compreensível e antes bonito. As muralhas da cidade têm fundamentos que assinalam uma antiguidade primitiva, talvez do tempo da fundação bíblica. Para lhe dar idéia menos imperfeita de Damasco, ajuntarei a esta carta algumas fotografias".

"O caminho até Jerusalém interessou-me muito, mas só disponho de tempo para lhe falar daquela cidade. Sua posição elevada sobre colinas mais ou menos pedregosas tornam-lhe pitorescas as cercanias de todos os lados".

"Jerusalém desvendou-se a meus olhos quase subitamente do alto do skopens".

"Compreendo que Alexandre chegando à cidade tenha ficado impressionado com o aspecto venerável do grão-sacerdote Juddus. O recinto de Jerusalém sua parte medieval é bem elegante. Dizem-a edificada por Tancredo".

"Num ângulo de muralha acha-se a torre chamada Godofredo de Bouillon, pois por aí entrou ele em Jerusalém com os seus cruzados. A porta dourada, aberta ou-

trora no recinto do templo, e pela qual Heraclio penetrou reconduzindo a Santa Cruz, é muito bela; e se a sua fotografia se achar na coleção que ainda não pude ver, o sr. também a terá".

"Estudei assaz bem a Palestina, de Bíblia na mão, e de tudo tomei nota. Quando nos revermos partilharemos impressões".

"No Egito fiquei maravilhado com a grandeza das ruínas de Rar e com a sua sala de 134 colunas que os circunda, ontem, pela terceira vez, e de maneira feérica, à luz de magnésium".

"O túmulo do rei Seth I em Bab-el-Molouk, vale rochoso de perto de 12 quilômetros de extensão sem um bocadinho de erva, muito mais mortuário que o vale de Josaphat, é também monumento único no seu gênero. E' quase palácio subterrâneo, ao qual se desce por três compridas rampas de degraus tudo cavado no rochedo".

"Podem se estudar todos os mistérios da Vida de além-túmulo da religião egípcia, percorrendo os baixos relevos mais ou menos pintados a semelarem nas paredes e nos tetos talhados. E' quanto há mais interessante e ao mesmo tempo mais grandioso".

"Depois da primeira catarata, perto da qual se acha a ilha de Philas, em seus templos e suas tão esbeltas tamarieiras, e onde li a inscrição da comissão de Desaix, de 1799, ascendi aos mais admiráveis monumentos do país dos Faraós, o templo grande de Abon Simbel (Ibsamboul) de fachada imensa talhada na rocha e ornado de quatro colossos de 20 metros de altura, sobretudo a fisionomia de um deles respirando uma doçura encantadora".

"Creio, segundo observei em muitas obras escultóricas, que o talento artístico era sobremaneira pelado pelas regras do canon hierático".

"Antes de deixar o Egito devo falar das belas colunas, quase doricadas, com plinto, e algumas com um número de faces mais ou menos grande e muitas vezes caneladas — que observei desde a 12.^a dinastia (quase 2.000 anos antes de Cristo) começando pelas grutas de Ben Hassan. Espero visitar o Serapeum de Memphis, num desses dias mais próximos, para ver se em mim produz a mesma impressão causada na minha primeira visita ao Egito, quando não havia ainda admirado os monumentos do Alto Nilo".

"Conto chegar amanhã à noite ao Cairo, tomando o caminho de ferro na margem esquerda do Nilo".

"Conto estar a 16 em Messina e embora numa viagem só seja um passeio, reconheço em toda parte quanto as leituras por mim feitas alimentam tanto o meu amor ao estudo e me são úteis".

"Desejo-lhe um novo ano cheio de felicidade, assim como aos seus, pois o sr. sabe quanto o tenho em lembrança".

"Caso possa acrescentar alguma coisa interessante hei de fazê-lo chegando ao Cairo".

"Sempre seu muito afeiçoado — D. Pedro d'Alcantara. — De bordo do Feron (Turquesa) 5 de Janeiro de 1877." Em continuação à carta:

"Para melhor transmitir ao snr. a impressão que Damasco produz nos que acabam de percorrer os lugares santos vou falar-lhe de uma tradição árabe".

"Mahomed, chegando à vista de Damasco, exclamou: é demais para os crentes a existência de segundo paraíso, e Mahomed não desceu a colina, voltando atrás imediatamente".

"Máspero, na sua História dos Antigos Povos do Oriente, um dos melhores livros por mim lidos ultimamente, referindo-se a Damasco, diz que esta cidade se alonga na planície, no meio de vergeis que por toda parte a circundam e penetram nos muros. Damasco dividida em duas partes desiguais pelo Baroda e refrescada sem cessar pelos canais que o rio (chamo-o com razão de ribeiro) leva a todas as direções".

"Damasco provoca um grito de admiração ao viajante que chega dos desfiladeiros do Artelaban".

"Renan, nos Apóstolos, dá uma descrição de Damasco (páginas 117 e 118)".

"De volta do Cairo partirei, o mais tardar, a 17, para Messina."

A carta de D. Pedro II foi escrita em francês, nos balouços do vapor Feron cortando Nilo em descida, e chega para o estudo, cada vez mais avolumado e comparativo de um homem a quem tudo se pode negar em matéria de qualidades menos a de não haver amado pátria, no decurso de meio século, sujeitando os seus atos naquele decurso de tempo "à justiça de Deus na voz da História".

Uma caravana visitando as famosas pirâmides do Egito.



CHAPÉUS DE HOLLYWOOD

O chapéus de verão se apresentam nos mais diversos feitios, havendo, em todos êles o predomínio das flores. Aqui, um grupo vindo recentemente de Hollywood: à esquerda; êste, de Diana Lynn, da Paramount, tem aba dupla sómente na frente. E' em palha de côr natural com viéz marinho. Dois apanhados de miosotis enfeitam de maneira graciosa o chapéu de Miss Lynn. Em baixo: agora é Janet Blair, da Columbia, com elegante chapéu guarnecido de fitas de cetim e ramo de violetas. Novamente Miss Blair com um interessante "bonet" de palha branca enfeitado de flores amarelas. Uma inovação é o uso da gaze chiffon em substituição ao véu. Na página ao lado: grande chapéu de crinoline branca com apanhado de rosas sôbre a aba. Sugestão de Paule Groset, da Universal.







SUGESTÕES

Do guarda-roupa de Pat White, "estrelinha" da Warner Bros., retiramos estes encantadores modelos para verão: Da esquerda para a direita, temos: 1 — Vestido de seda estampada. Fundo claro. Estamparia representando uma vila mexicana, em cores vivas. Manga japonesa, pequeno laço do mesmo tecido, arrematando o decote, bolsos na saia. 2 — Com uma saia estampada azul-marinho e branco, representando largas folhagens.



DE PAT WHITE

Pat usa uma blusa azul claro de talhe alto. Nas costas, abertura sobre os rins. Laço do lado. 3 — Um interessante modelo para a praia. É em tecido branco com larga barra estampada inspirada em motivos incas. Mangas formadas por babado "godet" branco com listras em tons vivos. 4 — Muito gracioso este "short" em panamá listrado verde e branco. A blusa é feita com sentido horizontal formando contraste com o "short".





Nupcias



R EALIZOU-SE no dia 25 de Setembro próximo passado, às 17 horas, na Candelária, nesta capital, o enlace matrimonial da srta. Nesi Gonzaga, filha do industrial Ademar de Almeida Gonzaga, com o engenheiro Pedro Afonso de Carvalho, filho do Dr. Daniel de Carvalho, ministro da Agricultura, e da sra. Alice Mibieli de Carvalho. Paraninfaram a cerimônia religiosa, que contou com a presença do presidente da República, do sr. Nereu Ramos e do sr. Melo Viana, o sr. Antonio Joaquim Peixoto de Castro Júnior e senhora e o dr. Dario de Melo Pinto e senhora, por parte da noiva; e o sr. Paulo Mibieli de Carvalho e senhora e Ademar Castro e senhora, por parte do noivo. Testemunharam a cerimônia civil, que teve lugar na residência do pai da noiva, em Botafogo, o senhor e senhora João Antonio de Almeida Gonzaga Júnior, por parte da noiva, e o senhor e senhora Afranio de Carvalho, representados pelo senhor e senhora Fernando Mibieli de Carvalho, e a viúva ministro Pedro Afonso Mibieli e o sr. Otacilio Mibieli, por parte do noivo.

As gravuras que estampamos nesta página foram colhidas durante a cerimônia religiosa, o templo cheio de elementos de nossa alta sociedade.



REALIZOU-SE no dia 30 de Setembro próximo passado, na capela de Santa Terezinha do Menino Jesus, no palácio Guanabara, o enlace da Srta. Enyr de Magalhães, filha do Sr. Ernani de Magalhães e da Sra. Idalice de Magalhães, com o tenente Paulo Emilio Souto, filho do General Alcio Souto e da Sra. Virginia Souto. O ato teve relevo social, com a presença de ministros de Estado, altas patentes do Exército e outras personalidades do mundo oficial, além de elementos representativos da nossa sociedade. Foram padrinhos da noiva os pais do noivo e, deste, o professor Luis Capriglione e senhora. Oficiou a cerimônia religiosa o capelão militar Leovigildo Franca.

Os flagrantes que estampamos, foram colhidos durante a cerimônia religiosa.



LUIZA, O AMOR E UMA VOZ

Conto de EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE

Ilustração de ARMANDO PACHECO

O ônibus corria tranquilo dentro da manhã clara. Um vento fresco, vindo do mar, animava as fisionomias e desmanchava levemente os cabelos. Não fazia calor nem frio, o ar estava puro e o sol tinha um jeito despreocupado de amigo velho. Era uma manhã que parecia convidar aos bons pensamentos, às coisas alegres da vida.

Dentro do ônibus, encolhida em seu canto, como se tivesse medo de se fazer notar, Luiza sentia toda a beleza tranquila daquele dia purificado pela luz. Ao seu lado, vinha um senhor já idoso, sem chapéu, inteiramente absorto em seu jornal. A intervalos, o veículo parava. Luiza estava dominada pela natureza. O seu pensamento estava vazio; observava, apenas, o que passava diante de seus olhos. E viu: "A história emocionante de um amor eterno — Hoje — com Ingrid Bergman." A história... emocionante... de um amor... Aquela frase de propaganda cinematográfica, que pareceu passar correndo diante de sua vista, teve o condão de mexer em sua ferida. Esqueceu a natureza. Os seus olhos agora verrumavam a sua alma. Por que seria que ela ficara assim, diferente de todas as moças, marcada para sempre? Esta pergunta era a sua tortura de todos os minutos. Em sonhos, ela se via correndo em prados verdejantes, dançando valsas e conversando com um rapaz, do qual nunca conseguira precisar o rosto. Mas na rua como era diferente a sua vida. Arrastando aquele pé defeituoso, com uma perna mais curta do que a outra, a sua tortura era quase de todos os minutos. O seu rosto era atraente. Harmonioso e calmo, sem estampar o seu sofrimento íntimo. Olhos grandes profundos e negros, boca de lábios melancolicamente curvos, nariz perfeito e cabelos castanhos. Quando fixava os olhos muito tempo, eles tinham um brilho que falava. Muitas vezes ela se tornava alvo dos olhares insistentes dos rapazes. Quase sempre não os correspondia. Mas agora... fazia um mes, sentira-se atraída por aquele moço que se encontrava com ela no ônibus. Ele tinha uma maneira diferente de olhar. Os outros pareciam comê-la com os olhos. Aquele — pensava — era mais delicado. Viveu horas felizes. Na semana passada, mesmo, ela se encontrara com ele. Ia imaginando que seria tão bom se se encontrassem naquele dia. O seu desejo se realizou, pois logo adiante ele apareceu. A troca de olhares começou logo, desta vez pelo espelho, pois

os seus lugares não ajudavam de outra maneira. De repente — coisa espantosa para a sua ingenuidade — ele sorriu. Ela, corando até a raiz dos cabelos, correspondeu timidamente. Os olhares continuaram depois disto, mais insistentes agora. Minutos depois ele tentou falar com Luiza. Propôs-lhe descerem juntos. Foi aí que ela se entregou inteiramente à angústia. Descer com ele? Mostrar-lhe o seu defeito? Não, de jeito nenhum. Deu um punhado de desculpas. Cada qual pior. Mas não cedeu. Continuaram conversando durante todo o percurso. O rapaz não desceu em seu ponto costumeiro, continuando a rodar, para aproveitar a companhia. Quando chegou em sua parada, ela não teve ânimo de descer. Pediu-lhe que saltasse, pois via que ele não se dispunha a isto. Minutos depois, ela também desceu, aliviada, pois ele não tinha visto "aquela coisa".

E agora, naquela manhã, sem saber porque, estava recordando tudo isto. Com estas, vieram outras recordações, quase insensivelmente. Aquela vez no Colegio. Ah! ela nunca esqueceria aquele incidente. Poderia viver cem anos, ficar velha e curva, mas sabia que conservaria aquela lembrança dolorosa para sempre. Fora um recreio. Era um dia frio e ameaçava chover. Para espantar o frio, que chegava a incomodar, as meninas resolveram brincar de "pegador". E iniciaram a brincadeira, com uma alegre balbúrdia. Cada qual queria correr mais e pegar as outras. Ela, de seu canto, observava tudo com uma agonia terrível. Que vontade de brincar também, de movimentar as pernas num ritmo veloz e uniforme, de sentir que o chão "corria" sob os olhos. Precisava fazer uma força incrível para não deixar que as lágrimas escorressem pelas suas faces. Estava sozinha num canto e engulia a sua merenda sem sentir o menor gosto. Fazia aquilo maquinalmente. "Eu quero correr também. Eu quero correr também." Foi nesta hora que Adelia, uma novata, que estava há muito poucos dias no Colegio, passou perto dela e a viu parada, comendo devagarinho. Adelia ainda não a conhecia, mas era muito expansiva e fazia relações depressa com todas. Por isto, gritou para ela:

— Você quer brincar, nega? A Teresa parou, você entra no lugar dela, ouviu?

O alimento parou na garganta de Luiza. Não sabia o que responder. E foi

quando calu em seus ouvidos, doendo feito uma bofetada:

— Esta aí não, Della. Deixa ela, ela é aleijada.

Adelia ficou vermelha. Sentiu aquilo. Mas Luiza nem reparou porque a sua angústia não lhe deixava perceber mais nada. Sentia o corpo queimando. As faces pareciam brasas acesas. Sentiu uma revolta dilacerante, misturada com um grande sentimento de dor. Aquele termo "aleijada" ficou com efeitos mágicos sobre os seus sentidos aguçados. Quando ouvia, ou lia, esta palavra, toda aquela angústia daquele frio dia de inverno voltava a torturá-la. Não quis contar o incidente em casa. A medida que ia vivendo, aquele sentimento de revolta ia se diluindo. Pois compreendendo que a sua companheira de Colegio, embora houvesse sido brutal, não tivera culpa. Era menina, coitada, não compreendia. Mas a dor permaneceu viva e implacável. E ainda naquela manhã bonita, esta cena, desenrolando-se de novo em sua imaginação, tinha o poder de refrear a sua minguada alegria.

Enquanto os seus pensamentos corriam velozes para o passado o ônibus também se movimentava pelas ruas. E foi com espanto dela, que não esperava encontrá-lo naquele dia, que Rogério, em uma das paradas, entrou no veículo. Agora havia um lugar vago. Ele ocupou sem maiores cerimônias. Ela, amedrontada, num gesto instintivo, escondeu o pé debaixo do banco, embora, calçada, o seu defeito aparecesse pouco. E o diálogo entre os dois começou: — Até que hoje, finalmente, hein?, consegui falar de novo com você...

— E... é isto mesmo...

— Outro dia você não quis. Eu fiquei pensando porque seria... fiquei imaginando... com certeza ela tem outro namorado e...

— Não, não foi por isto não.

Luiza estava inteiramente perturbada. Era a primeira vez que ela conversava "estes assuntos" com um rapaz. Era uma experiência inédita e cheia de revelações. Mas, segurando as suas palavras, lá estava o medo, o terrível medo de que ele descobrisse tudo e tudo se modificasse. O que pensaria ele a seu respeito, depois de sabê-la... "aleijada"? Com certeza nem pensaria mais nela, teria até vergonha de ter uma namorada assim. Estas idéias torturavam-na, não a deixando viver totalmente aquela nova experiência, em sua vida tímida de moça machucada pelas desilusões. Enquanto isto, o rapaz continuava a conversar:

— Você já viu aquele filme do "Glória"? Dizem que é bom...

— Não, não vi ainda.

Ele pensava: "Que diabo, ela é um bocadinho bonitinha, mas... conversar mesmo nada. Tenho que arrancar as palavras à força. Em todo caso, com este rosto, todo sacrifício é razoável." E procurava manter a palestra:

— Nós poderíamos vê-lo juntos, hein?

— Não. Ah! isto não.

Ele se assustou com a violência da resposta de Luiza. As suas faces, ao respondê-lo, se afoguearam mais. Afinal ele não dissera nada de mais.

Então convidar uma moça para ir ao cinema é crime? Estava encalulado, sem saber a causa que a fez dar tanta decisão e repulsa à sua resposta...

Nem por sombra lhe passava pela cabeça o que poderia ser. Perguntou:

— Pare! Você até parece que se aborreceu com o meu convite. Acho que não há nada de mais nisto, você também não acha?

— Acho sim.

— Então por que você respondeu assim tão... tão... com tanta certeza?

— Respondi mesmo? Então foi sem querer.

— Está bem, mas quer dizer que você não quer mesmo sair comigo, não é?

E será que a gente pode saber porque? Seria tão bom se nós pudéssemos passear juntos...

— Eu também acho, mas é que... que... Mamãe não deixa.

Foi a primeira mentira de sua vida. Se fosse possível se perturbar mais, ela se perturbaria. Como não era, ficou na mesma, mas com a mentira engasgada

na garganta, enquanto Rogério continuava:

— Garanto que se você quisesse ela deixaria. Mas também isto não tem importância. Nós nos encontraremos hoje, à noite, perto de sua casa. Está bem?

— Não, por enquanto não... vamos deixar isto para daqui a uns dias.

— Nada disto. Hoje eu quero ir com você até perto de sua casa, para saber onde é que você mora.

— Não, tenha paciência, hoje não...

Outra vez a angústia sala com a sua voz. Aquilo, para ela, seria horrível, seria o fim de seus sonhos. Não, ela não consentiria. Rogério percebeu de novo a força de sua recusa, mas continuou insistindo. Era duro na queda. Afirmou que iria de qualquer jeito. E os dois continuaram. Ela com o coração oprimido, ele feliz, alegre, pois satisfaria mais um de seus costumeiros caprichos. Afinal, apesar das conquistas serem fáceis, um rostinho feito aquele, e sobretudo aquela candura, aquela ingenuidade diferente, não se encontravam todos os dias. Por isso, perseverou em seus propósitos. O ônibus corria. Luiza não sabia o que fazer. Afinal, vendo que Rogério não desistia, resolveu enfrentar a situação. Quando o ônibus parou perto de sua casa ela falou:

— Vamos descer, é aqui.

E levantou-se do banco. Saiu andando devagarinho, com a alma chorando de tristeza. Todas as suas humilhações, as grosserias e brutalidades, a falta de compreensão e simpatia de seus semelhantes, que a fizeram sofrer no passado, pareciam concentrarem-se, todas, naquele momento. A sua figura franzina, apertada entre senhores corvulentos, avançava no meio do ônibus. Rogério a viu mancar um pouco, mas supôs que aquilo fosse motivado pelo aperto geral. Não observou bem. Desceram. Estavam agora na rua. E foi então que Rogério compreendeu tudo. O seu coração não estava lá muito acostumado a se conduzir dos outros. Não sabia bem o que era esta história de simpatia aos seus semelhantes. O embaraço de Luiza não o comoveu. Foi conversando coisas sem importância, assuntos de todos os dias. Ela respondia balbuciando quase e, quando se despediu, ele não propôs outro encontro. "Outro encontro... não, comigo não, minha filha. Você é muito bonitinha, mas 'assim'... assim não serve não." Saiu pensando isto e o que seria dele se fosse a uma baile com Luiza. O que diriam os seus amigos? Iriam rir dele, forçosamente, o seu cartaz cairia. E na praia, então? Não sei para que fui mexer com esta pequena. Se eu soubesse que era assim, não teria insistido tanto, pois afinal, coitada, ela não tem culpa.

E aquele "afinal, coitada", pensado de leve, foi a única e longínqua mostra de simpatia que ele teve pela moça, cujo rosto tanto o atraía.

★

Luiza depois continuou com os seus hábitos normais. Quando viu Rogério outra vez ainda estava esperançosa. Foi de manhã, também. Ele vinha de terno azul e parecia embebido no jornal. Quando deu com os olhos nela sorriu, depois — seria impressão? — o seu sorriso foi se desfazendo até se transformar numa expressão de tristeza. De vez em quando olhava, a medo, para o seu lado. Ele continuava impassível. Parecia que o jornal havia tomado conta de seu espírito. Não mais aqueles longos olhares se cruzando através de uma porção de gente que os separava. O espelho? O espelho agora não servia para nada. Devia ser por causa das notícias. A culpa seria do jornal. Afinal, esperar não custava nada. E Luiza continuou esperançosa. No segundo encontro a mesma coisa. Nos outros tudo igual. Finalmente, ele mal a cumprimentava. Agora, não poderia haver dúvidas. Era claro que ele a evitava. Mais uma vez — pensava — aquele seu pé defeituoso a isolava das coisas amáveis da vida. Logo com Luiza que sentia, nos amores fictícios dos livros, uma ansiedade dolorosa, uma vontade intensa de que aquilo se realizasse com ela. Por que não po-



PACHECO

de ouvir palavras de amor? Será que ela não merecia? Todos estes pensamentos a desanimavam, entregando-a a um terrível abatimento. A sua vida continuava, agora, mais vazia ainda, com uma desilusão a mais. Será que os homens não sabiam que existe qualquer coisa além do corpo, um coração, uma alma, um espírito? E, por causa de seu caso particular, ela exagerava tudo. Julgava todos pelo procedimento de Rogério. A sua sensibilidade exacerbada ampliava a sua dor. Não via consolos. Não pensava que outras criaturas mais infelizes do que ela souberam encontrar o caminho do apaziguamento e da tranquilidade. Não, não pensava nada disto. Os seus nervos gritavam e ela se atordia, apenas, com este grito. Ele tinha todas as modulações dolorosas. Era uma esca-

la de angústias. E apenas ele imperava em seus sentidos, tomava conta de todos os seus pensamentos.

★

Enquanto isto, Rogério a esquecera por completo. Uma leve, quase inexistente piedade tomara conta dele, quando descobriu o segredo da timidez de Luíza. Mas depois aquilo se esvaiu sem transtornos, sem recordações, feito uma fumaça que desaparece de manso. E ele se felicitava por ficar livre de uma namorada daquele jeito. O respeito humano não deixava que ele tentasse descobrir em Luíza as qualidades que ela poderia possuir. Estava mesmo um pouco pervertido pois se entregava a pensamentos dolorosamente egoísticos:

"Não, eu tenho dó dela, mas sair com uma aleijada... nada disto. Quero é uma 'bóia, mas uma bóia em alta forma'. Procurou não se encontrar mais com Luíza. Para isto, evitava tomar o mesmo ônibus. E assim desapareceu por completo da vida daquela moça. Daquela moça que se encastelara em seu sofrimento. Se a houvessem acostumado a encarar mais naturalmente aquele seu defeito, a sua dor provavelmente daria ser menor. Mas ninguém havia ido em seu auxílio. Cresceu comparando-se com as outras, sentindo-se 'diferente'. Diziam-lhe sempre: 'Coitada, tão bonita e assim...'. 'E' uma pena, uma menina como esta...' E o que ela nunca esquecerá: 'Esta aí, não, Déia. Deixa ela, ela é aleijada.'"

No caso de Rogério — quem sabe? —

se uma voz lhe dissesse: "Há de aparecer alguém compreensivo e humano... Este aí não a quis porque você tem o pé defeituoso. Mas você deve esquecê-lo, pois o defeito que você tem no pé, ele tem no coração. E isto... isto sim, Luíza, é muito, muito pior", talvez ela tivesse um pouquinho de esperança.

Mas onde estará esta voz?

Talvez ela se esconda no vento que passa, nas flores que nascem, nas árvores que dão frutos, no sol que ilumina, no ar que nos dá vida.

O mais difícil, porém, é saber escutá-la, porque os homens, esquecendo o suave apaziguamento da natureza, que Deus lhes deu, fazem tudo para silenciá-la.

Porém, ela continua e continuará. Você não acha, Luíza?



Metrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

A cabeça do marido

(Continuação da pág. 29)

Mas não pôde chegar a tempo de impedir o homem, que tinha pressa de exigir de Pollock a execução do seu contrato, de abrir o pano e atirar sobre a mesa a cabeça do Porroh. Aquele a cabeça saltou e caiu ao chão, deixando sobre as cartas um rastro vermelho; depois rolou para um canto, invertida, e com os olhos ferozes voltados para Pollock.

Pereira fez um movimento rápido no momento em que o objecto caiu no meio do jogo; tomado de emoção, ele principiou a falar em português; quanto ao Mendi, esse estava inclinado tendo na mão o pedaço de pano ensanguentado.

— A carabina! disse ele.

Pollock voltou-se para a cabeça que estava a um canto. Tinha exactamente a mesma expressão que ele vira em sonhos. Ao olhar para ela, parecia-lhe que qualquer coisa se quebrava dentro do seu próprio cérebro.

Nesse momento Pereira tornou a achar o seu inglês.

— O senhor mandou matá-lo? Não o matou o senhor mesmo?

— E por que não?

Falando consigo mesmo:

Ele não se poderá mais livrar disto?

— Não me poderel livrar de que?

— E todas estas cartas que estão manchadas!

— Que quer dizer com isso?

— E' preciso mandar-me um outro baralho de Freetown, o senhor há de encontrá-lo lá à venda.

— Mas que quer dizer "livrar-me"? — Oh! é uma superstição, não sei mais...

Os negros pretendem que o feiticeiro... pois ele era feiticeiro... Mas, é inútil... O senhor devia entender-se com o Porroh, ou então matá-lo por suas próprias mãos. Isto é uma coisa estúpida.

Pollock praguejou consigo mesmo, ao mesmo tempo que deitava os olhos para o lado da cabeça que estava a um canto.

— Não posso tolerar aquêle olhar, disse ele.

Depois, repentinamente, precipitando-se sobre a cabeça, empurrou-a com o pé. Ela rolou alguns metros e parou novamente, na mesma posição, invertida, sempre olhando para Pollock.

— Ele está hediondo! declarou o anglo-português. Extraordinariamente hediondo! Eles fazem esses golpes com umas faquinhas.

Pollock tornou a ir mexer na cabeça quando o Mendi o puxou pela manga.

— E a carabina? pronunciou este, olhando de frente para ele, com expressão feroz.

— Dar-te-ei duas, se me leverses daqui aquêle horror, vociferou Pollock.

O Mendi fez um sinal negativo, e declarou que reclamava uma só carabina, que lhe era devida então, e de que ficaria muito agradecido. Nem por pedido, nem por ameaça. Pôde Pollock obter d'ele outra coisa. Pereira tinha justamente uma carabina para vender (com um pequeno lucro de 300 por 100); depois de recebê-la, o homem foi embora imediatamente. Mas, posto que contra a sua vontade, os olhos de Pollock voltaram-se para o objecto sinistro que se achava no canto do aposento.

— E' esquisito que aquela cabeça se conserve sempre em posição invertida, disse Pereira, com um riso forçado. E' preciso que ela tenha um cérebro muito pesado: parece uma dessas garrafinhas que ficam sempre em pé por causa do chumbo que têm no fundo. Leve-a consigo, quando se fôr embora. Pedia até levá-la desde já... As cartas estão completamente sujas. Há um homem que vende cartas em Freetown... O quarto está em um bonito estado... O senhor devia tê-lo morto com as suas próprias mãos.

Nesse momento, Pollock fez um esforço sobre si mesmo e apanhou a cabeça. Suspendeu-a ao gancho que havia no meio do tecto e, sem se ausentar, abriu-lhe uma cova. Durante o trabalho, ele tinha ideia de que a havia pendurado pelos cabelos, mas certamente era um engano: quando voltou para buscá-la, achou-a invertida, isto é, pendurada pelo pescoço.

Pollock enterrou-a antes do pôr do sol, ao norte da cabana que ocupava, de modo a não ser obrigado a passar perto da cova, quando à noite voltasse da casa do Pereira. Antes de se ir deitar, ele matou ainda duas serpentes.

Durante a noite, despertou em sobresalto: ouvia pequenas pancadas reitadas, como que uma coisa arranhando o chão. Levantou-se sem ruído e procurou o revólver em baixo do travesseiro. Seguiu-se um grunido indistinto: Pollock disparou a arma a esmo no meio da escuridão. Ouvia-se um rumor, depois uma coisa preta atravessou rapidamente por diante da porta.

— E' um cão, disse consigo Pollock e tornou a deitar-se.

Logo ao romper do dia, tornou a despertar sentindo uma impressão inexplicável de dessassossego. Voltara-lhe nas costas uma dor vaga. Durante algum tempo, ele ficou deitado, seguindo com os olhos as formigas vermelhas que circulavam no tecto; depois, tendo clareado o dia, olhou por cima da rede e viu no chão um objecto escuro: teve um sobressalto tão violento que a rede voltou-se e ele caiu dela abaixo. Quando deu por si estava deitado a um metro talvez da cabeça do Porroh: ela havia sido desenterrada pelo cão e apresentava o nariz cruelmente retalhado. As formigas e as moscas disputavam-na encarniçadamente. Coisa singular: a cabeça estava com o pescoço voltado para cima, e os olhos invertidos tinham a mesma expressão diabólica.

Pollock sentou-se no chão; paralisado, contemplou alguns segundos aquêle espectáculo horrível. Depois levantou-se, deu uma volta ao redor do objecto, evitando aproximar-se dele, e saiu da cabana. A luz deslumbradora do sol nascente, a vida das plantas sob a viração ferral expirante, a cova vazia com os sinais das patas do cão, tudo isto aliviou o peso que ele tinha sobre o estômago.

Contou o caso a Pereira, como uma boa história, uma boa história que se conta com um calafrio.

— O senhor fez mal em espantar o cão, respondeu o outro, com um bom humor mal disfarçado.

Os dois dias que se seguiram á espera da embarcação, foram empregados por Pollock a tomar disposições mais serias em relação ao que lhe pertencia. Dominando a repugnância que experimentava em tocar naquela cabeça, ele desceu á embocadura do rio e atirou-a ao mar; mas, por uma espécie de milagre, ela escapou aos crocodilos e foi impelida pela maré para junto do lodo, perto da entrada do rio: um inteligente mestiço arabe apanhou-a e foi oferecê-la como objecto de curiosidade, a Pollock e a Pereira exactamente ao cair da noite. O indígena mostrava-lhe a cabeça aos últimos lampejos do crepúsculo, e fazia-lhe preços cada vez mais baixos; finalmente, desanimado pelo horror evidente que aquêles dois brancos tão prudentes causava o seu achado, retirou-se; mas, ao passar por diante da cabana de Pollock, atirou ao chão o seu fardo para que Pollock o encontrasse ali na manhã do dia seguinte.

O efeito não falhou: Pollock foi tomado de uma espécie de furor. Resolveu queimar aquêle objecto de horror. Saiu logo ao romper do dia, e, antes do calor do sol, fez uma grande fogueira de espinheiros. Foi interrompido naquela ocupação pelo apito da pequena barca, que fazia o serviço entre Monrovia e Bathurst, e que vinha chegando pelo canal.

— Ah! Graças a Deus! exclamou Pollock, com profundo fervor, ocorrendo-lhe a ideia a significação daquêle chamado.

Com as mãos trêmulas, acendeu á pressa o monte de lenha, atirou em cima d'ele a maldita cabeça e afastou-se para preparar a mala e despedir-se de Pereira.

Naquella tarde, foi com uma sensação de infinito alívio que Pollock olhou para a praia de Sulyma, lisa e pantanosa, que ia diminuindo progressivamente ao longe. O corte na longa linha branca onde rebentavam as vagas, tornava-se mais e mais estreito. Parecia-lhe estar ao abrigo de tudo e separado do seu tormento. Pouco a pouco o sentimento de susto e de inquietação principiava a desvanecer-se. Em Sulyma, a sua fé na malevolência do Porroh.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL

SANTAL

O PERFUME MISTERIOSO
DA FLORESTAROGER & GALLET
PARIS · RIOMANTENHA A DISTINÇÃO
DO SEU LAR, COM
SEUS MOVEIS LIMPOS
E BEM CUIDADOS

★
Óleo de peroba
O RENOVADOR
DOS MÓVEIS

roh, no seu poder misterioso, tinha-se dissipado no ar, por assim dizer; a sua apreensão havia sido profunda, empolgante, ameaçadora, terrível, ao passo que agora o domínio do Porroh não era manifestamente mais que uma pequena lista de terra, um pequeno ponto entre o oceano e os planaltos dos Mendis, coronados de nuvens azuladas.

— Adeus, Porroh! exclamou Pollock. Adeus, e certamente não "até a vista".

O capitão da barca veio encostar-se junto dele ao corrimão, cumprimentou-o, cuspiu na escuma da esteira, na atitude mais familiar do mundo.

— Apenhei desta vez na praia uma curiosidade bem singular, disse o capitão. É uma coisa cujo exemplo nunca vi por estas paragens.

— Que vem a ser ela? perguntou Pollock.

— Uma cabeça em posição invertida.

— Hein?

— Sim, uma cabeça chamuscada. A cabeça de um desses Porrohs, crivada de talhes feitos à faca. Que é? Que é que tem? nada? Eu não julguei que o senhor fosse um rapaz tão nervoso. Está ficando verde! Com a breca! Então, que é isto?

Meu Deus! como o senhor ficou excitado!... Pois bem, a cabeça, de que eu lhe estava falando, é um objeto curioso em um sentido. Eu a conservei com algumas serpentes, dentro de um bocal de álcool, que tenho no meu camarote, reservado para cousas desse genero, e quero que me enforcem se ela não flutua em posição invertida! Que fez a isto?

Pollock deu um grito selvagem, depois levou as mãos à cabeça e correu na direção do tambor da roda com o intuito confuso de saltar ao mar; mas, caindo em si, voltou para junto do capitão.

— Socorro! bradou este. Jack, Phillips, agarrem este homem. Ao largo! não se aproxime, senhor! Que lhe aconteceu? Está então louco?

Pollock levou novamente a mão à cabeça. Não havia uma boa explicação a fornecer.

— Sim, creio, disse ele, que, de vez em quando, fico bem perto de me tornar louco. É uma dor que sinto e que me aparece de repente. Espero que me desculpe.

Lívido, alagado em suor, ele compreendeu subitamente que se havia exposto a que duvidassem do seu bom senso. Fez um esforço sobre si mesmo para reconquistar a confiança do comandante, respondendo às suas perguntas benévolas, tomando nota dos seus conselhos, tentando mesmo guardar algum tempo dentro da boca um gole de aguardente e, — o assunto veio a propósito — multiplicando as interrogações sobre o comércio das curiosidades que o capitão exercia por sua conta própria. Este fez detalhadamente a descrição da famosa cabeça. Pollock lutava constantemente por escapar a esta ideia ridícula — que a barca era transparente como vidro e que via distintamente a cabeça em posição invertida, olhando para ele do camarote colocado sob os seus próprios pés.

Pollock passou naquela barca umas horas ainda piores talvez do que ele tinha conhecido em Sulyma. Passava todo o dia em sobressaltos, a lutar contra a sensação intensa que experimentava com a presença próxima da horrível cabeça que lhe povoava o cérebro de ideias sinistras. À noite, voltava-lhe o antigo pesadelo, até que, à custa de um violento esforço, ele conseguiu despertar, gelado pelo terror, com um grito sufocado a comprimir-lhe a garganta.

A verdadeira cabeça, deixou-a ele atrás de si, em Bathurst, tomando uma outra barca para Tenerife, mas não logrou desembaraçar-se das suas visões, nem das dores surdas que sentia nos ossos. Em Tenerife, passou para um navio da linha do Cabo, continuando, porém, sempre a cabeça a perseguí-lo. Ele jogou, tentou algumas partidas de xadrez, leu varios livros; conheceu mesmo os perigos da embriaguez. Cada vez que uma sombra escura, que um objecto preto e redondo

lhe aparecia à vista, ele buscava distinguir nele a forma da cabeça, e a via efetivamente. Ele principiava a perceber claramente que a sua situação o trala; não obstante, o navio em que ele navegava, os companheiros de viagem, os marinheiros, o mar sem limites, tudo lhe parecia, às vezes, fazer parte de uma fantasmagoria que se interpunha entre ele e um mundo de verdadeiros horrores, sem o velar por completo: o Porroh, passando o seu semblante diabolico através daquela cortina, era a única realidade incontestável. Pollock erguia-se então, sentia o contato de uma coisa qualquer, mordida essa qualquer coisa e sentia-lhe o gosto, queimava a mão com um fósforo ou enterrava uma agulha na carne.

Assim, sempre em luta feroz e silenciosa, contra a sua imaginação delirante, Pollock acabou por chegar à Inglaterra. Tendo desembarcado em Southampton, foi de cá o diretamente, da estação de Wartelo ao escritório do seu banqueiro em Cornhill. Al chegando, tratou de alguns negocios com o diretor, em uma sala particular; e, durante todo aquele tempo, a cabeça ficou suspensa diante dele, como um ornamento, por cima da pedra marmore preta da chaminé; ela gotejava sobre o guarda-fogo, e Pollock ouvia cair as gotas e via líquido vermelho sobre a chapa do fogão.

— Aquilo é um lindo arbusto, disse o diretor, que lhe segula o olhar. Mas está enferrujando o guarda-fogo.

— Ah! sim, respondeu Pollock, um arbusto muito lindo. Mas isto me faz pensar... Póde recomendar-me um médico especialista de molestias mentais? Eu trouxe da minha viagem, como hei de dizer? uma pequena alucinação.

A cabeça principiava a escarnecer dele, com uma expressão de ferocidade selvagem. Pollock ficou surpreendido de que o agente não notasse nela. Este, porém, olhava para ele de frente.

Tendo obtido a moradia de um médico, Pollock despediu-se logo e achou-se novamente em Cornhill. Nem um carro à vista! Teve que se dirigir a pé até ao extremo oeste da rua, onde tentou atravessar em frente à Mansion House. A passagem aí só é praticável para os londrinos mais experimentados: carros, carroções, carrinhos, caminhões, ônibus formam uma fila ininterrupta; para qualquer pessoa recém-chegada das solidões insalubres da Serra-Leão, aquilo é uma barafunda de enlouquecer. Mas quando, além disso, uma cabeça cortada vem bater-nos nas pernas, saltando como uma bola de borracha, e deixando após si, de cada vez que bate no chão, um rastro de sangue, não ha quem possa escapar a um acidente. Pollock deu um passo convulsivamente, para evitá-la e bateu nela com toda a força; foi então que sentiu nas costas uma pancada violenta e uma sensação de calor lhe percorrer todo o braço.

Ele tinha-se lo alcançado pela lança de um ônibus e três dedos da sua mão esquerda tinham sido esmagados pela pata de um dos cavalos, exatamente os três dedos de que ele se servira para dar o tiro sobre o Porroh. Várias pessoas acudiram e livraram-no da situação em que se achava, debaixo das patas dos cavalos e descobriram na sua mão achatada a moradia do médico.

Durante dois dias as sensações de Pollock foram sempre misturadas com o lock foram sempre misturadas com o cheiro adocicado e acre do cloroformio e com as operações penosas que não lhe fizeram nenhuma mal; foi-lhe preciso conservar-se deitado e deixar que lhe dessem de beber e de comer. Depois ele teve um pouco de febre, sentiu muita sede e voltou-lhe o seu antigo pesadelo. Só depois de se ver de novo perseguido por ele foi que percebeu que tinha estado livre dele durante um dia.

— Si, em vez da mão, fosse a minha cabeça que tivesse sido esmagada, isto teria acabado para sempre, disse consigo, olhando muito pensativo para uma das almofadas que naquele momento havia tomado a forma da cabeça.

Oportunamente, falou ao doutor da sua perturbação cerebral. Compreendia claramente que estava fadado à loucura a menos que não intervisse um milagre qualquer.

Explicou que tinha assistido, no Dahomey, a diversas execuções capitais e que, desde então, era perseguido pela visão das cabeças decepadas. Naturalmente, nem lhe passava pela ideia contar os fatos com toda a exatidão.

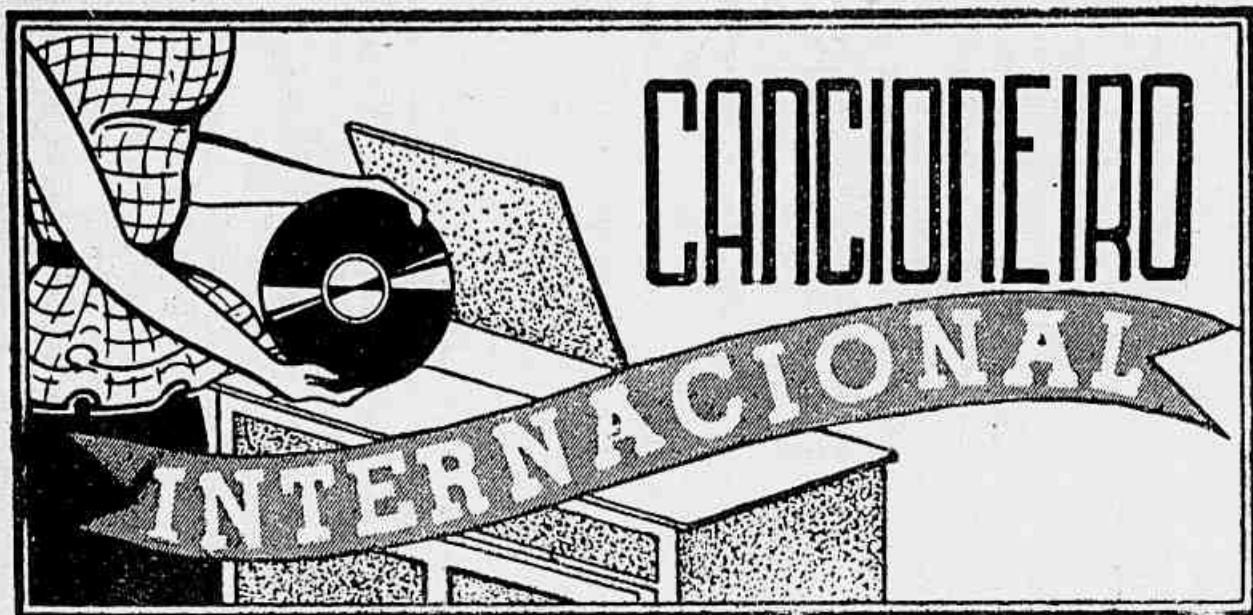
O médico tomou um ar grave. Depois falou com hesitação.

— Recebeu na sua infância uma educação muito religiosa? perguntou ele.

— Oh! muito pouco.

Uma sombra passou pelos olhos do doutor.

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



DIREITOS AUTORAIS

O Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, acaba de baixar uma portaria designando uma comissão encarregada de estudar os efeitos da legislação referente à cobrança de direitos autorais e elaborar o necessário relatório, apresentando o ante-projeto de regulamento que couber, tendo em vista o Decreto N. 20.493, de 24 de janeiro de 1946, que aprovou o Regulamento do Serviço de Censura de Diversões Públicas, do Departamento Federal de Segurança Pública e foi assinado no apagar das luzes do curto período do governo chefiado pelo Ministro Linhares. O direito autoral está na ordem do dia. Há pouco, lemos no "Diário do Congresso" um ante-projeto de autoria do escritor Jorge Amado, contendo dispositivos que, se convertidos em lei, criariam um tremendo conflito com a própria lei, tratados e convenções internacionais ratificados pelo Brasil, a menos que chegassemos ao extremo de revogar tudo isso, passando um atestado frisante da nossa falta de cultura e... de caráter. A Comissão, honra lhe seja feita, é constituída de homens dignos mas, exceção feita ao juiz Teles Neto, parece-nos não serem os mais indicados para o trato de uma matéria complexa, como é a questão do direito autoral em nosso país. Por outro lado, não atinamos o motivo que determinou essa portaria porque, em conjunto, o atual Regulamento aprovado pelo Dec. 20.493, de 24 de janeiro de 1946, satisfaz plenamente, bastando apenas uma única alteração, a revogação do parágrafo 2.º, do seu artigo 105, por atentar contra o preceito constitucional que garante a liberdade de associação.

F. CORREA DA SILVA

JUST PLAIN LOVE

Fox de Al Russell e Joel Cowan

Love is such a precious thing,
Never let it pass you by.
There's hidden treasure in your heart
And you can find it if you try.

When she looks you in the eye
And your heart begins to sigh
It's just plain love.
When she takes you by the hand
And says "Oh, I think you're grand!"
It's just plain love.
It's just plain love;
It lives eternally.
So, if you're happy down inside
Just because she's by your side
It's just plain love.

*

NAUGHTY ANGELINE

Fox de Allan Roberts e Lester Lee

Look at your eyes begging for sleep
But there's a date you have to keep
You fly too high midnight butterfly.

Too many rings on your fingers
Naughty Angeline
You laugh at romance that lingers
Naughty Angeline
You take a heart then you break it
Just for fun
Someday you'll break one too many
Yours may be the one
Ev'ryone kisses a flower
Filled with sweet perfume
Nobody kisses a flower
When it's lost its bloom
So come to my arm mischief makin'
baby
Settle down and just be mine
Cause deep in your heart
You're a good little girl
Naughty Angeline.

*

THE TURNABLE SONG

(Round, an' Round, an' Round)

Fox de Leo Robin e Johnny Green
Do filme SOMETHING IN THE WIND
da U-I

'Round an' 'round, an' 'round
An' 'round the turntable goes
And on comes a tune that you feel in
your toes
On an' on, an' on, an' on,
The disc jockey plays
And most ev'ry song has the same
old phrase I love you
How - dja like to hear that all day long
And not in a song but in a sigh
So would I
Well that's the dream I'm dreamin'
While the turntable goes
'Round an' 'round an' 'round an' 'round
An' 'round.

ANOCHE PLATICAMOS

Bolero de Frederico Baena

Anoche platicamos
después de mucho tiempo
los dos fulmos sinceros
juzgando nuestro amor.
Al fin nos comprendimos
hablando sin recelos
de todas las verdades
que ocultamos los dos.
Anoche platicamos
y que sinceros fuimos
como si no existiera nada
entre los dos
y de nuestro fracaso
por fin nos convencimos
y como dos amigos
nos dijimos adiós.

*

SOY VAGABUNDO

Ranchera de Pablo Sanchez Vazquez

Castigado del destino
me desprecia todo el mundo
porque vivo vagabundo
sin querer
porque mato con el vino
un amor que me ha sangrado
al que tanto le he llorado
que he de hacer
no me importa ese desprecio
que no saben de mis penas
ni que arrastro las cadenas
de un amor
que me digan que soy necio
si ellos nunca habrán querido
ó talvez no habrán perdido
un amor.
Soy vagabundo
he de seguirlo yo siendo
y he de ir bebiendo
hasta que acabe este mal.
Soy vagabundo
y he de ser siempre en la vida
si de esta herida
yo no me arranco el puñal.

*

LOS TRES

Tango argentino de Pablo Morales, Raphael Dominguez y Ernesto Sanchez.

Ella era todo su vivir
Su amor sus besos callentes,
Y jamás los celos y dolores
Hicieron su morada en sus pechos tan
ardientes
Pero el destino traicionero
Surgió en la piel de un grande amigo
Y aquel amor que era su vida
Volvióse a un otro pecho en busca de
abrigo
Los tres
Ahora atormentados
No son más que desgraciados
Tres juguetes... nada más...
Y hoy
Por trillo diferente
Los tres silenciosamente
Siguen su triste destino...
Tres sombras,
Tristes sombras de una vida
Que rodó y en la caída
Abrióse en cruz por el camino.

Corta os resfriados

Instantina

Alivia os dores

— Não sei se já ouviu falar das curas milagrosas — de mais é possível que elas não sejam milagrosas — de Lourdes?

— Receio que a fé pouco me possa aproveitar.

E tinha o olhar fixo na almofada negra.

Nesse momento, a cabeça contraiu em uma careta abominável aos seus traços ferozes. O doutor entrou em uma nova ordem de ideias.

— A causa de tudo isto é somente a imaginação, disse ele, falando com subita vivacidade. Boa ocasião para se recorrer às virtudes da fé. O seu sistema nervoso está deprimido, o senhor se acha nesse estado crepuscular de saúde em que os espíritos mais facilmente se produzem. A impressão forte por que passou outrora era demasiado forte para o senhor. Vou compor uma pequena poção que fortalecerá o seu sistema nervoso, especialmente o cérebro. E é mister que o senhor faça exercício.

— Não me presto à cura pela fé.

— E' por isso que devemos tonificarlo. Procure seja onde for, um ar estimulante, a Escócia, a Noruega, os Alpes...

— Oh! Jericó, se quiser, respondeu Pollock, Jericó, para onde o profeta enviou Naaman.

Seja como for, logo que saiu das mãos do médico, Pollock fez uma tentativa conscienciosa para lhe seguir os conselhos. Estava-se em Novembro. Ele tentou o foot-ball; mas, coitado! para ele isso consistia em empurrar com grandes ponta-pés em um campo uma cabeça voltada ao contrário. Ele não era um jogador muito habil. Batia às cegas, com uma espécie de horror e, quando o punham atrás no poste, se acontecia a bola cair sobre ele, dava inesperadamente um grande grito e saía da linha. As histórias vergonhosas, que o tinham forçado a tentar fortuna longe da Inglaterra, sob os trópicos, lhe vedavam todas as relações a não ser as dos homens, e agora a sua conduta, cada vez mais estranha, fazia com que até os próprios amigos fugissem dele.

O espectro não foi para ele, por muito tempo, apenas uma aparição visual; chamava-o, falava-lhe. Um terror formidável, apoderou-se dele por este tempo quando ele sentiu o contacto da aparição; em breve aquela cabeça ia ficar sendo um simples objeto de mobiliário; era realmente uma verdadeira cabeça separada do tronco. Sózinho, ele praguejava contra ela, afrontava-a e dirigia-lhe supplicas; uma ou duas vezes, esquecendo a severa vigilância que exercia sobre si mesmo, pôs-se a falar com ela em presença de outras pessoas. Sentia aumentar a desconfiança na atitude das pessoas que observavam, a proprietária, a criada, o criado.

Um dia, no princípio de Dezembro, Arnold, seu primo e mais próximo parente, foi visitá-lo e convidou-o a sair; ele reparou no seu semblante amarelo e encovado, nos seus olhos afogues e abatidos. E parecia a Pollock que seu primo segurava na mão, em vez de um chapéu, uma cabeça de Gorgona que, voltada ao contrário, olhava para ele fixamente, procurando transtornar-lhe a razão com os seus olhos ferozes. No entanto, ele continuava resolvido a acabar com aquilo. Comprou uma bicicleta; mas quando ia pedalando pela estrada gelada que vai de Wadsworth a Kingston, tornou a ver a cabeça fatal rolando ao seu lado e deixando no seu rastro uma esteira escura. Pollock cerrou os dentes e redobrou de velocidade. Então, de repente, quando ia descendo a colina em direção a Richmond Park, o espectro principiou a rolar diante dele, pela estrada, e tão depressa que ele não teve tempo de pensar e que, dando uma volta ao guidão para se livrar, foi projetado violentamente sobre um monte de pedras e fraturou o pulso esquerdo.

O desfecho realizou-se na manhã do dia de Natal. Toda a noite ele ardera

em febre, a ligadura, que lhe rodeava o pulso, dava-lhe a impressão de um bracelete de ferro; os pesadelos eram então mais absorventes e mais terríveis que nunca. No meio da pouca luz fria, pálida e incerta que precede o nascer do sol, ele ergueu-se no leito e viu a cabeça em cima de um consolo, em vez da taça de bronze que lá estava na véspera á noite.

— Sei, todavia, perfeitamente que é uma taça de bronze, disse ele consigo mesmo, sentindo invadi-lo o frio da inquietação.

Agora a dúvida não era mais possível. Saiu do leito lentamente, tremendo de pavor, e avançou para a taça com a mão estendida. Viu com certeza que a imaginação o enganara; reconheceu o brilho peculiar ao bronze. Depois, passando um século de hesitação, os seus dedos sentiram o contacto... da face da eterna cabeça. Pollock retirou a mão com um gesto convulsivo. Era o último período do mal: como os outros sentidos, o tacto o havia traído.

Tremulo, vacilante, ele ergueu-se do leito, tropeçando nas botinas com os pés descalços; tudo rodou em volta dele; Pollock dirigiu-se às apalpadelas para o toucador, ali pegou na sua navalha e, com esta arma na mão, tornou a sentar-se no leito. Viu no espelho o seu rosto lívido, assustado, no qual estava impressa a suprema amargura do desespero.

Em um golpe de vista, repassou na mente as diversas épocas da sua existência: o lar sem alegria, os dias menos alegres ainda, passados no colégio, os anos de dissipação vívidos depois, uma ação má, sucedendo-se a uma outra, tudo lhe aparecia agora de modo claro, na fria luz da madrugada, como indecente e como indigno de piedade.

Ele se reviu diante da choça do selvagem, no combate com aquele Porroh, na descida do rio em direção a Sulyma; lembrou-se do Mendi assassino, com o embrulho manchado de sangue, os esforços desesperados que ele fez para se desembaraçar da cabeça, o progresso da sua alucinação, ele compreendeu isso perfeitamente!

Durante um momento, recomeçou a esperar. Voltou os olhos, desviando-os do espelho; em cima do consolo, a cabeça sempre em posição invertida, mostrava-lhe os dentes e fazia-lhe caretas.

— Então, com os dedos rígidos da mão ferida, procurou no pescoço as pulsações da aorta.

A manhã estava muito fria, a lâmina pareceu-lhe glacial.

Cinco dias que abalarão o Rio

(Continuação da pág. 12)

para os embarcadouros, pescadores e homens do mar que enchiam o botequim. Não pode mais viajar, mas gosta de trabalhar ali perto do cáis, para sentir o cheiro grosso da maresia.

UM JORNALISTA ABOLIU OS CASTIGOS CORPORAIS NAS CLASSES ARMADAS DA INGLATERRA

O castigo corporal nas forças armadas não era uma invenção brasileira. Foi praticado no mundo inteiro. Depois da revolta da armada, em 1910, era ainda aplicado na Marinha e no Exército Russo, no regime czarista. A própria Inglaterra, a mais liberal das nações, ainda aplicava esses castigos, no século XIX, — após as conquistas da Revolução Francesa e o estabelecimento dos Direitos do Homem. E' preciso notar-se, especialmente, no caso brasileiro, que havia apenas vinte e dois anos que fora aboli-



da a escravidão no nosso país e que o cativo, com o tronco, o relho, as grilhetas e todo um sistema de penas corporais, aplicadas à vontade, pelos donos de escravos, como senhores com direitos de vida e de morte, formava calosidades e deformações em muitas consciências, especialmente dos que haviam sido contemporâneos de tal regime. O nosso próprio ensino se ressentia dessas punições corporais e a palmatória, até bem pouco, estava oficializada, como um símbolo dos processos pedagógicos baseados na compulsão. Deve a Inglaterra a abolição dos castigos corporais ao jornalista William Cobbett, processado, a 15 de junho de 1810, perante Lord Ellenborough, por ter denunciado os castigos de quinhentas chibatadas em cada um impostos a cinco jovens soldados ingleses por mercenários alemães, em Ely. No seu artigo, dizia ele, com indignação, que cada inglês merecia 500 chibatadas, por se deixar espancar pelos alemães mercenários, depois de terem derrotado cidadãos livres da França. Condenado a pagar mil libras de multa e a passar dois anos na cadeia de Newgate, além de incidir numa nova multa de quatro mil libras se cometesse nova ofensa, "incitando as tropas à insubordinação", William Cobbett despertou tantas simpatias que seu jornal, "Cobbett's Political Register", que era semanal, passou a sair duas vezes por semana, embora estando ele na cadeia. Além disso, sua multa foi paga por subscrição pública, promovida por seus amigos, — e ao sair da cadeia recebeu ele, um grande jantar público, de homenagem, que lhe acresceu a reputação e o prestígio. E foi tal a repercussão desfavorável de sua condenação injusta, que, em pouco, os castigos corporais foram definitivamente abolidos.

William Cobbett, antes de ser jornalista, prestara serviços ao Exército Inglês, alcançando o posto de sargento-major.

A INGLATERRA VELOU PELOS SÚDITOS BRITÂNICOS

Há um episódio que demonstra bem o poderio e o zelo da Grã-Bretanha, ainda a senhora absoluta dos sete mares, pelas vidas dos seus cidadãos. Depois de deflagrada a revolta e enquanto o Congresso não votava a anistia para os revoltosos, lei que dias depois foi votada por noventa por cento do Parlamento, começou a correr o boato de que o ministro da Marinha, almirante Marques Leão, mandaria torpedear os navios revoltosos, caso esses não se rendessem incondicionalmente. A população ficou estarelecida. Milhares de pessoas, parentes dos marujos do "Minas Gerais" e do "São Paulo", começaram a rezar e a pedir a todos os santos que isso não acontecesse. A Embaixada da Inglaterra também soube do boato. E antes que o boato pudesse tomar força de realidade, o governo inglês enviou uma nota ao presidente Hermes, nos seguintes termos: "A Inglaterra, por intermédio do seu ministro, protesta contra o torpedeamento dos navios revoltosos, porque nesses se encontram vários súditos de Sua Majestade, empregados das casas construtoras das máquinas das belonaves. Avisa também que já deu ordem à sua esquadra do Atlântico, ancorada no porto de Montevideu, para que se dirija imediatamente à Baía do Rio de Janeiro."

O "ALMIRANTE" NEGRO E O ALMIRANTE INGLÊS

Os navios não foram torpedeados. A simpatia do Congresso e do povo estava desde o início ao lado dos sublevados. Eles pediam a abolição da chibata, melhoria de vencimentos e um tratamento mais humano nos navios.

João Cândido nos informa a respeito dos salários da época.

— Em 1910 eu tinha quinze anos de serviço ativo na Marinha. Havia navegado por toda a Europa e pelas três Américas. Sabia fazer tudo num vaso de guerra, inclusive capitanear uma esquadra, conforme demonstrei. Já havia lutado algumas vezes e apesar de tudo isso, meu ordenado era de sessenta mil réis por mês.

— Se você não tivesse sido excluído da Marinha que posto julga que teria alcançado?

O velho lobo do mar dá uma risada:

— Teria, por certo, me reformado como cabo e estaria com uma pensão de trinta ou quarenta cruzeiros mensais.

Naquele tempo não havia nenhuma garantia para os praças. Eu às vezes me arrependo de não ter aceitado o asilo que me foi oferecido pelo almirante Sir Scott...

— Como foi isso, João Cândido?

— A esquadra inglesa que estava em Montevideu surgiu na baía alguns dias depois. Sir Scott, almirante da esquadra, mandou um emissário parlamentar comigo e quando soube da minha situação, ofereceu-me asilo, em nome do governo inglês. Agradei e disse que tinha confiança no governo do meu país. Confiava que atenderiam aos nossos pedidos, inclusive o de anistia.

O marinheiro agora se exalta quando lembra da sua prisão, logo que desembarcou no Arsenal de Marinha:

— É preciso que fique bem claro que a anistia dada pelo Congresso foi burlada pelas autoridades que então dominavam na Marinha. Acusaram-me de uma revolução contra o presidente, coisa que todo o mundo sabia que nunca existiu.

Tive bons advogados de defesa durante o processo movido contra mim. Foram os doutores Evaristo de Moraes, Calo Monteiro de Barros e Jerônimo de Carvalho. O auditor de Guerra foi o então comandante João Pessoa, morto no governo Washington Luís. O que mais me aborrece hoje na minha velhice é que depois de tudo isso o contra-almirante Barbosa Lima mandou informar no meu processo pedindo reversão à Marinha, que nunca tinha ouvido falar no marinheiro João Cândido!

Ai ficam os depoimentos que colhemos sobre os cinco dias que abalaram o Rio de Janeiro e cujos efeitos foram mais eficazes que todos os decretos existentes até então, proibindo o castigo corporal nas forças armadas da República.

A VIDA DE HAYDN

(Cont. da pág. 18)

nas o encorajamento da aprovação constante", refere-nos ele, "mas ainda, como regente da orquestra, podia fazer experiências, verificar o que produzia um efeito e o que diminuía, ficando, destarte, em condições de aperfeiçoar, alterar, adicionar e omitir, e cometer quantos atrevimentos quisesse". Em quanto a in-

MÚSICA

CLÁUDIO SANTORO — DO AMAZONAS A PARIS —
MENINO PRODÍGIO E MOÇO CONSAGRADO — A
MELHOR MANEIRA DE VENCER OS PRECONCEITOS
— O "VEREDICTUM" DOS CONCURSOS E A RETRA-
TAÇÃO DE MUITA GENTE...

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

ASSIM como, há alguns anos, um jovem violinista, festejado como o menino prodígio do Amazonas, deixou seus conterrâneos para tentar vencer, no Rio de Janeiro, Cláudio Santoro, compositor vitorioso no Rio de Janeiro e nos Estados Unidos, vencedor da bolsa Guggenheim, partiu para Paris, com vistas à conquista artística do velho mundo. No tempo que decorreu entre a adolescência, no Amazonas, e esta nova fase de sua carreira, Santoro deu alguns concertos, nos salões cariocas, estudou composição e, enquanto trabalhava no aperfeiçoamento indispensável da sua arte, juntou-se aos primeiros violinos da Orquestra Sinfônica Brasileira, que, de vez em quando, incluía, em seus programas, obras dele. Mais de uma vez Cláudio Santoro esteve envolvido em competições artísticas e nunca deixou de sair-se com distinção dessas aventuras. Assim, teve um dos prêmios de concurso da própria OSB, ganhou, com um quarteto, classificação honrosíssima em concurso organizado nos Estados Unidos, onde ele concorreu à bolsa Guggenheim, passando, em primeiro lugar, todos os complicados "tests" que antecedem a concessão daquele auxílio aos artistas jovens. Uma questão política impediu-o de gozar as vantagens oferecidas pela fundação Guggenheim, mas a França distinguiu-o, logo, com um oferecimento de alguns meses de estadia, como hóspede do governo.

PREVENÇÕES E RETRATAÇÕES

Conhecemos Cláudio Santoro numa época em que ele ainda não obtivera, de parte da crítica, o completo reconhecimento de seu talento. Preconceitos tradicionalistas vedavam a franquia ao moço do Amazonas da cidade, onde a opinião de nossos principais críticos alojava a glória e a fortuna.

Raramente, aliás, obtem o artista, desde logo, a rendição incondicional dos julgadores em face do seu talento. Especialmente num meio, como o nosso, em que é tão poderosa a influência da opinião estrangeira, a maneira mais rápida de obter a consagração, é ir procurá-la no estrangeiro. Eis aí uma receita que tem sido aviada pelos nossos principais compositores com excelentes resultados... Pobre, Cláudio Santoro não podia sair do Brasil. Independente, repugnava-lhe mendigar o auxílio concedido de má vontade por organizações oficiais ou não. E, assim, lutando daqui mesmo, armado somente com a força de seu valor, visou os grandes concursos americanos e, em dois deles, classificou-se, conforme relatamos, em posto de destaque.

Mais ou menos a esta altura, começou, no arrabal nativo uma apressada revisão das antigas opiniões desfavoráveis a Santoro. Não poucos cronistas viram-se forçados a engulirem muita descompostura lançada à irreverência modernista da obra de Cláudio, reconhecendo, então, nela, o vigor expressivo, o senso da forma, que é original, forte e carregada de um sentido de dolorosa revolta contra o mundo e suas injustiças.

Os que tinham pontificado, antes, do alto de suas cátedras submeteram-se, dóceis, a sancionar — que remédio! — o veredictum da crítica estrangeira. Salvaram-se, com isso, de incidirem no ridículo da obstinação, mas, por outro lado, evidenciaram, definitivamente, a própria incoerência...

MÚSICA VIVA E OUTRAS MÚSICAS

Cláudio Santoro não é adepto ortodoxo de escola alguma. É, simplesmente, um grande e autêntico talento, que tem atravessado diferentes fases, procurando uma expressão mais nítida e precisa, uma construção musical mais sólida, através do despojamento e da depuração da forma, tensa e viva. Chamá-lo de atonalista, para encerrar o assunto é sepultar a necessidade de uma análise mais detida sob um rótulo sugestivo e inexpressivo.

Aliás, pela sua preocupação de tornar a sua arte mais acessível ao povo, de reservá-la do hermetismo egocêntrico, Cláudio Santoro não poderia aderir completamente, à estética de Schoenberg.

Saindo do grupo Música Viva, como um dos principais alunos de H. J. Koellreutter, Cláudio Santoro revelou, por outro lado, e desde o primeiro momento, se destacou, apresentando uma personalidade forte e bem definida, que tirou do trabalho do grupo o proveito de aprofundar seus conhecimentos de teoria, de composição, sem subordinar-se, definitivamente, a uma tendência qualquer padronizada.

Na França, ele espera continuar seus estudos com Nadia Boulanger e Darius Milhaud. Já bastante conhecido, encontrarão suas obras acolhida nas principais orquestras francesas. E, para Arnaldo Estrela e Mariuccia Iacovino, que seguiram no mesmo navio para a França, Cláudio Santoro vai compor, na viagem, uma sonata, que terá sua primeira audição, em Paris, no concerto daqueles dois artistas.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA?

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparição digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL. CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvares, 27 - 3º and., sala 33 — Cinc.ândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas



NUTROGENOL
GRANADO

ELIXIR
GRANULADO
GOTAS

Tônico dos nervos
Tônico do cérebro
Reconstituinte



CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



MENAGOL
REGULAR

IMPRESSONANDO OS MEIOS
CIENTÍFICOS DO PAÍS!

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 29 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias e drogarias

EMAGRINA
ou pelo serviço de reembolso
CAIXA POSTAL, N.º 2325
Rio de Janeiro

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 256 - Fone: 28-0430

ferioridade da sua posição social, aceitou-a, como a desventura da sua condição conjugal, com indiferente resignação. "E' triste, em realidade, ser sempre um escravo", escreveu, "mas assim o quer a Providência e eu, portanto, devo aceitá-lo". Afinal de contas, se os Esterhazy escravizavam os seus artistas, eram generosos para com os seus escravos.

Generosos, mas meticolosos. Nicolaus Esterhazy obrigou Haydn a compor num ritmo furioso, para "quebrar as pernas ao tempo", como ele mesmo dizia. O próprio Nicolaus tocava barítono muito bem — instrumento musical em que as cordas de tripa e as de metal eram postas em consonante e recíproca vibração — e fez com que Haydn escrevesse quase duzentas peças para esse instrumento. Um belo dia, Haydn, compôs um dueto de barítono — uma parte simples, que melhor convinha à limitada capacidade do príncipe e um solo mais difícil para o violoncelista da orquestra do palácio Adam Kraft. Ao examinar a composição, Esterhazy enfuriou-se. "Daqui por diante", clamou, "todos os solos para barítono serão escritos para mim. Nenhum homem tem o direito de revelar-se melhor executante do que eu!".

A sorte de Haydn era cansativa, mas não era infeliz. A sua posição proeminente no palácio Esterhazy chamou para ele a atenção de muitos visitantes, estrangeiros ilustres, que lhe difundiram a música e o renome. Além do generoso salário que recebia era-lhe permitido aumentar o seu ganho mediante lições particulares que Esterhazy consentia fossem dadas em suas horas de lazer. (Um dos seus alunos era o jovem Beethoven). Haydn amava a sua música, amava as suas pladas e, sobretudo, amava os seus semelhantes. Era como um pai para os membros da orquestra, os quais lhe chamavam, afetuosamente, "Papai Haydn". Vivia com simplicidade, caminhava, pescava e caçava para distrair-se, enviava aos pais quantias liberais de dinheiro, sorria às vituperações da esposa, esquivava-se-lhe dos golpes e compunha música que era como o cantar dos anjos em seus momentos jocosos.

A sua música, entretanto, a despeito de toda essa jocosidade, tinha o que quer que fosse de triste — a tristeza de uma voz a cantar numa gaiola de ouro. Haydn gostava de viajar, mas o amor negava-lhe até o privilégio de uma visita frequente a Viena. Foi por ocasião de uma dessas recusas que Haydn compôs a Sinfonia da Despedida. Ia a estação bem adiantada, e os membros da orquestra roíam-se de saudades das famílias. O príncipe, porém, porfiava em

sua determinação de conservá-los a trabalhar em seu palácio, no campo, e convidou os amigos para assistirem a um concerto. O último número do programa era essa nova Sinfonia da Despedida. "Uma sinfonia em Fá sustenido menor". Tom estranho e surpreendente, pensou o auditório. As surpresas, porém, seriam ainda maiores antes de encerrar-se a noite. O primeiro Allegro passou sem qualquer incidente exorbitante, seguido da melancólica suavidade do Adagio, movimento pontuado dos "tristes suspiros e lamentos dos mortais presos ao seu destino". A verdadeira surpresa, todavia, veio com o Finale. Uma centena de compassos fortes, como um protesto irado — e, logo, uma súbita parada de todos os instrumentos. Ao recomeçar a execução, ouviu-se de novo, em surdina, um fragmento do Adagio, distribuído em quatro partes para os violinos. Ao passo que estes entraram a desenvolver suavemente o tema, a segunda trompa e o primeiro oboé apagaram as suas velas e, na ponta dos pés, saíram da sala. Depois o fagote procurou executar também a melodia; após algumas notas, no entanto, desistiu da tentativa, apagou a vela e saiu da sala, em seguimento dos outros. Um por um principiaram os outros músicos a tocar em surdina os seus instrumentos, apagaram as suas luzes e saíram da sala. Restam agora, apenas três — o primeiro e o segundo violino, e Haydn. Um tênue e argênteo riacho de som, marulhando na sombra, e Haydn queda sozinho com a cabeça inclinada sobre o atril.

Haydn esperou, não sem medo, a reação do príncipe. Esterhazy, porém, não se agradara menos da brincadeira que da música. Disse a Haydn haver compreendido claramente o significado da sinfonia e deu licença para que todos partissem, no dia imediato, para as suas casas.

As férias pouco frequentes em Viena eram como viagens ao Paraíso — dias de boa comida, boa música e boa camaradagem. Ao regressar a Esterhazy, após uma dessas férias, escreveu a uma querida amiga vienense, "a nobre, estimada e excelente Frau von Grenzinger", uma carta em que comparava, pesaroso, a vida monótona em Esterhazy com os diversísimos prazeres de Viena. "Eis-me aqui de novo na solidão — abandonado — como pobre órfão — quase sem associação humana — triste — cheio de lembranças dos dias felizes que passaram... E quem sabe quando voltarão esses dias gostosos? — Aquela companhia feliz, todo um círculo de amigos unidos pelo coração e pela alma, as deliciosas noites inusuais... que é feito delas? Foram-se e muito tempo se passará antes que voltem... Quando voltei a Esterhazy en-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

contrei tudo de pernas para o ar... Mal pude dormir... O maldito vento norte despertou-me e quase me arrancou da cabeça o barrete de dormir. Perdi, em três dias, vinte libras de peso, pois está muito distante a excelente comida vienense... Ah, se eu, ao menos, tivesse agora um daqueles pitêus de Viena... aquele bife delicioso e mole em vez deste pedaço de vaca que tem meio século de idade, aquelas tortas maravilhosas, em vez destas maçãs e nozes secas... Aqui, em Esterhazy, ninguém me pergunta: "O senhor quer o chocolate com ou sem leite?" "Prefere o café simples ou com creme?" "Que é que lhe posso oferecer, meu caro "Haydn?" "Quer um sorvete de baunilha ou de abacaxi?"... "Se eu, ao menos, tivesse um pedaço de bom queijo parmesão... para auxiliar o macarrão e o spaghetti..."

Estes, porém, eram apenas estados passageiros de espírito, como flocos de nuvens que passam sobre ridente regato. O coração continuava, incessante, a cantar-lhe, e a sua música brilhava como raio de sol bailarino refletido por um espelho que algum garoto travesso manejasse. Ele nos apanha sempre desprevenidos com súbita explosão de riso, o malicioso piscar de olhos, o inesperado fecho da frase, o eco de uma caçada, a imitação da dança do urso, a palrice das aves. Adapta à música os dez mandamentos, e para o sexto, Não furtarás, rouba deliberadamente um trem de Martini. Compõe uma Sinfonia das Crianças, e nela introduz toda a sorte de instrumentos de brinquedo. Senta-se ao pianzinho quadrado, a compor a sua Sinfonia em Sol maior (a Sinfonia da "Surpresa"). Ilumina-se-lhe inopinadamente o rosto e ele introduz um fortíssimo explosivo na parte do tímpano, no meio de uma passagem suave. "Isso fará pular as senhoras!" grita para o seu amigo Gyrowetz que, por acaso, assiste à cena.

Uma criança brincalhona, uma criança piedosa. A sua música é um hino a uma Providência generosa — uma canção a extravasar de uma alma satisfeita. "Visto que Deus me deu um coração alegre", dizia, "Ele me perdoará por havê-lo servido alegremente".

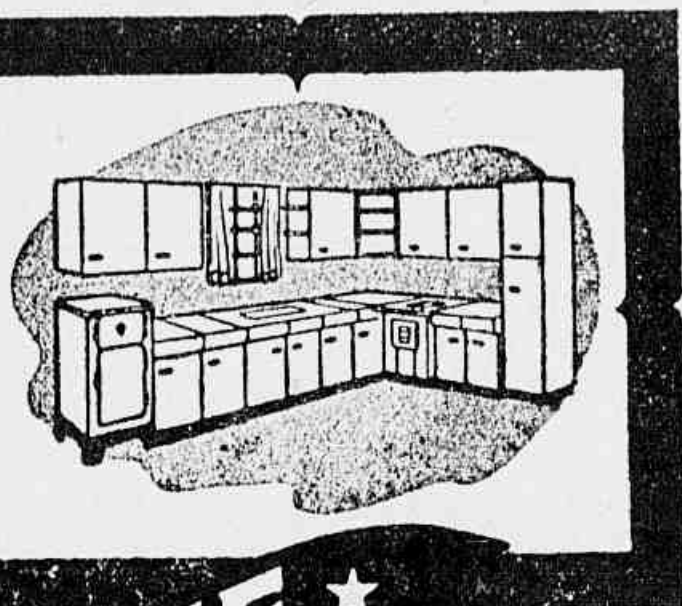
IV

Haydn tem sido chamado o Pai da Sinfonia, o que não é totalmente exato.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

**COM 1947
CHEGOU O
NOVO TIPO**



KITNEVE

INDÚSTRIAS NEVE LTDA.
Rua Rosa e Silva 74 (Quase esq. Praça Marechal Deodoro). Fones: 5-1311 e 5-1322 — São Paulo

Vendas e exposição no Rio de Janeiro

INDÚSTRIAS MURRAY S/A

RUA RODRIGO SILVA, 18

O pai de uma criança é sempre filho de outro pai e isso tanto é verdadeiro no mundo artístico como no mundo físico. Haydn não criou a sinfonia. A estrutura da sinfonia é um desenvolvimento natural da estrutura do quarteto. Em 1744, quando Haydn orçava ainda pelos doze anos, já era bem conhecida em Paris a forma sinfônica. No ano seguinte era a sinfonia considerada na Alemanha como um tipo estabelecido de composição musical, consistindo, a esse tempo, de três movimentos. A introdução do minuetto como quarto movimento só se fez alguns anos depois. Quando Haydn atingiu a maturidade já se conheciam centenas de sinfonias nos principais centros musicais da Europa. A obra de Haydn, por isso, não consistiu em inventar uma nova forma de música, senão trazer uma forma mais velha e mais grosseira a um nível mais novo e mais alto de beleza. "Os predecessores dele", escreve Sir Hubert Parry, "escreveram sempre (as suas sinfonias) descuidada e apressadamente. Haydn, porém, aplicou o espírito à questão com maior diligência e encontrou maneiras novas de contrastar e combinar os sons dos diferentes instrumentos da orquestra, obtendo-lhes do conjunto, ao tocarem,

feito mais cheio e mais rico". Não obstante, comparadas com as posteriores composições de Mozart e Beethoven, as mais adiantadas sinfonias de Haydn são modestos ramalhetezinhos de melodia, simples fragmentos de canções nativas populares, entrelaçadas em grinaldas de imperecível fragrância.

Se Haydn não foi o Pai da Sinfonia, foi o padrinho da música de Mozart. Desde a infância foi Mozart ardente admirador de "Papai Haydn". Tocou, em diversas ocasiões, nos saraus musicais dos Esterhazy. Dedicou a Haydn um grupo de suas primeiras composições. Quanto a este, olhava por Mozart com solicitude verdadeiramente paternal. Foi, na realidade, um dos poucos contemporâneos de Mozart que lhe reconheceram a grandeza do gênio. "Eu desejaria apenas", escreveu em uma de suas cartas, "poder infundir a todos os meus amigos, principalmente aos críticos, a mesma intensa simpatia e profunda admiração que sinto pela música inimitável de Mozart... As nações deviam disputar-se mutuamente a posse de tamanha jóia, afim de conservá-la dentro em suas fronteiras. Enfureço-me ao pensar que o incomparável Mozart ainda não foi contratado por nenhuma corte Imperial! Perdoai o meu entusiasmo; mas é que quero tanto a esse homem!" Quando, na primavera do seu gênio, foi Mozart atirado, em companhia de alguns indigentes, a uma vala comum, o pesar de Haydn foi inconsolável. "Perdoai-me", dizia aos amigos, "Não posso reter o pranto à lembrança do meu Mozart". E assim como Mozart, em sua juventude, compusera sob a influência de Haydn, este, em sua velhice, começou a compor sob a influência de Mozart.

v

Todas as manhãs, antes de encetar o seu trabalho, pedia Haydn a Deus que lhe desse engenho para o dia que começava. Quando o seu trabalho ia bem, cria que Deus lhe ouvira a prece; quando não, observava e sorria que Deus o

punha pelos seus pecados. Ele teria passado feliz o resto dos seus dias nesse tranquilo contentamento, servindo ao Senhor e agradecendo ao seu príncipe. Entretanto, justamente quando a velhice principiava a chegar, perdeu o emprego em razão da morte de Esterhazy (28 de setembro de 1790). Felizmente, porém, o príncipe lhe legara uma pensão de mil florins (cerca de cem libras) anuais. Fez duas visitas a Londres, onde recebeu as aclamações da multidão e um grau honorífico de Oxford — distinções essas que lhe poderiam ter sido mais agradáveis ao tempo em que eram mais fortes os seus apetites, mas que, assim mesmo, agradeceu humildemente, embora vivesse já o derradeiro período da sua existência. E então, aos sessenta e seis anos de idade, compôs a sua obra-prima, A Criação.

Esse oratório, baseado no Paraíso Perdido de Milton, é "semi-religioso e semi-descritivo". Principia com um bosquejo do caos — pandemônio de frases discordantes e incompletas, de estrondosas dissonâncias, de incerteza e suspensão. Logo — súbita e harmoniosa mistura de todos instrumentos e vozes a anunciar o nascimento do universo: "E foi feita a luz!"

Isto é seguido de uma série de recitativos e coros debuxando a criação do sol, da lua, das estrelas, a divisão entre o dia e a noite, o desenvolvimento dos céus e a formação da terra, o nascimento das flores, dos peixes, dos insetos, das aves e das feras, e o magnífico Aleluia dos anjos ao contemplar a terra e os céus a proclamarem a glória de Deus.

Vem, em seguida, a criação do Homem, e o canto do Homem — mais suave, mais triste e mais terno, mas não menos belo que o canto dos anjos. O canto do Homem, o eco mortal do canto imortal de Deus.

VI

Quando Haydn completou setenta e seis anos de idade, reuniram-se os amigos para proporcionar-lhe o prazer de um triunfo final. Transportaram-no, numa cadeira de rodas, para assistir a uma representação especial da sua Criação. Entre os presentes figurava o seu discípulo, já então famoso, Beethoven. Quando Haydn entrou na sala, levantou-se em pé o auditório inteiro. Ao chegar o côro à esplêndida passagem. "E foi feita a luz", a multidão rompeu em aplausos ensurdecedores. Haydn fora de si, ergueu-se e exclamou: "Não fui eu, mas uma Força de cima quem criou isto". E quando, terminado o concerto, foi levado para fora da sala em sua cadeira de rodas, Beethoven inclinou-se e beijou-lhe as mãos.

A sua vida longa e pacífica estava quase encerrada. Não lhe permitiram, porém, morrer em paz. Os fados prepararam-lhe também uma Sinfonia de Surpresa com o súbito estrondoso do canhão para romper-lhe a tranquilidade da velhice. No dia 10 de maio de

**RICARDO brilhava
EM 1927...**



...e continua

brilhando em 1947!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

1809, chegava às portas de Viena o exército invasor de Napoleão. No decurso do bombardeio, um dos obuses veio cair na cerca da casa de Haydn.

Foi este, proximamente, o finale do último movimento da sinfonia. Logo após o bombardeio Haydn acamou. Três semanas depois, expirava. "Esta guerra miserável", disse, em seu leito de morte, "acabou comigo".

(Do livro "Vidas de grandes compositores").

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

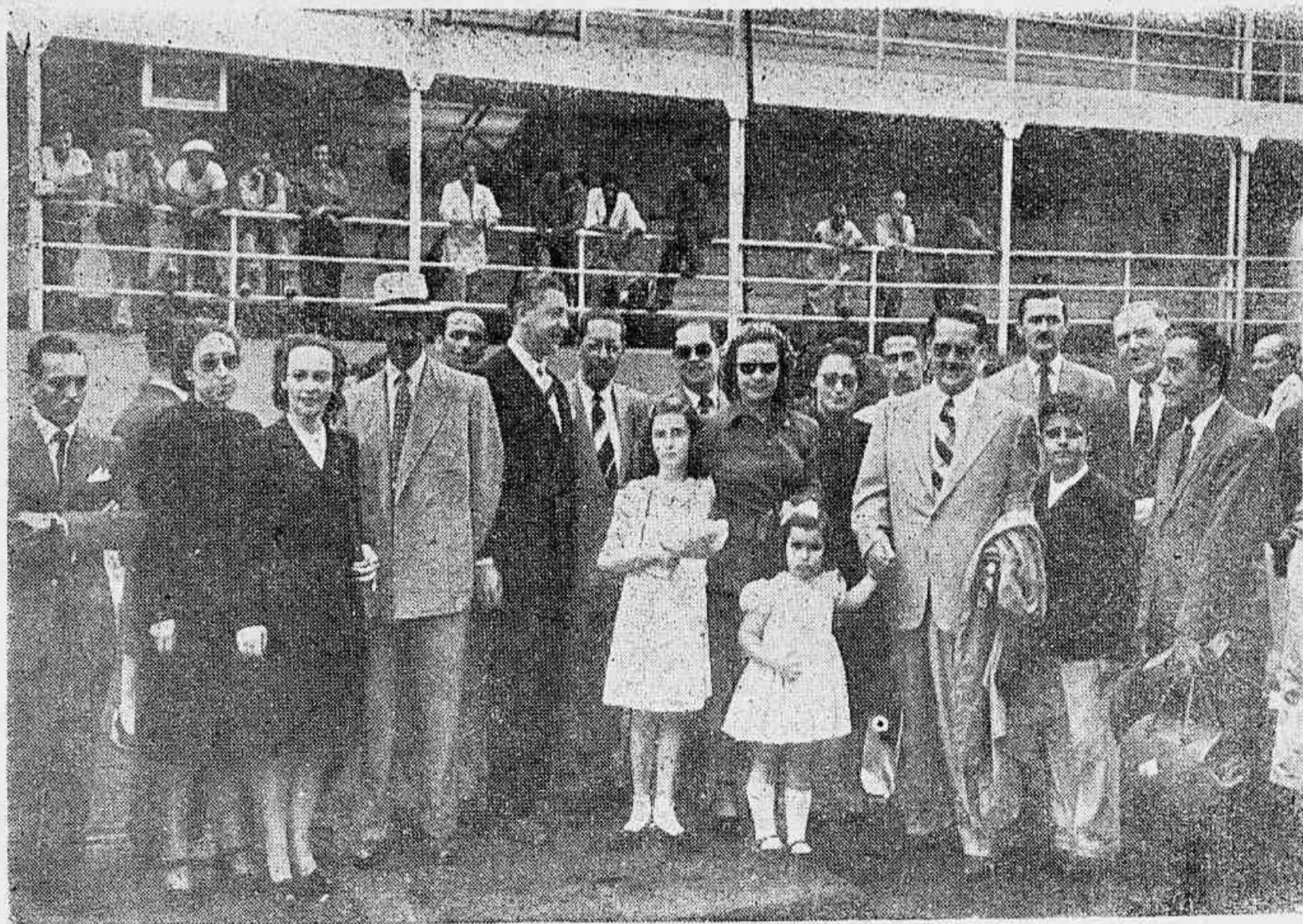
Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 8-6718



Procedente dos Estados Unidos, regressou recentemente, a bordo do "Mormacdown", o Sr. Cicero Leuenroth, diretor da Empresa de Propaganda Standard Ltda., que foi tomar parte na Conferência Internacional de Propaganda, organizada por W. A. Sheaffer's Pen Co., e realizada em Fort Madison. Após a realização da importante conferência, o Sr. Leuenroth percorreu vários Estados daquele país, onde compareceu a outras inúmeras reuniões de organizações publicitárias.

O conhecido publicitário foi recebido no cáis por numerosos amigos, auxiliares e pessoas de sua Exma. Família. O clichê acima reproduz um aspecto tomado por ocasião do desembarque pela objetiva da "REVISTA DA SEMANA".

Burt Lancaster

(Cont. da pág. 20)

visita a um amigo. No elevador notou um sujeito desconhecido que o olhava com muita insistência. Mas, saindo do elevador, dirigiu-se ao quarto de seu amigo e esqueceu o seu estranho observador. Quando, porém, estava cumprimentando o amigo, o telefone tilintou. Seu amigo foi atendê-lo e logo olhou rindo para Lancaster. Depois de receber a mensagem, ele apertou efusivamente, a mão do hóspede, perguntando:

— Gostaria de trabalhar na Broadway?

Burt Lancaster pensou que era brincadeira. Aconteceu, porém, que o sujeito desconhecido que o havia observado no elevador era um empresário da Broadway, e havia encontrado nele o tipo ideal para o principal papel de "A sound of hunting", peça de Harry Brown.

Foi esse acontecimento quase miraculoso que o levou para a Broadway, onde iria trabalhar pela primeira vez numa companhia dramática de primeira ordem. Fez grande sucesso nessa representação. E a prova disso é que Hal B. Wallis o contratou para o cinema depois de ter visto apenas o primeiro ato da peça. E não foi esse produtor o único que lhe ofereceu contrato, pois agentes de outros sete estúdios também cobijaram o ator novato.

Logo após a representação dessa peça Burt Lancaster foi para Hollywood, onde se submeteu a tests cinematográficos, sendo logo incluído no elenco de "Desert town", seu primeiro filme. Daí para cá, o resto é conhecido. Burt Lancaster conquistou, em "Assassinos", a admiração dos "fans" e de tal modo que ainda hoje diz:

— Sempre que acordo costumo me beliscar, para ter a certeza de que não continuo dormindo, em meio a um sonho maravilhoso e irreal...

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

Da mocidade às portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema; os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês, muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O regulador Xavier N.º 2 — se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde, que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e seu bem-estar.

A MAIOR PONTE SUSPENSA DA EUROPA

O ministro dos Transportes da Grã-Bretanha, anunciou o início da construção da maior ponte suspensa na Europa — a ponte sobre o rio Secern, de 3.000 pés de comprimento — que facilitará imensamente o desenvolvimento das indústrias da Gales do Sul, encurtando de cinquenta milhas a estrada entre Bristol e aquela região.

Um modelo em aço tem sido experimentado em túneis de vento a mais de cento e cinquenta milhas por hora afim de assegurar-se-lhe a resistência aos mais fortes ventos já mais experimentados por aquela região — 104 milhas por hora. Foi construído um túnel especial para os testes, de maneira a se poder experimentar o modelo em todos os ângulos possíveis, pois é sabido que os ventos fortes frequentemente fazem redemoinhos e se propagam em espirais. O modelo é especialmente forte, tem 52 pés de comprimento e pode suportar pesos consideráveis. Assim, mediante testes tremendos, será possibilitada a construção de uma ponte fortíssima, destinada a uma longa duração, pois que poderá enfrentar os mais fortes furacões. Terá sua constru-

ção um grande significado para a economia daquelas zonas vitais das Ilhas Britânicas e, consequentemente, para a própria economia nacional.

UM NOVO SUPORTE DE MICROFONE

Uma companhia britânica acaba de pôr no mercado uma nova e revolucionária haste de microfone.

Essa haste pode ser levantada de 7 pés — para permitir a sua passagem por qualquer porta — para 9 pés e 6 polegadas de altura, mas também pode ser abaixada até que o microfone toque o chão. A sua elevação máxima é de 30 pés.

Por sua vez, o microfone pode ficar a 9 pés da haste — e, no máximo, a 10 pés e 6 polegadas.

A haste é controlada por uma manivela e a sua parte superior pode ser destacada da coluna, para transporte.

A haste opera silenciosamente, pois a parte interior dos tubos é à prova de som, a parte exterior é de grande rigidez e todos os fios são mantidos, automaticamente na extensão exata.

O MENOR TRANSMISSOR DE RADIO DO MUNDO

Uma firma de Londres está agora manufacturando um transmissor de rádio pouco maior do que um pacote de cigarros.

Um característico especial desse transmissor é que pode ser usado, em número considerável, na mesma área, sem perigo de interferência. O aparelho, chamado Tele-Rádio, tem centenas de aplicações para uso civil, como serviço policial, em comícios, em redes particulares de edifícios comerciais, etc. O Tele-Rádio é uma adaptação dos obuzes controlados pelo radar, usado durante a guerra.

A sua operação é extremamente discreta. Se necessário, todo o equipamento pode ficar oculto, durante o seu uso, com a única exceção do fone de ouvido, que entretanto, é construído de galalite côr de carne. O microfone pode ser colocado atrás da lapela e usado nessa posição; o transmissor, no bolso de cima do paletó; o restante, nos bolsos de baixo.

CASA ANGLO-BRASILEIRA

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Um folhetim-sintético-ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por ELIZABETTE GOUDGE
Desenhos de LAWRENCE BUTCHER



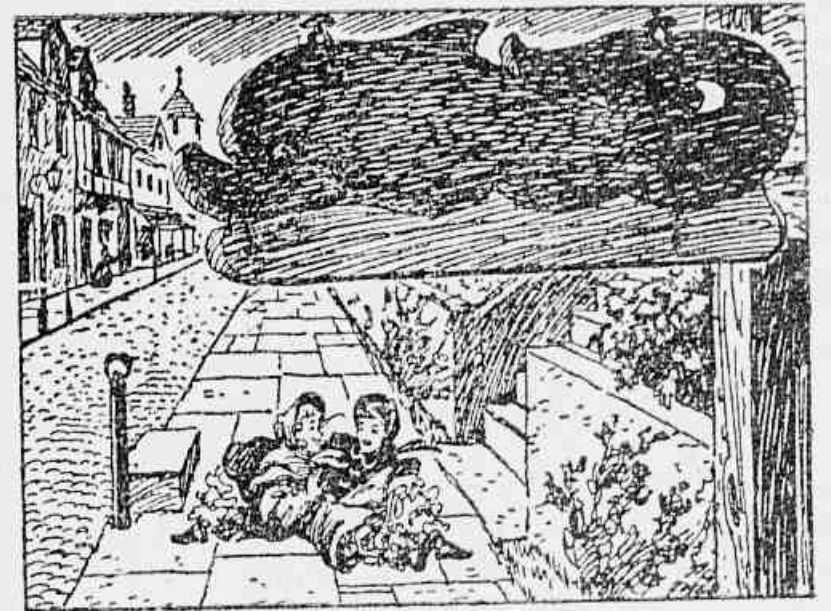
O coração de Sophie bateu mais forte.

SOPHIE Le Patourel estava na janela, observando a carruagem de aluguel que parara na velha casa vazia da rua do Delfim Verde, bem em baixo do muro do jardim da sua residência. Comprimi o rosto contra o vidro da janela quando um homem pesadamente encapotado desceu do carro, segurando uma enorme galola de metal com um papagaio verde. Saltou depois um garotinho, com um saco de lona, e o cocheiro, vergado sob a bagagem. Todos entraram na casa e um súbito pé de vento fez bater a porta atrás deles. O recém-chegado àquela remota ilha do canal pelo barco da Inglaterra devia ser o Dr. Edmund Ozanne. Há vinte e cinco anos ele estava ausente. Deixara a ilha ainda muito moço, indo estudar medicina em Londres. Ali casara e se estabelecera, mas o casal não foi muito feliz e só teve um filho, quando ambos já não eram mais jovens.



Marianne tinha um plano aventureiro.

A pobre senhora morrera e ele voltava com o filho, para pregar a sua placa na porta da rua do Delfim Verde. Essas informações Sophie obtivera com dificuldade, mas com perseverança. Quando tinha 18 anos e Edmund 20, haviam se amado. Edmund prometera voltar, para se casarem. Mas nunca voltara e, após alguns anos de espera, Sophie casara com Octavius Le Patourel... e nunca se arrependera. Quando saiu da janela, um pouco envergonhada pelas batidas fortes do seu coração, Sophie lançou um olhar ao jardim, onde as duas filhas se abrigavam do vento atrás do muro. Marianne não se movia como a irmã mais nova, Marguerite. Estava imóvel no caminho do jardim, esperando. Seu rosto pálido, esperto, estava tenso. Tinha um plano naquele momento: fugir do jardim para o excitante, tempestuoso mundo além do muro. Quando a mãe saiu da janela,



Elas foram parar na rua do Delfim Verde.

Marianne, com uma chave na mão, caminhou para a porta que dava para a rua do Delfim Verde. — Mas mamãe disse que devíamos ficar no jardim, — disse Marguerite, de olhos arregalados, pois sua honestidade pura já estava prevenida contra os erros a que levavam os artifícios de Marianne para conseguir seus objetivos.

Marianne não respondeu, e abriu a porta. Marguerite seguiu-a, a princípio silenciosa, depois dando risadinhas de prazer pela aventura. A porta quase as derrubou, arremessada por uma rajada súbita de vento. Elas procuraram segurança no fundo do lance de escada e, tirando, aos trambolhões, finalmente chegaram ao chão sem maiores consequências.



William! — gritou o dr. Ozanne.

QUANDO a porta do jardim bateu violentamente sobre elas, as irmãs Le Patourel, Marianne e Marguerite, acharam-se na oase da escada lutando contra a ventania. Segurando as saias-balão com uma das mãos e os chapéus com a outra, as duas atravessaram a rua do Delfim Verde.

Alguns passos levaram-nas à frente da velha casa agora ocupada pelo dr. Ozanne. A porta da frente estava aberta de par em par, e, no instante em que Marguerite tirou a mozzinha do chapéu, o vento o carregou diretamente pela passagem escura a dentro. E Marguerite, naturalmente, entrou atrás dele como uma bala para no fim do corredor escuro, cair nos braços do dr. Ozanne. — Ora, graças! — exclamou ele — Isto deve significar boa sorte! Ei, William, veja o que tenho aqui? — E entrou na sala, contente, com a menina nos braços.



Veja aqui! — Ele sorriu para Marianne.

Marianne permanecia diante da porta, presa de emoções contraditórias. Deveria entrar atrás de Marguerite ou ir para casa contar tudo à mamãe? Enquanto hesitava, muitas risadas vieram do interior da casa. Uma era de menino, e tão gostosa que não deixava dúvidas quanto ao sentimento que o animava no momento. Ela entrou. O menino estava em pé sobre o tapete fronteiro à lareira, em atitude arrogante. Robusto, tinha ombros largos e uma elegância quase de adulto. E era maior do que ela, se bem que muito mais moço. Suas roupas estavam sujas e desalinhadas. Sorriu para Marianne, que, por alguma estranha razão, não se pôde mover. Ficou hirta e desajeitada, contra a parede, com o coração pulando de tal maneira que se sentiu mal, quase a desmaiar. Seus olhos negros, expressivos, não viam Marguerite sentada ao lado do dr. Ozanne na outra extremidade da sala desarrumada; eles estavam fixos no



Você deve ir à nossa casa, para brincar com elas, — disse Sophie.

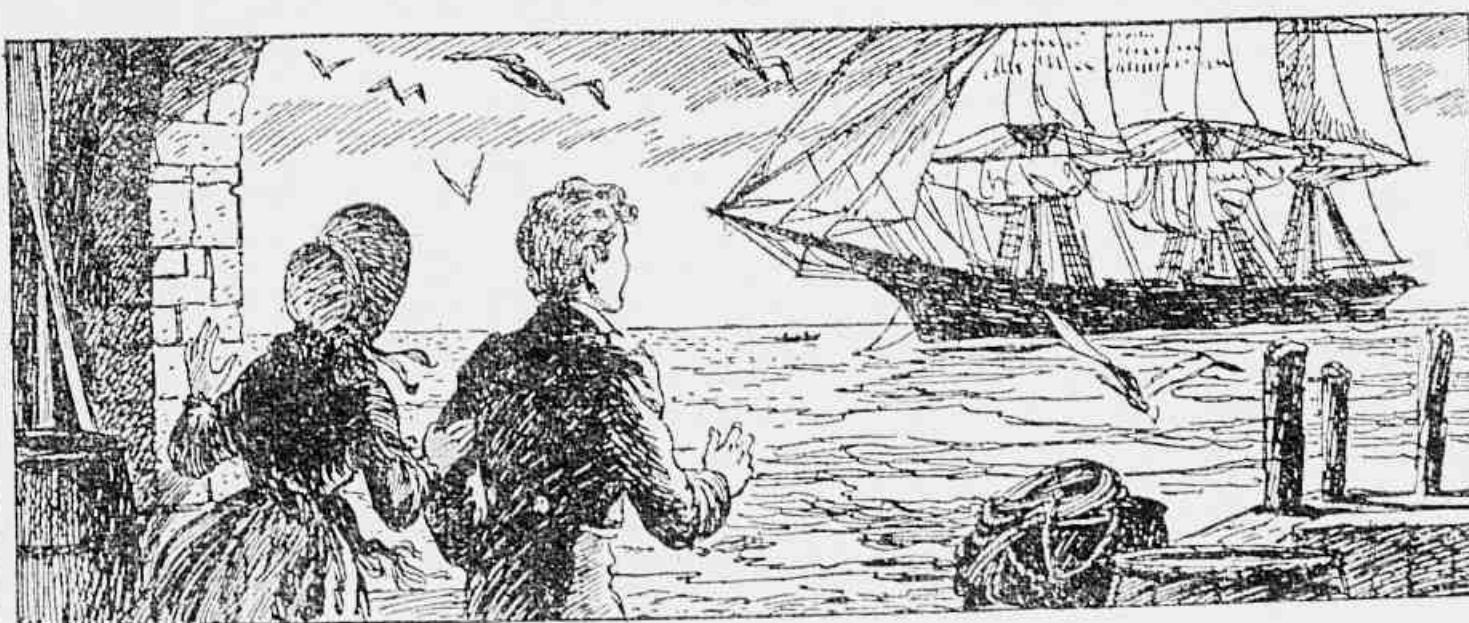
menino. Marianne estava amando, amando aos 16, mas amando desesperadamente, como o fizera Julieta, e a um menino que, por maduro que parecesse, não passava dos 13 anos. Era um absurdo.

Foi nesse momento que Sophie Le Patourel entrou. O dr. Ozanne, pondo-se de pé, quase foi ao chão. — Bem-vindo ao novo lar, dr. Ozanne, — disse Sophie gentilmente. — Vim buscar minhas levadas pequenas, que receio se tenham intrometido aqui. — Pegou as filhas e olhou para o menino. — Este deve ser William, — disse ela. E para ele: — Você precisa ir lá em casa, brincar com as meninas. — E, com este convite, Sophie dispôs das vidas de William, Marianne e Marguerite, e as ligou para sempre.



Os dois dançavam sobre os seixos.

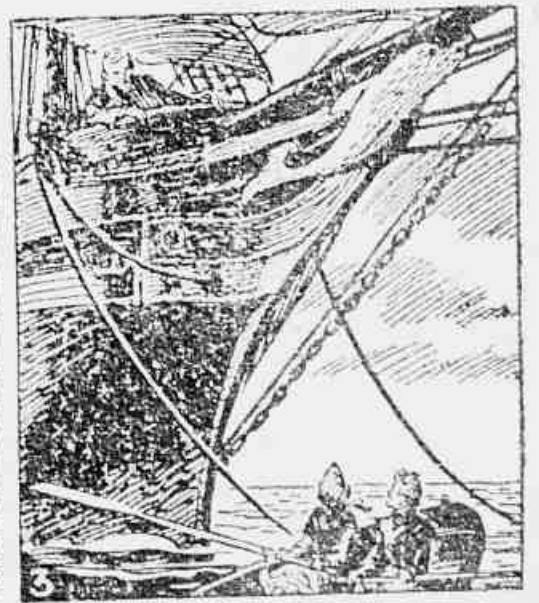
A ilha era mesmo um bom e belo lugar! O ar puro e fresco atingia William Ozanne em plena face, produzindo uma sensação vivificante. Desde o convite de Sophie Le Patourel para visitar Le Paradis e "brincar" com suas filhas, William não fizera outra coisa. E naquela manhã ele tinha marcado um banho de mar, bem cedinho, com Marianne. Ele mal acendera o fogo na cozinha, quase queimando o rosto, quando Marianne chegou. Pouco depois saíram, levando nos ouvidos as despedidas alegres do Velho Nick, o papagaio. Riram e saíram para o morno e brilhante sol da rua do Delfim Verde, e em pouco estavam diante do mar, com a água fria lambendo-lhes os pés. — Veja! — exclamou William. — Está vendo? Lá adiante estava o mais perfeito navio que qualquer dos dois



Veja! — berrou William. — Está vendo? — E eles admiraram a grande nau.

já vira em toda a vida. William estava excitado. Era um menino de Londres e este mundo de navios e o mar eram novidades para ele; se bem que lhe estivessem no sangue. Marianne já vira muitos navios na baía de St. Pierre, mas nunca um como aquele.

— E' uma fragata, — disse ela. — Eu já li a respeito e vi retratos delas. — E os dois ficaram imóveis, impressionados pelas belas linhas da nau. — Olhe! — gritou de repente William. Lá, sob a ponte, estava um pequeno bote a remo, amarrado a um anel de ferro do pilar. O mesmo pensamento flocou na mente de ambos e, num instante, estavam em ação, Marianne pegando um dos pesados remos e passando o outro para William. — Vamos os dois juntos, — disse Marianne em voz baixa. — Num instante você aprende.



Muito bom dia para vocês!

E momentos depois, William tinha aprendido, juntamente com um novo respeito por Marianne, que suplantava tudo o que ele já sentira por uma mulher. — Um, Dois. Três, — comandava ela. — Um, Dois. Três. Muito bem, William. — E William impava de orgulho. Os remos mergulhavam na água. — Agora! — disse Marianne suavemente. Pararam de remar e William olhou para cima. Havia alcançado a popa da nau e estavam sob a insígnia vermelha da marinha mercante. Dois pares de olhos espantados subiram pela vastidão do casco às complicações dos mastros e veias. — Muito bom dia para vocês! — reboou uma voz posante, como corneta de nevoeiro. — Capitão Denis O'Hara, às suas ordens. Subam a bordo do Delfim Verde, para comer alguma coisa.

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Este folhetim continua
na próxima semana,
nestas mesmas páginas

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate
Tradução de JORGE A. FORTES



O olho bom de Nat reluziu.



São cabeças de homens! — ofegou Marianne. O capitão O'Hara riu.



Deu um presente a cada um.

MAL acabou de soar a voz potente do capitão O'Hara e caiu uma escada de corda por sobre a amurada do "Delfim Verde". Marianne subiu com toda a facilidade; William se atrapalhou um pouco. Mas, afinal chegou ao topo e o capitão O'Hara os levou ao seu camarote. Ele gritou por Nathaniel e, logo, um homenzinho com cara de macaco entrou na cabine. — Nat, seu diabo, — berrou o capitão, — ande ligeiro com essa boia! — Nat sorriu para Marianne e William e saiu depressa. Os dois jovens estavam chocados pela feiura do homenzinho. Um lado do seu rosto era completamente desfigurado, e o olho, feito de vidro verde, tanto se parecia a um olho como os calhaus na boca do capitão O'Hara pareciam com dentes. Num instante Nat estava de volta com a refeição. Seu olho bom reluziu amavelmente para Marianne, quando depositou a comida sobre a mesa.

Agora, garfos e facas em ação, — comandou o capitão O'Hara. Mas, antes de se sentar, Marianne pousou os olhos sobre três estranhos objetos tatuados que pendiam do teto. — São cabeças de homens! — gaguejou ela, horrorizada.

— São, são, — disse o capitão O'Hara. — Cabeças tatuadas de canibais. Os nativos da Nova Zelândia fazem boa exportação delas, e conseguem excelentes preços em toda a Europa. — A seguir, enquanto comiam, regalou os jovens com estranhas histórias do grande mundo que havia além. Eles ouviram em fascinado horror. As bochechas de William estavam em fogo, seus olhos pareciam brancos; Marianne, imobilizada, com as mãos no regaço e os olhos pregados no capitão O'Hara, que, com suas histórias, levantava-lhes a cortina de um mundo tão vasto e belo, tão terrível, cheio de maravilhas.

— E, agora, é melhor que vocês vão indo para casa, —

a voz do capitão quebrou o encanto. Ele se ergueu e remexeu atrás de uma cortina, trazendo na mão dois embrulhos. Um era uma pequena e esquisita caixa esculpida, contendo um bonito par de brincos de pedras verdes. — Da Nova Zelândia, — disse ele, apresentando Marianne. — Agora, pode verificar que aqueles assassinos também sabem fazer coisas bonitas, hein? E o verde é a sua cor. Bem vejo. — A William ele deu uma faca com cabo de madeira trabalhado, com bainha também trabalhada.

— Os Maoris usam facas assim, meu filho. Agora sente-se aí e grave suas iniciais na minha velha mesa. Nat ajudou-os a desembarcar e, quando se afastavam, eles viram seus lábios retorcidos, numa tentativa de sorriso. Nunca esqueceriam aquele dia. — Adeus, Nat! — gritaram. — Adeus, "Delfim Verde"! Adeus! Adeus!



Ela se mostrava ferina e sarcástica cada vez que ele errava.



Ela estava linda.



Vários vasos de guerra estavam em visita à ilha.

MARIANNE Le Patourel e William Ozanne nunca mais esqueceram aquele dia passado com o capitão O'Hara e com Nat a bordo do "Delfim Verde". A voz do rude e velho capitão e o simiesco Nat ficaram com eles durante semanas. — Eu vou ser marinheiro, — repetia sempre William... e seria assim mesmo. Mas foi só pelo insistente esforço de Marianne que a coisa veio a realizar-se. E que alegria foi a entrada de William para a armada! A luta para dinamizar o indolente William revolucionou as duas famílias, o doutor de um lado e os Le Patourel de outro, transformando-as numa só unidade. Mas, ainda que a custo, o milagre foi conseguido.

Inteligentemente manobrado por Marianne, seu pai, Octavius, um dos homens mais ricos da ilha, meteu a mão no bolso e custeou a educação militar e o treinamento de William. O dr. Ozanne nunca quis

"permitir" aquela empresa. E, se não fosse por Marianne, William não teria passado num só exame. Ela fiscalizava-lhe os estudos e o criticava sarcasticamente, sempre que ele se mostrava relapso ou incapaz. Os anos correram, até que houve um dia de festa na ilha. O governador ia passar em revista a milícia. Os ilhéus tinham orgulho dessa milícia, cuja existência era longa. A revista não seria mais um ensaio de guerra, como em outros tempos, mas um grande acontecimento social e um dia feriado. Vários navios de guerra da armada estavam em visita às ilhas e suas tripulações tomariam parte nos festejos. E William estava a bordo do "Orion"! O lar dos Le Patourel, como todos os lares da ilha, estava em francos preparativos. Marguerite dançava toda feliz pelo quarto, que ainda partilhava com a irmã. Estava com 17 anos e William com 19, e eles se

amavam. William ainda não sabia, mas Marguerite sabia....

— Pelo amor de Deus, pare de saracotear em torno de mim! — gritou Marianne, exasperada com as piuretas que a outra fazia em frente ao espelho. Marguerite deu uma risada e saiu do aposento, sob o olhar carinhoso de Marianne. Sim, ela era linda, pensou Marianne. Já tivera três propostas de casamento, aos 17, enquanto ela, Marianne, aos 22, tivera apenas uma: e de um viúvo! Os rapazes, inclusive William, ficavam assustados com a inteligência de Marianne e temiam sua crítica ferina. Entretanto, ela estava tão certa de conquistar o amor de William quanto Marguerite... Talvez até mais certa, pois enquanto Marguerite nada fizera ainda para vencer o homem que amava, Marianne, a caçadora, já lançara todas as redes para envolvê-lo.



Elas admiravam o colorido espetáculo.



William estreitava a mão de Marguerite.



Eles a escolheram! — gritou William, puxando-a para a casa.

DE sua carruagem, Sophie Le Patourel e as filhas, Marianne e Marguerite, resplandescentes em seus trajes de festa, admiravam o colorido espetáculo da revista. Repentinamente, as duas mocinhas perderam o interesse, pois seus olhos localizavam William Ozanne, de pé, num carro não muito distante. Quase ao mesmo tempo, William as tinha visto também, e saiu apressadamente ao seu encontro. Ele se desenvolvera bastante desde que entrara para a marinha. Parecia ter muito mais de 19 anos. Estava alto, musculoso e de ombros largos. Seus cabelos ruivo-dourados estavam ondulados como sempre, e seus olhos escuros, alegres. Marguerite saudou-o ardentemente.

— Temos sanduíches de lagosta, William, — sussurrou ela.

— Foi por isto que vim. — sussurrou ele em resposta.

— Sentí o cheiro deles lá da carruagem de suas excelências. — William segurava-lhe a mão estreitamente e ela sabia que ele não viera por causa dos sanduíches de lagosta. Marianne com um olhar rápido inteirou-se do que se passava e virou-se para outro lado. O quadro das mãos entrelaçadas a havia chocado. Os canhões do forte salvaram. A revista estava terminada e a linha vermelha de militares partiu-se, numa desordem feliz, cada homem em busca de sua família. William almoçou com os Le Patourel, depois do que ele e Marguerite escapuliram mansamente. Fora das vistas da multidão, no cimo do penhasco, eles se deram de novo as mãos e assim seguiram, conversando alegremente. Logo alcançaram a vila de St. Pierre-du-Bois, um pequeno aglomerado de casas na borda da floresta. Em qualquer outro dia St. Pierre-du-Bois estaria vazia e deserta, pois os homens

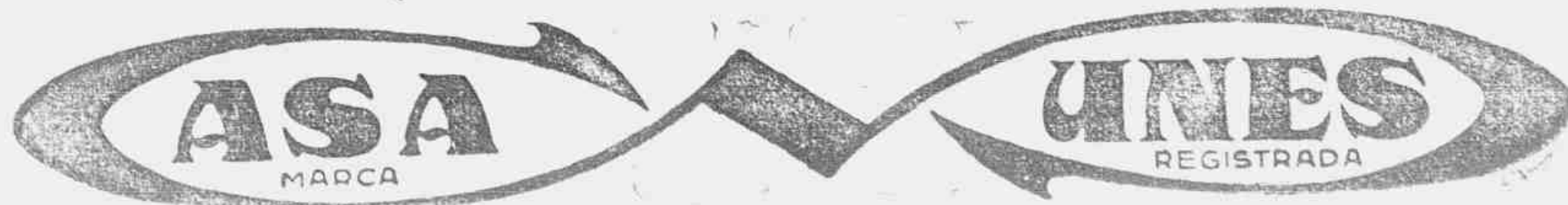
estariam nas matas, caçando, ou no mar, pescando, e as mulheres ocupadas nos serviços domésticos; mas hoje, grupos alegres de homens, mulheres e crianças conversavam nas ruas, em roupas multicores, os homens com brachadas de flores, e passando de casa em casa, para ver qual a que tinha o mais lindo trono. A casa escolhida seria o cenário de uma brincadeira, uma festa, cuja heroína seria a mais linda moça do vilarejo. William e Marguerite pararam um pouco e ficaram assistindo a bonita cena. Então o risinho pessoal mergulhou num mar de cores que se estendia à frente de uma casinha, e nela entrou. De dentro, repentinamente, veio uma gritaria alegre, entrecortada de risos. William pegou a mão de Marguerite e os dois correram para a casa.

— Eles a escolheram! gritou ela.



Mobiliarios -- Tapeçarias -- Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO

Minister

CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz



Himmel